SCOTT HAHN



O BANQUETE DO CORDEIRO

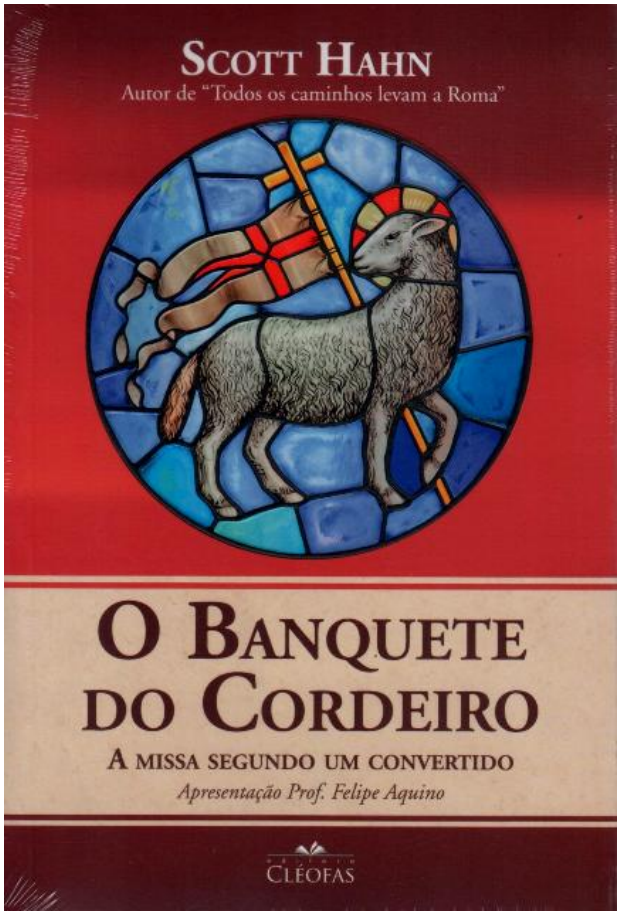
A MISSA SEGUNDO UM CONVERTIDO

Apresentação Prof. Felipe Aquino

CLEOFAS

Edições Loyola

O Banquete do Cordeiro



Antes de se converter ao catolicismo Scott Hahn passou a assistir a Santa Missa e ficou maravilhado com o que viu; a Bíblia estava diante dos seus olhos; e quando ouviu pela primeira vez o sacerdote pronunciar as palavras da Consagração: "Isto é o meu corpo... Este é o cálice do meu sangue", sentiu que todas as suas dúvidas se dissiparam. Sendo conhecedor profundo da Bíblia; em especial do Apocalipse, entendeu que a Missa antecipava a festa de núpcias de Cristo com a Igreja, a Noiva do Cordeiro, que São João descreve no final do livro. Sentiu-se diante do trono do Céu, onde Jesus é saudado para sempre como o Cordeiro de Deus. "Vamos ao Céu quando vamos à Missa... A Missa é o Céu na terra". Dr. Scott Hahn nos ajuda a mergulhar profundamente neste Santo Mistério.

Índice

Parte 1 – O Dom da Missa

Capítulo 1 – No Céu Agora Mesmo

Capítulo 2 – A História do Sacrifício

Capítulo 3 – A Missa dos primeiros cristãos

Capítulo 4 – Saboreie e Veja (e Ouça e Toque) o Evangelho

Parte 2 – A Revelação de Deus

Capítulo 1 – “Voltei-me para olhar”

Capítulo 2 – A História do Sacrifício

Capítulo 3 – A Missa dos primeiros cristãos

Capítulo 4 - O Dia do Juízo

Parte 3 – O Apocalipse na Missa

Capítulo 1 - Erguer o Véu - Como ver o invisível

Capítulo 2 - Culto é Luta

Capítulo 3 - A Ideia de Paróquia

Capítulo 4 - O Rito dá Forças

1 – O Dom da Missa

Capítulo 1 – No Céu Agora Mesmo

Ao estudar os escritos dos primeiros cristãos, Scott, encontra inúmeras referencias à "liturgia", à "Eucaristia", ao "sacrifício".

Foi então a Santa Missa (logicamente incógnito, visto que era um ministro protestante, calvinista), como um exercício acadêmico.

Como calvinista, foi instruído para acreditar que a Missa era o maior sacrilégio que alguém poderia cometer. Pois para eles a Missa era um ritual com o propósito de "sacrificar Jesus Cristo outra vez".

Entretanto à medida que a Missa prosseguia, alguma coisa o toca.

A Bíblia estava diante dele! Nas palavras da Missa!! Isaías, Salmo, Paulo... Não obstante, manteve sua posição de espectador, à parte, até que ouve o sacerdote pronunciar as palavras da consagração: "Isto é o meu corpo... Este é o cálice do meu sangue".

Então sentiu todas as suas dúvidas se esvaírem. Quando viu o sacerdote elevar a hóstia, percebeu que uma prece subia do seu coração em um sussurro: Meu Senhor e meu Deus. Sois realmente vós!"

Quando não foi maior sua emoção ao ouvir toda a igreja orar: "Cordeiro de Deus... Cordeiro de Deus... Cordeiro de Deus" e o sacerdote dizer: "Eis o Cordeiro de Deus...", enquanto elevava a hóstia.

Em menos de 1 min. a frase "Cordeiro de Deus" ressoou 4 vezes. Graças a longos anos de estudo bíblicos, percebeu imediatamente onde estava. Estava no livro do Apocalipse, no qual Jesus é chamado de Cordeiro nada menos que 28 vezes em 22 capítulos.

Estava na festa de núpcias que João descreve no final do último livro da Bíblia.

Estava diante do trono do céu, onde Jesus é saudado para sempre como o Cordeiro.

Entretanto, não estava preparado para isso - Ele estava na MISSA!

Fumaça Santa

Scott volta à Missa por 2 semanas, e a cada dia "descobria" mais passagens das Escrituras consumadas diante de seus olhos.

Contudo, naquela capela, nenhum livro lhe era tão visível quanto o da revelação de Jesus Cristo, o Apocalipse, que descreve a adoração dos anjos e santos de céu.

Como no livro, ele vê naquela capela, sacerdotes paramentados, um altar, uma assembleia que entoava: "Santo, Santo, Santo". Viu a fumaça do incenso, ouviu a invocação de anjos e santos... ele mesmo entoava os aleluias, porque se sentia cada vez mais atraído a essa adoração.

A cada dia se desconcertava mais, e não sabia se voltava para o livro ou para a ação no altar, que pareciam cada vez mais ser exatamente a mesma!

Mergulhou nos estudos do cristianismo antigo e descobriu que os 1ºs bispos, os Padres da igreja, tinham feito a mesma descoberta que ele fazia a cada manhã.

Eles consideravam o livro de Apocalipse a chave da liturgia e a liturgia a chave do livro do Apocalipse.
Scott começa descobrir que o livro que ele mais achava desconcertante, agora elucidava as ideias mais fundamentais de sua fé: A ideia da aliança como elo sagrado da família de Deus.

Além disso, a ação que considerava a maior das blasfêmias - a Missa - agora se revela o acontecimento que ratificou a aliança de Deus: "Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança".

Scott estava aturdido, pois durante anos tentou compreender esse livro como uma espécie de mensagem codificada a respeito do fim do mundo, a respeito do culto no céu distante, algo que os cristãos não poderiam experimentar aqui na terra!

Agora, queria gritar a todos dentro daquela capela durante a liturgia: "Ei, pessoal. Quero lhes mostrar onde vocês estão no livro do Apocalipse! Consultem o cap.4, vers. 8.

Isso mesmo! AGORA mesmo vocês estão no céu!!! No céu agora mesmo!!"

Passaram-me para trás!!!

Os padres da igreja mostraram que essa descoberta não era de Scott.

Pregaram a respeito há mais de mil anos.

Scott, no entanto, estava convencido de que merecia o crédito pela redescoberta da relação entre Missa e o livro do Apocalipse.

Então, para sua surpresa, descobre que o Concílio Vaticano II o tinha passado para trás.

Reflitam nestas palavras da Constituição sobre a Sagrada Liturgia:

Na liturgia terrena, antegozando, participamos da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos encaminhamos.

Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro; com toda milícia do exército celestial entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que ele, nossa vida se manifeste, e nós apareçamos com Ele na glória.

Espere um pouco. Isso é céu. Não, isso é Missa. Não, é o livro do Apocalipse.

Espere um pouco: Isso é tudo o que está acima!

Scott se acalma, para não ir rápido demais, para evitar os perigos aos quais os convertidos são susceptíveis.

Pois, ele estava rapidamente se convertendo à fé católica!!

Contudo, essa descoberta não era produto de uma imaginação superexcitada; era o ensinamento solene de um “concílio da Igreja Católica".

Com o tempo, Scott descobre que essa era também a conclusão inevitável dos estudiosos protestantes mais rigorosos e honestos.

Um deles, Leonard Thompson, escreveu que "até mesmo uma leitura superficial do livro de Apocalipse mostra a presença da linguagem litúrgica disposta em forma de culto...".

Basta as imagens da liturgia para tornar esse extraordinário livro compreensível.

As figuras litúrgicas são essenciais para sua mensagem, escreve Thompson, e revelam "algo mais que visões de 'coisas que estão por vir'".

Atrações Futuras

O livro do Apocalipse tratava de Alguém que estava por vir.

Tratava de Jesus Cristo e sua "segunda vinda", a forma como, em geral, os cristãos traduziram a palavra grega parousia.

Depois de passar horas e horas naquela capela, Scott aprende que aquele Alguém era o mesmo Jesus Cristo que o sacerdote católico erguia na hóstia.

Se os cristãos primitivos estavam certos, ele sabia que, naquele exato momento, o céu tocava a terra.

"Meu Senhor e meu Deus. Sois realmente vós!"

Ainda assim, restavam muitas perguntas sérias na mente e no coração de Scott:
Quanto à natureza do sacrifício.
Quanto aos fundamentos bíblicos da Missa.
Quanto à continuidade da tradição da tradição católica.
Quanto a muitos dos pequenos detalhes do culto litúrgico.

Essas perguntas definiram suas investigações nos meses que levaram a sua admissão na Igreja Católica.

Em certo sentido, elas continuam a definir seu trabalho de hoje.

"Porém agora ele não faz mais perguntas como acusador ou curioso, mas como filho que se aproxima do pai, pedindo o impossível, pedindo para segurar na palma da mão uma estrela luminosa e distante."

Scott não crê que Nosso Pai nos recuse a sabedoria que buscamos a respeito de sua Missa.

Ela é afinal de contas, o acontecimento no qual ele confirma sua aliança conosco e nos faz seus filhos.

Este livro é mais ou menos o que Scott descobriu enquanto investigava as riquezas de "nossa tradição católica".

Nossa herança inclui toda a Bíblia, o testemunho ininterrupto da Missa, os constantes ensinamentos dos santos, a pesquisa dos estudiosos, os métodos de oração contemplativa e o cuidado dos papas e bispos.

Na Missa, você e eu temos o céu na terra.

As provas são prodigiosas.

A experiência é uma revelação!

Capítulo 2 – A História do Sacrifício

A frase da Missa que venceu Scott foi "Cordeiro de Deus", porque ele sabia que esse Cordeiro era o próprio Jesus Cristo.

Recitamos esse Cordeiro de Deus na Missa, exatamente o mesmo número de vezes que vimos o sacerdote elevar a hóstia e proclamar: "Eis o cordeiro de Deus..."

O Cordeiro é Jesus!

Isso não é novidade; e é o tipo de fato que escondemos: afinal de contas Jesus é muitas coisas: é Senhor, Deus, Salvador, Messias, Rei, Sacerdote, Profeta... e Cordeiro!

O último título não é como os outros. Os sete 1ºs são títulos com os quais nos dirigimos tranquilamente a um Deus-Homem.

São títulos com dignidade, que sugerem sabedoria, poder e posição social.

Mas Cordeiro?

Scott nos pede para nos desfazermos de dois mil anos de sentido simbólico acumulado. Que finjamos por um momento que jamais entoamos o "Cordeiro de Deus!!".

A Respeito do Cordeiro

Esse título parece quase cômico de tão inadequado.

Em geral, cordeiros não ocupam os primeiros lugares das listas de animais mais admirados.

Não são particularmente fortes, nem espertos, sagazes ou graciosos.

E outros animais parecem mais merecedores.

Por exemplo: É fácil imaginarmos Jesus como o Leão de Judá (Ap 5,5).

Os leões são majestosos, fortes e ágeis, ninguém mexe com o rei dos animais.

Mas o Leão de Judá desempenha papel efêmero no livro do Apocalipse.

Ao mesmo tempo, o Cordeiro prevalece e a parece nada menos que vinte e oito vezes.

O Cordeiro governa e ocupa o trono de céu (Ap 22,3).

É o Cordeiro quem lidera um exército de centenas de milhares de homens e anjos, e acende o medo nos corações dos ímpios (Ap 6, 15-16).

Esta última imagem, do Cordeiro feroz e assustador, é quase absurda demais para imaginarmos sem sorrir!

No entanto, para João, esse assunto do Cordeiro é sério!

Os títulos "Cordeiro" e "Cordeiro de Deus" aplicam-se a Jesus quase exclusivamente nos livros do novo testamento atribuídos a João: o quarto evangelho e o Apocalipse.

Embora outros livros neotestamentários (Ap 8,32-35; IPd 1,19) digam que Jesus é "como" um cordeiro em certos aspectos, só João ousa "chamar" Jesus "o Cordeiro" (Jo 1,36 e Ap todo).

Sabemos que o cordeiro é fundamental para a Missa e também para o livro do Apocalipse.

E sabemos "quem" o Cordeiro é.

Entretanto, se queremos experimentar a Missa como o céu na terra, precisamos saber mais.

Precisamos saber o "que" o Cordeiro é e "por que" o chamamos "Cordeiro".

Para descobrir, temos de voltar no tempo, quase até o início...

Pão Salutar

Para o antigo Israel, o cordeiro identificava-se com o sacrifício, que era uma das formas mais primitivas de adoração.

Já na 2ª geração descrita no Gênesis, encontramos na história de Caim e Abel, o 1º exemplo registrado de uma oferenda sacrifical: "Caim trouxe ao Senhor uma oferenda de frutos da terra; também Abel trouxe primícias dos seus animais e a gordura deles" (Gn 4,3-4).

No devido tempo, encontramos holocaustos semelhantes oferecidos:

Por Noé (Gn 8,20-21)
Abraão (Gn 15,8-10; 22,13)
Jacó (Gn 46,1) e outros.

No Genesis, os patriarcas estavam sempre construindo altares, e estes serviam primordialmente para sacrifícios.

Entre os sacrifícios do Gênesis, dois merecem nossa atenção:
- Melquisedec (Malki-Sédeq, Gn 14,18-20)
- e o de Abraão e Isaac (Gn 22).

Melquisedec surge como o 1º sacerdote mencionado na Bíblia e muitos cristãos (Hb 7,1-17) o consideram precursor de Jesus Cristo.

Melquisedec era sacerdote e rei, combinação estranha no AT, mas que, mais tarde, foi aplicada a Jesus.

Ele é descrito como rei de Shalem, terra que depois seria "Jeru-salém" que significa "Cidade da Paz" (Sl 76,2).

Um dia Jesus surgiria como rei da Jerusalém celeste e novamente como Melquisedec, "Príncipe da Paz".

Em conclusão, o sacrifício de Melquisedec foi extraordinário por "não envolver animal algum".

Ele ofereceu "Pão e Vinho", como Jesus fez na Última Ceia, quando institui a Eucaristia.

O sacrifício de Melquisedec terminou com uma bênção sobre Abraão.

O alcance de Moriá

O próprio Abraão revisitou Shalem, alguns anos mais tarde, quando Deus o chamou para fazer um sacrifício definitivo.

Em Gn 22, Deus diz a Abraão: "Toma o teu filho, o teu único, Isaac, que amas. Parte para terra de Moriá e lá oferecerás em holocausto sobre uma das montanhas que eu te indicar" (v2).

A tradição israelita, registrada em 2Cr 3,1, identifica Moriá com o local do futuro Templo de Jerusalém.

Para lá, Abraão viajou com Isaac, que carregou nos ombros a lenha para o sacrifício (Gn 22,6).

Quando Isaac perguntou onde estava a vítima, Abraão respondeu: "Deus providenciará Ele mesmo uma ovelha para o holocausto, meu filho" (v8).

No fim, o anjo Deus impediu que a mão de Abraão sacrificasse seu filho e forneceu um carneiro para ser sacrificado.

Nessa história, Israel discerniu o juramento da aliança de Deus para fazer dos descendentes de Abraão uma nação poderosa: "juro-o por mim mesmo... Por não teres poupado seu filho, comprometo-me a fazer proliferar tua descendência tanto quanto as estrelas do céu... é nela que se abençoarão todas as nações da terra" (Gn 22,16-17).

Esse foi o reconhecimento de dívida que Deus deu a Abraão; também seria a apólice de seguro de vida de Israel.

No deserto do Sinai, quando o povo escolhido mereceu a morte por adorar o bezerro de ouro, Moisés invocou o juramento de Deus a Abraão, a fim de salvar o povo da cólera divina (Ex 32,13-14).

Mais tarde os cristãos consideraram a narrativa de Abraão e Isaac uma profunda alegoria do sacrifício de Jesus na cruz.

As semelhanças eram muitas:
1º-Jesus, como Isaac, era o filho único querido de um pai fiel.
2º-Também como Isaac, Jesus carregou morro acima a madeira para seu sacrifício, que foi consumado em uma colina de Jerusalém.

De fato, o local onde Jesus morreu, o calvário, era um dos morros da cadeia de Moriá.

Além disso, o primeiro versículo do NT identifica Jesus como Isaac, ao dizer que Ele é "filho de Abraão" (Mt 1,1).

Para os leitores cristãos, até as palavras de Abraão se mostraram proféticas. Lembre-se de que não havia pontuação no original hebraico e pense em uma interpretação alternativa de Gn 22,8: "Deus se dá a si mesmo, o Cordeiro, para o holocausto".

O Cordeiro pronunciado era Jesus Cristo, o próprio Deus - "para que a bênção de Abraão alcance os pagãos em Jesus Cristo" (Gl 3,14 veja também Gn 22,16-18).

Magnetismo animal

No tempo da escravidão de Israel no Egito, está claro que o sacrifício ocupa uma parte essencial e fundamental da religião de Israel.

Os capatazes do faraó escarnecem dos frequentes sacrifícios dos israelitas, afirmando serem apenas uma desculpa para evitar o trabalho (Ex 5,17).

Mais tarde quando Moisés faz um apelo a Faraó, sua exigência principal é o direito dos israelitas oferecerem sacrifícios a Deus (Ex 10,25).

O que significam todas essas oferendas? O sacrifício animal significava muitas coisas para os antigos israelitas:

-Era o "reconhecimento da soberania" de Deus sobre a criação: "Ao Senhor, a terra e sua riquezas" (Sl 24,1). Assim o sacrifício louvava a Deus, de quem fluem todas as bênçãos.

-O sacrifício era um ato de "agradecimento". A criação foi dada ao homem como dádiva.

-Às vezes, o sacrifício servia para "ratificar solenemente uma acordo ou juramento, uma aliança diante de Deus" (Gn 21,22-23).

-O sacrifício também era "ato de renúncia e tristeza pelos pecados". O que oferecia o sacrifício reconhecia que seus pecados faziam-no merecer a morte; em lugar de sua vida, oferecia a do animal.

A contagem das ovelhas

Mas, na história de Israel, o sacrifício principal foi a "*Páscoa*", que apressou a fuga dos Israelitas do Egito.

Foi na Páscoa que Deus instruiu toda família israelita a tomar um "animal sem defeito, sem ossos quebrados, degolá-lo e passar seu sangue na ombreira da porta".

Os israelitas deveriam comer o cordeiro naquela noite.

Se o fizessem, seus primogênitos seriam poupados.

Se não o fizessem, seus primogênitos morreriam durante a noite, juntamente com todos os primogênitos de seus rebanhos (Ex 12,1-23).

O cordeiro sacrifical morreu como expiação, em lugar do primogênito da casa.

A Páscoa então, foi um ato de redenção, um "resgate".

Contudo, Deus não apenas *resgatou* os primogênitos de Israel; também os consagrou como um "reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6) - uma nação que Ele chamou seu "filho primogênito" (Ex 4,22).

O Senhor pediu, então, aos Israelitas para comemorarem a Páscoa todos os anos e até deu as palavras que deveriam usar para explicar o ritual às gerações futuras: "Quando vossos filhos vos perguntarem: 'Que rito é esse que estais celebrando?', direis:

'É o sacrifício da Páscoa para o *Senhor*, que passou diante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando golpeou o Egito e libertou nossas casas'" (Ex 12, 26-27).

Na terra prometida, os israelitas continuaram os sacrifícios cotidianos a Deus, agora guiados pelos muitos preceitos da Lei, enumerados em Levítico, Números e Deuteronômio (Lv 7-9; Nm 28; Dt 16).

Dentro e fora

Era todo esse sacrifício apenas um ritual vazio? Não, embora, obviamente, o holocausto, por si só, não fosse suficiente.

Deus exigia também um sacrifício "*interior"*.

O salmista declarou que "o sacrifício que Deus quer é um espírito contrito" (Sl 51,19).

O profeta Oséias falou por Deus e disse: "Pois é o amor que me agrada, não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, eu o prefiro aos holocaustos" (Os 6,6).

Contudo, a obrigação de oferecer sacrifícios foi mantida.

Sabemos que Jesus cumpria as leis judaicas referentes ao sacrifício.

Ele celebrava a Páscoa todos os anos em Jerusalém e é de se presumir que comesse o cordeiro sacrificado, primeiro com a família e mais tarde com os apóstolos.

Afinal de contas, "isso não era facultativo”. Consumir o cordeiro era o único jeito de o judeu fiel "renovar a aliança com Deus", e Jesus era um judeu fiel.

Mas a importância da Páscoa na vida de Jesus foi mais que ritual, foi "fundamental para sua missão", um momento definitivo.

Jesus *é* o Cordeiro.

Quando Jesus estava diante de Pilatos, João observa que "era o dia da preparação da Páscoa, por volta da sexta hora" (Jo 19,14).

João sabia que era na sexta hora que os sacerdotes começavam a imolar os cordeiros pascais. Esse, então, é o momento do sacrifício do Cordeiro de Deus.

Em seguida, João relata que nenhum dos ossos de Jesus foi quebrado na cruz, "para que se cumprisse a Escritura" (Jo 19,36).

Que Escritura era essa? Êxodo 12, 46, que estipula que os ossos do Cordeiro da Páscoa não sejam quebrados.

Vemos, então, que o Cordeiro de Deus, como o cordeiro da Páscoa, é oferenda condigna, realização perfeita.

Na mesma passagem, João relata que fixaram uma esponja embebida em vinagre na ponta de um ramo de hissopo e a serviram a Jesus (Jo 19,29; Ex 12,22).

Hissopo era o ramo preceituado pela lei para borrifar o sangue do cordeiro na Páscoa.

Assim, essa ação simples marcou a realização da nova e perfeita redenção.

E Jesus disse: "Tudo está consumado".

Por fim, ao falar das vestes de Jesus na hora da crucifixão, João usa os termos exatos para os paramentos que o sumo sacerdote usava quando oferecia sacrifícios como cordeiro da Páscoa.

Ritos da vítima

O que concluímos disso? João nos deixa claro que *no novo e definitivo sacrifício da Páscoa, Jesus é sacerdote e também "vítima"*.

Isso se confirma nos relatos da Última Ceia contido nos três evangelhos, onde Jesus usa claramente a linguagem sacerdotal de sacrifício e libação, até quando descreve a si mesmo como a vítima.

"Isto é o meu corpo dado por vós... Esta taça é a nova Aliança em meu sangue derramado por vós" (Lc 22,19-20).

O sacrifício de Jesus realizou o que todo o sangue de milhões de ovelhas e touros e bodes jamais conseguiram.

"Pois é impossível que o sangue de touros e de bodes elimine os pecados" (Hb 10,4). Nem o sangue de um quarto de milhão de cordeiros salvaria a nação de Israel, muito menos o mundo.

Para expiar as ofensas contra um Deus que é bom, infinito e eterno, a humanidade precisava de um sacrifício perfeito: um sacrifício tão bom, puro e infinito quanto o próprio Deus. E esse era Jesus, o único que podia "abolir o pecado com seu próprio sacrifício" (Hb 9,26).

"Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1,36).

Por que Jesus tinha de ser um cordeiro e não um garanhão, um tigre ou um touro?

Por que o Apocalipse retrata Jesus como "um cordeiro que parecia imolado” (Ap 5,6)?

Por que a Missa precisa proclamá-lo como "Cordeiro de Deus"?

Porque só um cordeiro sacrifical se encaixa no padrão divino de nossa salvação.

Jesus era sacerdote além de vítima e como sacerdote fazia o que nenhum outro sacerdote fazia, pois este entrava "todos os anos no santuário com sangue estranho" (Hb 9,25) e mesmo então, só ficava pouco tempo antes que sua indignidade o obrigasse a sair.

Mas Jesus entrou no Santo dos Santos - o céu - de uma vez por todas, para oferecer-se como nosso sacrifício.

Além disso, pela nova Páscoa de Jesus, nós também nos tornamos um reino de sacerdotes e a Igreja do primogênito (Ap 1,6; Hb 12,23 e compare com Ex 4,22;19,6).

E com Ele entramos no santuário do céu toda vez que vamos à Missa.

Não ignore esta festa

Mas o que isso significa para nós hoje?

Como devemos "celebrar" nossa Páscoa?

São Paulo nos dá uma resposta: "Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Celebremos pois a festa... com pães sem fermento: na pureza e na verdade" (ICor 5,7-8).

Nosso cordeiro pascal é, então, pão sem fermento. Nossa festa é a MISSA! (ICor 10,15-21;11,23-32).

À luz clara da nova aliança, os sacrifícios da antiga aliança fazem sentido como preparação para o sacrifício único de Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote régio no santuário celeste.

E é esse sacrifício único que, na Missa, oferecemos com Jesus.

A essa luz, vemos as orações da Missa com clareza:

Nós vos oferecemos o seu Corpo e Sangue, sacrifício do vosso agrado e salvação do mundo inteiro. Olhai com bondade o sacrifício que destes à vossa Igreja.....(Oração eucarística IV).

...Vos oferecemos, ó Pai, dentre os bens que nos destes, o sacrifício perfeito e santo.

...Recebei, ó Pai, esta oferenda, como recebeste a oferta de Abel, o sacrifício da Abraão e os dons de Melquisedec. Nós vos suplicamos que ela seja levada à vossa presença... (Oração eucarística I).

Não basta Cristo ter derramado seu sangue e morrido por nós.

Agora também temos nosso papel a desempenhar.

Como aconteceu com a antiga aliança, acontece com a nova.

Quem quer expressar a aliança com Deus, ratificar a aliança com Deus, renovar a aliança com Deus *'tem de comer o Cordeiro - o cordeiro pascal que é nosso pão sem fermento*.

Começa a soar familiar. "Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54).

Retorno de Investimento

A necessidade primordial que o homem tem de adorar a Deus sempre se expressa no sacrifício: A adoração é simultaneamente ato de louvor, expiação, dádiva de si mesmo, aliança e ação de graças (em grego, *eucharistia*).

As várias formas de sacrifício tem um sentido positivo comum: A vida é entregue a fim de ser transformada e compartilhada.

Assim, quando falou de sua vida como sacrifício, Jesus tocou em uma corrente que corria no fundo das almas dos apóstolos - que corria no fundo das almas dos israelitas - que corre no fundo da alma de todo Ser Humano.

No séc. XX, Ghandi, que era hindu, chamou o "culto sem sacrifício" de absurdo da época moderna.

Mas, para nós católicos, a adoração não é isso.

Nosso ato supremo de culto é ato supremo de sacrifício, o banquete do Cordeiro, a MISSA!!!

O sacrifício é uma necessidade do coração humano.

Mas, até Jesus, nenhum sacrifício era adequado.

Lembre-se do SL 116,12: "Como retribuir ao Senhor todo o bem que me fez?".

Na verdade, como?

Deus sabia o tempo todo qual seria nossa resposta; "Erguerei a taça da vitória e chamarei o Senhor pelo seu nome" (SL 116,13).

Capítulo 3 – A Missa dos primeiros cristãos

O canibalismo e o "sacrifício humano" eram acusações graves sussurradas com frequência contra os primeiros cristãos.

Os apologistas cristãos primitivos encarregaram-se de rejeitá-las como boato sem fundamento.

Contudo, pelas lentes deformadas dos rumores dos pagãos, vemos qual era o elemento mais identificável da vida e do culto cristãos.

"Era a Eucaristia": a representação do sacrifício de Jesus Cristo, a refeição sacramental em que os cristãos consumiam o corpo e o sangue de Jesus.

Era a deturpação desses fatos de fé que levava a calúnias pagãs contra a igreja - embora seja fácil ver como os pagãos compreendiam mal.

Na igreja primitiva, só os batizados tinham permissão de participar dos sacramentos e os cristãos eram desencorajados até mesmo de conversar com não-cristãos a respeito desses mistérios fundamentais.

Assim a imaginação pagã corria solta, alimentada por pequenos fragmentos de fatos: "Isto é o meu corpo... Este é o cálice do meu sangue... Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue..."

Os pagãos sabiam que ser cristão era participar de alguns ritos estranhos e secretos.

Ser cristão era "ir à Missa", o que era verdade desde o primeiro dia da nova aliança.

Algumas horas depois de ressuscitar dos mortos, Jesus pôs à mesa com seus discípulos.

"(Ele) tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e lhes deu. Então os seus olhos se abriram... eles o haviam reconhecido na fração do pão" (Lc 24,30-31.35).

A centralidade da Eucaristia está evidente também na descrição concisa que os atos dos apóstolos fazem da vida na Igreja primitiva: "Eles eram assíduos aos ensinamentos dos apóstolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2,42).

Em I Cor,11 contem um verdadeiro manual de teoria e prática litúrgicas.

A carta de São Paulo revela sua preocupação em transmitir a forma exata da liturgia, nas palavras da instituição tiradas da Última Ceia de Jesus:

De fato, eis o que eu recebi do Senhor e o que vos transmiti: O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou pão e após ter dado graças, partiu-o e disse:

'Isto é o meu corpo, em prol de vós, fazei isto em memória de mim.'

Ele fez o mesmo quanto ao cálice, após a refeição, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto todas as vezes que dele beberdes, em memória de mim'" (I Cor 11,23-25).

Paulo ressalta a importância da doutrina da presença real e vê consequências funestas na descrença: "Pois quem come e bebe sem discernir o corpo come e bebe a própria condenação" (I Cor 11,29).

Missal Inspirado

Quando passamos dos livros do NT e passamos para outras fontes do tempo dos apóstolos e da época imediatamente posterior, notamos os mesmos temas.

O conteúdo doutrinário é idêntico e o permanece notavelmente parecido, até quando a fé se espalhou para outras terras e outras línguas.

O clero, os mestres e os defensores da igreja primitiva estavam unidos pelo interesse em preservar as doutrinas eucarísticas:

A presença real do corpo e sangue de Jesus sob as espécies de pão e vinho; a natureza sacrifical da liturgia; a necessidade de sacerdotes ordenados apropriadamente; a importância da forma ritual.

Assim, o testemunho das doutrinas eucarísticas da igreja é "ininterrupto", desde o tempo dos evangelhos até hoje.

Além dos livros do NT, o escrito cristão mais antigo que foi conservado é um manual litúrgico - que poderíamos chamar Missal- contido em um documento chamado Didaqué (grego para "instrução").

A Didaqué alega ser a coletânea da "instrução dos apóstolos" e foi provavelmente compilada em Antioquia, na Síria (veja At 11,26), em algum momento durante os anos 50-100 d.C.

A Didaqué usa a palavra "sacrifício" quatro vezes para descrever a Eucaristia, uma vez declarando simplesmente: "Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse...".

Na Didaqué também aprendemos que o dia usual da liturgia era o "dia do Senhor" e que era costume se arrepender dos pecados antes de receber a Eucaristia.

"Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro".

Quanto à ordem de sacrifício, a Didaqué apresenta uma oração eucarística de admirável lirismo. Encontramos sua repercussão em liturgias e hinos dos cristãos de hoje, orientais e também ocidentais:

Do mesmo modo como este pão partido tinha sido semeado sobre as colinas, e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu reino, porque tua é a glória e o poder... por meio de Jesus Cristo, para sempre.

Ninguém coma nem beba da Eucaristia, se não tiver batizado em nome do Senhor...

Tu, Senhor Todo Poderoso, criaste todas as coisas por causa do Teu Nome, e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam.

A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espiritual, e uma vida eterna por meio de teu servo...

Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja Santificada para o teu reino que lhe preparaste.

Raízes em Israel

A liturgia da Igreja primitiva recorreu bastante aos ritos a as Escrituras do antigo Israel, como faz nossa liturgia hoje.

No cap. II, analisamos como Jesus instituiu a Missa durante a festa da Páscoa.

Sua "ação de graças' - sua Eucaristia - cumpriu, aperfeiçoou e transcendeu o sacrifício pascal.

Essa ligação era clara para a primeira geração de cristãos, muitos dos quais eram judeus devotos.

Assim, as orações da Páscoa não demoraram a fazer parte da liturgia cristã.

Considere as orações a respeito do vinho e do pão sem fermento, na refeição pascal: "Bendito sejais, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira... Bendito sejais, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra..."

A frase: "Santo, Santo, Santo, o Senhor de todo poder, sua glória enche a terra inteira!" (Is 6,3) foi outro trecho do culto judaico que entrou imediatamente nos ritos cristãos.

Nós a encontramos no livro do Apocalipse, mas ela aparece em uma carta escrita pelo quarto Papa, Clemente de Roma, por volta de 96 dC.

Recordações da Todah

Talvez o "antepassado" litúrgico mais notável da Missa seja a Todah do antigo Israel.

Como a palavra grega Eucaristia, o termo hebraico Todah significa "oferenda de agradecimento" ou "ação de graças".

A palavra indica uma refeição sacrifical partilhada com amigos, a fim de celebrar a gratidão à Deus.

A Todah começa com a recordação de uma ameaça mortal e em seguida celebra a libertação divina do homem do homem daquela ameaça.

É forte expressão de confiança na soberania e na misericórdia de Deus.

O salmo 69 é um bom exemplo. A súplica insistente pela libertação (Ó Deus, salva-me)é, ao mesmo tempo, celebração da libertação futura ("Poderei louvar o nome do Senhor com um canto... Pois o Senhor ouve os pobres").

Talvez o exemplo clássico da Todah seja o Sl 22, que começa com: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?", que o próprio Jesus citou quando agonizava na cruz.

Com certeza os ouvintes reconheciam a referencia e sabiam que este cântico, que começa com um brado de desamparo, termina com uma triunfante nota de salvação.

Ao citar essa Todah, Jesus demonstrou sua esperança confiante na salvação.

As semelhanças entre a Todah e a Eucaristia ultrapassam seu sentido comum de ação de graças.

O cardeal (hoje Papa emérito Bento VI) Joseph Ratzinger escreveu: "Estruturalmente falando, a cristologia toda, na verdade a cristologia eucarística toda, está presente na espiritualidade da Todah do AT".

A Todah e também a Eucaristia apresentam a adoração por meio de palavra e refeição.

Além disso, a Todah, como a Missa, inclui uma oferenda não-sangrenta de pão sem fermento e de vinho.

Os rabinos antigos fizeram um vaticínio significativo a respeito da Todah:

"No tempo (messiânico) que há de vir todos os sacrifícios cessarão, exceto o sacrifício da Todah.

Esse jamais cessará em toda a eternidade" (pesiqta, I, p.159).

Não aceitai substitutos

Também de Antioquia, na Síria, vem nossa próxima testemunha para a doutrina eucarística da Igreja.

Por volta de 107 d.C., Santo Inácio, bispo de Antioquia, escreveu com frequência a respeito da Eucaristia, enquanto viajava a caminho do martírio.

Ele fala da Igreja como "lugar de sacrifício". E, aos filadelfos, ele escreveu:

"Preocupai-vos em participar de uma só Eucaristia. De fato, há só uma carne de nosso Senhor Jesus Cristo e um só cálice na unidade de seu sangue, um único altar, assim como um só bispo com o presbitério e os diáconos, meus companheiros de serviço".

Na carta aos esmirnotas, Inácio criticou os hereges que, já naquele tempo, negavam a verdadeira doutrina:

"Eles estão afastados da Eucaristia e da oração porque não professam que a Eucaristia é a carne nosso Salvador Jesus Cristo".

Ele aconselha os leitores quanto às características de uma verdadeira liturgia: "Considerai legítima a Eucaristia realizada pelo bispo ou por alguém que foi encarregado por ele".

Inácio falava do sacramento com um realismo que deve ter sido chocante para os que não estavam familiarizados com os mistérios da fé cristã.

Com certeza, foram palavras como as suas, tiradas do contexto, que alimentaram os boatos sem fundamento do Império Romano, que por sua vez, produziram acusações de canibalismo.

Nas décadas seguintes, a defesa da Igreja coube a um sábio convertido de Samaria chamado Justino.

Foi Justino que levantou o véu de silencio a respeito da liturgia antiga.

Em 155 d.C. ele escreveu ao imperador romano descrevendo o que agora, reconhecemos como sendo a Missa.

Vale a pena citar extensamente:

"No dia que se chama sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades e nos campos, e ai se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou dos escritos dos profetas."

Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos.

Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces... e por todos os outros espalhados pelo mundo inteiro, suplicando que nos conceda, já que conhecemos a verdade, ser encontrados por nossas obras como homens de boa conduta e observantes de que nos mandaram, e assim consigamos a salvação eterna.

Terminadas as orações, nos damos mutuamente o ósculo da paz. Depois àquele que preside aos irmãos é oferecido pão e uma vasilha com água e vinho; pegando-os, ele louva e glorifica ao Pai do universo, através do nome de seu Filho e do Espírito Santo.

E pronuncia uma longa ação de graças (em grego "eucharistia"), por ter-nos concedido esses dons que dele provem.

Quando o presidente termina as orações e a ação de graças, todo o povo presente aclama, dizendo: Amém.

Depois que o presidente deu ação de graças e todo o povo aclamou, os que entre nós se chamam ministros dão a cada um dos presentes parte do pão, do vinho e da água sobre os quais se pronunciou a ação de graças e os levam aos ausentes.".

Justino começa a descrição localizando-a diretamente no "dia que se chama do sol" - domingo - o dia em que Jesus ressurgiu dos mortos.

Essa identificação de "dia do Senhor" com o domingo é o testemunho universal dos cristãos primitivos.

Como dia principal de culto, o domingo realizou e substituiu o sétimo dia, o sábado dos judeus.

Foi no dia do Senhor, por exemplo, que João foi arrebatado "pelo Espírito" e teve a visão do Apocalipse (Ap 1,10).

Texto e Imagem

Justino explica o sacrifício e o sacramento da Igreja. Contudo, ele não minimiza a presença real.

Usa o mesmo realismo explícito de seu predecessor, Inácio: "...o alimento sobre o qual foi dita a ação de graças -alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne -é a carne daquele mesmo Jesus encarnado".

Ao falar com os judeus, Justino foi mais além e explicou que o sacrifício da Páscoa e os sacrifícios do Templo eram simplesmente prenúncios do único sacrifício de Jesus Cristo e sua representação na liturgia:

"A oferta da flor de farinha... que os que se purificam da lepra deviam oferecer, era figura do pão da Eucaristia, a celebração que nosso Senhor Jesus Cristo mandou oferecer".

Essa era a experiência católica, ou universal, da Eucaristia.
Entretanto, embora a doutrina permanecesse a mesma em todo o mundo, a liturgia era, na maior parte, um assunto local.

Cada bispo era responsável pela celebração da Eucaristia em seu território e, aos poucos, regiões diferentes criaram estilos próprios da prática litúrgica: sírio, romano, galicano etc.

No entanto, é notável o quanto essas liturgias - amplamente variadas como eram - tinham em comum.

Com poucas exceções, compartilhavam os mesmos elementos básicos: um rito de arrependimento, leituras das Escrituras, salmos entoados ou recitados, homilia, "hinos angelicais", oração eucarística e a sagrada comunhão.

As igrejas seguiam São Paulo ao tomar um cuidado especial para transmitir as palavras da instituição, as palavras que transformam o pão e o vinho no corpo e sangue de Cristo: "Isto é o meu corpo... Este é o cálice do meu sangue".

Aquele velho refrão familiar

A partir do início do séc. III, o registro em papiro revela maior preocupação com a preservação das palavras exatas das liturgias atribuídas aos apóstolos.

No início de 300 d.C., surge, no norte da Síria, outra compilação da tradição recebida: a *Didascália Apostolorum* ("O ensinamento dos apóstolos").

A Didascália inclui páginas de textos de oração e também instruções detalhadas para os papéis litúrgicos e cerimoniais de bispos, sacerdotes, diáconos, mulheres, crianças, jovens adultos, viúvas, órfãos e viajantes.

Por volta de 215 d.C., Hipólito de Roma compôs sua grande obra, A tradição apostólica, na qual registrou os ensinamentos litúrgicos e teológicos que a Igreja romana preserva desde o tempo dos apóstolos.

Uma parte estabelece um roteiro compacto de liturgia para a ordenação de sacerdotes.

Enquanto na descrição de Justino "vemos" nossa Missa, na obra de Hipólito nós a ouvimos.

Sacerdote: O senhor esteja no meio de nós.
Congregação: Ele está no meio de nós.
Sacerdote: Corações ao alto!
Congregação: O nosso coração está em Deus.
Sacerdote: Demos, graças ao Senhor nosso Deus.
Congregação: É nosso dever e nossa salvação.

Do mesmo período, encontramos os textos mais antigos das liturgias que reivindicam linhagem apostólica, as liturgias de São Marcos, São Tiago e São Pedro - ainda usadas em muitos lugares do mundo.

A liturgia de São Tiago era o rito preferido da antiga Igreja de Jerusalém, que proclamou Tiago seu primeiro bispo.

As liturgias de Tiago, Marcos e Pedro são teologicamente compactas, poéticas, ricas em citações das Escrituras.

Lembre-se que, como poucas pessoas sabiam ler e ainda menos tinham recursos para mandar copiar livros, a liturgia era ocasião em que os cristãos assimilavam a Bíblia.

Assim, desde os primeiros tempos da Igreja, a Missa foi impregnada das escrituras.

Embora suas palavras falem com eloquência do sacrifício de Cristo, as liturgias antigas repercutem igualmente em seus silêncios:

...Que toda carne mortal guarde silêncio, e se levante com medo e temor, e não medite em nada terreno.
Pois o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Cristo nosso Deus, apresenta-se para ser sacrificado e ser dado como alimento aos fiéis.
E as milícias celestes vão à frente dele, com todo poder e domínio, os querubins de muitos olhos e os serafins de seis asas, que cobrem a face e entoem em voz alta o hino:
Aleluia, Aleluia, Aleluia.

Lembre-se de tudo isto: os sons e os silêncios das primeiras Missas da Igreja.

Você vai encontrá-los de novo no céu, quando examinarmos o livro de Apocalipse mais atentamente.

Vai encontrá-los de novo no céu, quando for à Missa no domingo que vem.

Capítulo 4 – Saboreie e Veja (e Ouça e Toque) o Evangelho

Algumas pessoas de coração romântico gostam de pensar que o culto primitivo era puramente espontâneo e improvisado.

Gostam de imaginar os primeiros fiéis tão cheios de entusiasmo que o louvor e a ação de graças simplesmente transbordavam em profunda oração quando a Igreja se reunia para partir o pão.

Afinal de contas, quem precisa de Missal a fim de exclamar "eu te amo"?

Outrora Scott acreditava nisso. Entretanto, o estudo das Escrituras e da tradição o levaram a ver o bom senso da ordem no culto.

Enquanto Scott ainda era protestante, aos poucos foi sendo atraído à liturgia e procurou "formar uma liturgia" a partir das palavras das Escrituras. Scott não sabia que isso já tinha sido feito.

Já com São Paulo, vemos a preocupação da Igreja com a exatidão ritual e o cerimonial litúrgico.

Scott crê haver, boa razão para isso!

Scott pede para que algum romântico tenha paciência enquanto ele diz que "ordem e rotina" não são necessariamente más.

De fato, são indispensáveis para uma vida boa, piedosa e serena. Sem horários e rotinas, pouco realizaríamos em nosso dia de trabalho.

Sem frases pré determinadas, o que seriam nossos relacionamentos humanos?

Scott diz que nunca encontrou pais que se cansassem de ouvir os filhos repetirem antiga expressão: "Obrigado". Nunca encontrou esposos que se enjoassem de ouvir: "Eu te amo".

A fidelidade a nossas rotinas é um meio de demonstrar amor. Não trabalhamos por trabalhar, ou agradecemos ou damos afeto quando estamos inclinados a fazê-lo por fazê-lo.

Amores verdadeiros são amores que vivemos com constância se revela na rotina.

A liturgia forma hábitos

As rotinas não são apenas boa teoria. Funcionam na prática.

A ordem deixa a vida mais tranquila, mais eficiente e mais eficaz.

De fato quanto mais rotinas criamos, mais eficientes nos tornamos. As rotinas nos libertam da necessidade de cogitar a todo momento em pequenos detalhes; as rotinas deixam os bons hábitos tomar conta e libertam a mente e o coração a seguirem para frente e para o alto.

Os ritos da liturgia cristã são as frases pré determinadas que, através do tempo, se manifestaram: o obrigado dos filhos de Deus; o eu te amo da esposa de Cristo, a Igreja.

A liturgia é o hábito que nos faz altamente eficientes, não apenas na "vida espiritual", mas na vida em geral, pois a vida deve ser vivida em um mundo que Deus criou e redimiu.

A liturgia cativa a pessoa toda: corpo, alma e espírito.

Scott lembra a primeira vez que participou de uma liturgia católica, as Vésperas em um seminário bizantino.

Sua formação e seu treinamento calvinistas não o prepararam para a experiência - o incenso e os ícones, as prostrações e as reverências, o canto e os sinos.

Todos os seus sentidos foram absorvidos. Depois um seminarista pergunta a Scott: "O que achou?" Scott só consegue dizer: "Agora sei porque Deus me deu um corpo: Para adorar o Senhor com seu povo na liturgia".

Os católicos não apenas ouvem o Evangelho.
Na liturgia, nós a ouvimos, vemos, cheiramos e saboreamos.

A divisão de um bom momento

Talvez a frase em que ouvimos mais claramente o chamado à Missa seja a que ressoa na maior parte das liturgias do mundo todo, em toda a história da Igreja: "Corações ao alto!"

Aonde vão nossos corações? para o céu, pois a Missa é o céu na terra.

Contudo antes de perceber isso claramente (e eis um segredo: antes de entendermos o livro do apocalipse), temos de entender as partes da Missa.

Neste capítulo, vamos caminhar passo a passo pela liturgia, para ver como "funciona" cada elemento - de onde vem e para que serve.

Embora só tenhamos espaço para tratar de alguns dos principais detalhes, eles devem bastar para nos ajudar a contemplar a Missa e a descobrir sua lógica interior pois, se não entendermos as partes e o todo, a Missa poderá se tornar rotina tediosa, sem participação sincera; e esse é o tipo de rotina que dá má fama à rotina.

Primeiro, devemos entender que a Missa de divide realmente eu duas: a "liturgia da palavra" e a "liturgia eucarística".

Essas metades dividem-se ainda em rituais específicos.

Na Igreja latina, a liturgia da Palavra inclui: a entrada, os ritos iniciais, o ato penitencial e as leituras das Escrituras.

A liturgia eucarística divide-se em quatro partes: o ofertório, a oração eucarística, o rito da comunhão e os ritos finais.

Embora os atos sejam muitos, a Missa "é uma só oferenda", isto é, o sacrifício de Jesus Cristo, que renova nossa aliança com Deus Pai.

Os propósitos da cruz

É provável que, entre os cristãos primitivos, o sinal da cruz fosse a expressão de fé mais universal.

Aparece com frequência nos documentos do período.

Na maioria dos lugares, o costume era apenas traçar a cruz sobre a fronte.

Alguns autores (como São Jerônimo e Santo Agostinho) descrevem os cristãos traçando sobre a fronte, em seguida sobre os lábios e depois sobre o coração, exatamente como fazem os católicos ocidentais modernos antes da leitura do Evangelho.

Grandes santos também atestam o poder extraordinário do sinal. No séc. III, São Cipriano de Cartago escreveu que "no... sinal-da-cruz está toda virtude e todo poder... Neste sinal-da-cruz está a salvação para todos os marcados na fronte” (ref. aliás de Ap. 7,3 e 14,1).

Um século mais tarde, Santo Atanásio declarou que "pelo sinal-da-cruz toda mágica cessa e toda feitiçaria não dá resultado". Satanás é impotente diante da cruz de Jesus Cristo.

O sinal-da-cruz é o gesto mais profundo que fazemos.É o mistério do evangelho em um momento. É a fé cristã resumida em um único gesto.

Quando nos persignamos, renovamos a aliança que se iniciou com nosso batismo. Com nossas palavras, proclamamos a fé trinitária na qual fomos batizados. ("Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo").

Com a mão, proclamamos nossa redenção pela cruz de Jesus Cristo. O maior pecado da história da humanidade - a crucifixão do Filho de Deus - tornou-se o maior ato de amor misericordioso e de poder divino.

A cruz é o meio pelo qual somos salvos, pelo qual entramos em comunhão com a natureza divina. (veja 2Pd 1,4).

Trindade, encarnação e redenção - o credo todo passa como um raio naquele breve momento.

No Oriente, o gesto é ainda mais fecundo, pois os cristãos traçam o sinal juntando os três primeiros dedos (polegar, indicador e médio), separados dos outros dois (anular e mínimo): os três dedos juntos representam a unidade da Trindade, os dois dedos juntos representam a união das duas naturezas de Cristo, a humana e a divina.

Não é apenas um ato de culto. É também um lembrete de quem somos nós. "Pai, Filho e Espírito Santo" reflete um relacionamento familiar, a vida interior e a comunhão eterna de Deus.

A nossa é a única religião com um Deus que é uma família. O próprio Deus é uma "família eterna", mas por causa de nosso Batismo, ele é nossa família também.

O Batismo é um sacramento que vem da palavra latina para juramento (*sacramentum*) e por esse juramento estamos ligados à família de Deus.

Ao fazer o sinal da cruz, iniciamos a Missa com um lembrete de que somos filhos de Deus.

Também renovamos o juramento solene do Batismo. Fazer o sinal-da-cruz, então, é como jurar sobre a Bíblia num tribunal.

Prometemos que viemos à Missa para dar testemunho. Assim, não somos espectadores do culto, mas participantes ativos, testemunhas e juramos dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade.

Que Deus nos ajude.

Rito para os Pecados

Se estamos no banco das testemunhas, quem está sendo julgado? O ato penitencial deixa isso claro: nós.

As diretrizes litúrgicas mais antigas que temos, a *"Didaqué"*, dizem que um ato de confissão deve preceder nossa participação na Eucaristia.

Porém o bonito da Missa é que ninguém se levanta para nos acusar, a não ser nós mesmos. "Confesso a Deus todo-poderoso... que pequei... por minha culpa".

Pecamos. Não podemos negar. "se dissermos: 'Não temos pecado', enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós" (1Jo 1,9).

Além disso, diz a Bíblia, até o justo cai sete vezes por dia (veja Pr 24,16). Não somos exceção e a sinceridade exige que reconheçamos nossa culpa.

Até nossos pecados pequenos são assunto sério, pois cada um deles é uma ofensa contra um Deus de grandeza incomensurável.

Assim, na Missa, declaramo-nos culpados e então nos entregamos à misericórdia do tribunal celeste.

No "Kyrie", suplicamos a misericórdia de cada uma das três pessoas divinas da Trindade: "Senhor, tende piedade de nós. Cristo tende piedade de nós. Senhor tende piedade de nós".

Não damos desculpas nem justificativas. Pedimos perdão e ouvimos a mensagem de misericórdia. Se uma única palavra capta o sentido da Missa, essa palavra é "misericórdia".

A frase "Senhor, tende piedade de nós" aparece com frequência nas Escrituras, nos dois testamentos (veja Sl 6,3;31,10; Mt 15,22;17,15;20,30).

O AT ensina inúmeras vezes que a misericórdia está entre os maiores atributos de Deus (Ex 34,6; Jn 4,2).

O "Senhor, tende piedade de nós persiste desde as liturgias cristãs mais primitivas. De fato, até no Ocidente latino, está muitas vezes preservada na forma grega mais antiga, "Kyrie, eleison".

Em algumas liturgias do Oriente, a congregação repete o "Kyrie" em resposta a uma longa litania, que implora favores de Deus.

Entre os bizantinos, essas súplicas pedem insistentemente a paz: "Na paz, rezemos ao Senhor... Pela paz do alto... Pela paz do mundo todo."

G-L-Ó-R-I-A

Rezamos pela paz e em poucos segundos, proclamamos a realização de nossas preces: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados".

Essa oração existe desde pelo menos o séc. II. Sua aclamação inicial vem do hino que os anjos entoaram quando Jesus nasceu (Lc 2,14) e os versos seguintes repetem os louvores dos anjos ao poder de Deus do livro do Apocalipse (Ap 15,3-4).

Louvamos a Deus imediatamente pelas bênçãos que acabamos de suplicar. É nosso testemunho do podes de Deus. É sua glória.

Jesus disse: "Tudo que pedirdes em meu nome, eu o farei, de tal forma que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo 14,13-14).

O Glória clama com a alegria, a confiança e a esperança que sempre marcaram os fiéis.

No Glória, a Missa lembra a "Todah" da antiga aliança, que já analisamos.

Nosso sacrifício é súplica insistente pela libertação, mas é, ao mesmo tempo, celebração e ação de graças por essa libertação.

É a fé de alguém que conhece a providência divina. É o Glória!

A Igreja do Evangelho Completo

O momento que define a liturgia da Palavra é, claro, a proclamação da Palavra de Deus.

Aos domingos, em geral isso inclui uma leitura do AT, a recitação de um salmo, e uma leitura tirada das cartas neotestamentárias, tudo levando à leitura do Evangelho. (Na vigília Pascal temos até dez leituras da Bíblia).

Incluindo tudo, é uma fonte de influencia das Escrituras.

Os católicos que participam todos os dias da Missa, ouvem, ao longo de três anos, a leitura de quase toda a Bíblia - além disso, há os filões de ouro bíblico inseridos em todas as outras orações da Missa... Não deixe nunca as pessoas lhe dizerem que a Igreja não chama os católicos para ser "cristãos bíblicos".

De fato, o "habitat natural" da Bíblia está na liturgia. Segundo São Paulo (Rm 10,17) "...a fé vem da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo".

Note que ele "não" disse: "A fé vem da leitura". Nos primeiros séculos da Igreja não havia máquinas de impressão. A maioria das pessoas não tinha recursos para mandar copiar os evangelhos à mão e, de qualquer modo, muita gente não sabia ler.

Assim, como agora, recebiam o evangelho completo.

As leituras que ouvimos na Missa são programadas com antecedência para um ciclo trienal em um livro chamado *Lecionário*.

Esse livro é antídoto eficaz para a tendência que Scott tinha, como pregador protestante, de identificar seus textos favoritos e pregá-los inúmeras vezes.

Scott passava anos sem tocar em alguns livros do AT. Isso nunca é problema para os católicos que participam regularmente da Missa.

Toda a atenção possível não é demais durante as leituras, que são preparação normal e essencial para nossa sagrada comunhão com Jesus.

Um dos grandes biblistas da Igreja primitiva, Orígenes (séc. III), exortou os cristãos a respeitar a presença de Cristo no Evangelho, como respeitam sua presença na hóstia.

"*Vocês, que estão acostumados a participar do mistério divino, sabem, quando recebem o corpo do Senhor, protegê-lo*...

com toda cautela e veneração, para que não caia dele nenhuma partícula, para que nada se perca da dádiva consagrada, pois acreditam, e com razão, que são responsáveis se algum pedacinho cair dali por negligência. Mas se estão certos em preservar com tanto cuidado seu corpo, por que acham que há menos culpa em negligenciar a Palavra de Deus do que em negligenciar seu corpo?”

Dezessete séculos mais tarde, o Concílio Vaticano II repetiu esse antigo ensinamento para o nosso tempo: "A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da palavra de Deus quanto do Corpo de Cristo (Dei Verbum 21).

"Ninguém", disse Orígenes, "entende de coração... se não é receptivo e totalmente aplicado."

Isso descreve você e eu quando ouvimos as leituras da Missa?

Precisamos estar particularmente atentos durante as leituras porque, desde o início da Missa, você e eu estamos sob juramento.

Ao receber a Palavra - que, reconhecemos, vem de Deus -, concordamos em estar ligados à Palavra.

Em resultado, estamos sujeitos a julgamento, dependendo de como pomos em prática as leituras da Missa.

Na antiga aliança, ouvir a Lei era concordar em viver segundo a Lei. Também na nova aliança, estamos ligados ao que ouvimos, como veremos no livro do Apocalipse.

A Necessidade de Prestar Atenção ao Credo

A liturgia da Palavra prossegue, aos domingos, com a homilia (ou sermão) e o Credo.

Na homilia, o sacerdote ou o diácono nos apresenta um comentário da palavra inspirada de Deus.

As homilias devem se basear nas Escrituras do dia, esclarecendo as passagens obscuras e indicando aplicações práticas para a vida.

As homilias não tem de nos entreter. Jesus vem a nós em humildes hóstias sem gosto, e assim também o Espírito Santo às vezes opera por intermédio de um pregador monótono e sem brilho.

Depois da homilia, recitamos o Credo Niceno, que é a fé resumida em apenas algumas linhas.

As palavras do Credo são meticulosas, com clareza e estilo brilhantes. Comparando a orações como o Glória, o Credo Niceno parece moderado, mas as aparências enganam.

Como disse a grande e já falecida Dorothy Sayers, o drama está no dogma, pois aqui proclamamos doutrinas pelas quais os cristãos do Império Romano foram presos e executados.

No séc. IV, o Império quase explodiu em guerra civil por causa das doutrinas da divindade de Jesus e sua união com o Pai.

Novas heresias surgiram e se espalharam pela Igreja como um câncer, ameaçando a vida do corpo.

Coube aos grandes Concílios de Nicéia(325) e Constantinopla(381)- com o empenho de algumas das maiores inteligências e almas da história eclesiástica - dar à crença católica básica essa formulação definitiva, embora a maioria das diretrizes do Credo já fossem de uso comum pelo menos desde o século III.

Depois desses concílios, muitas Igrejas do Oriente exigiam que os fiéis cantassem o Credo toda semana - não apenas o recitassem - porque isso era, na verdade, boa nova, uma boa nova salvadora de vidas.

O cardeal (hoje nosso papa emérito)Joseph Ratzinger expôs sucintamente a ligação entre o Evangelho e o Credo: "Por definição, o dogma não é outra coisa senão a interpretação da Escritura... que se origina da fé através dos séculos". O Credo é a "fé de nossos pais" que "ainda vive".

Do mesmo modo, o documento de 1989 da Comissão Teológica Internacional, "Sobre a interpretação dos dogmas", declara:

"No dogma da Igreja a preocupação é com a correta interpretação das Escrituras... Uma época posterior não reverte o que foi formulado com o auxílio do Espírito Santo como chave para a leitura das Escrituras".

Quando recitamos o Credo no domingo, aceitamos publicamente essa fé bíblica como verdade objetiva.

Entramos no drama do dogma, pelo qual nossos antepassados estavam dispostos a morrer.

Desse modo, juntamo-nos a esses antepassados quando recitamos a "oração dos fiéis", nossas súplicas. O Credo nos dá poderes para entrar no mistério intercessor dos santos.

Neste ponto, a liturgia da Palavra chega ao fim e entramos nos mistérios da Eucaristia.

Dê-lhe Uma Oferenda Que Ele Não Possa Recusar

A liturgia eucarística começa com o ofertório, e o ofertório anuncia nosso compromisso. Trazemos pão, vinho e dinheiro para manter o trabalho da Igreja.

Na Igreja primitiva, os fiéis realmente assavam o pão e faziam o vinho para a celebração; no ofertório, eles os apresentavam. (Em algumas Igrejas orientais, o pão e o vinho ainda são produzidos pelos paroquianos).

A questão é esta: nós nos oferecemos juntamente com tudo que temos. Não porque somos especiais, mas porque sabemos que o Senhor toma o que é temporal e o faz eterno, toma o que é humano e o faz divino.

O Concílio Vaticano II falou de maneira convincente a respeito da oferenda do laicato: "...todas as suas obras, preces e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso do corpo e da alma... tornam-se 'hóstias espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo' (IPd 2,5), hóstias que são piedosamente oferecidas ao Pai com a oblação do Senhor na celebração da Eucaristia. Assim também os leigos, como adoradores agindo santamente em toda parte, consagram a Deus o próprio mundo" (Lumem Gentim 34).

Tudo que temos vai ao altar para ser santificado em Cristo. O sacerdote faz a ligação explícita enquanto derrama a água e o vinho nos cálices: "Pelo mistério desta água e deste vinho possamos participar da divindade de Cristo, que se dignou assumir a nossa humanidade".

Essa mistura é símbolo magnífico que indica a união das naturezas divina e humana de Cristo, o sangue e a água que saíram de seu lado na cruz e a união de nossas dádivas perfeita que o Senhor faz de si mesmo.

É uma oferenda que o Pai não pode recusar.

Mobilidade Para o Alto

Agora, depois de elevar as dádivas, o sacerdote nos convida: "Corações ao alto".

Esta imagem é poderosa e se encontra nas liturgias cristãs do mundo todo, desde os tempos primitivos.

Erguemos o coração para o céu. Nas palavras do Apocalipse (veja Ap 1,10;4,1-2), somos arrebatados pelo Espírito - para o céu.

De agora em diante, dizemos, veremos a realidade com a fé, não com os olhos.

Então, o que vemos nesse céu? Reconhecemos que à nossa volta toda estão os anjos e santos. Cantamos os cânticos que, de acordo com muitos relatos, os anjos e santos proclamam diante do trono celeste (Ap 4,8; Is 6,2-3).

No Ocidente, nós o chamamos de "Sanctus" ou "Santo, Santo, Santo"; no Oriente é o "*Trisagion*" ou "Hino do três vezes Santo".

Em seguida, temos o clímax do sacrifício eucarístico, a grande oração eucarística (ou Anáfora). É quando fica claro que a nova aliança não é um livro, mas uma ação, e essa ação é a Eucaristia.

Há muitas orações eucarísticas em uso em toda a Igreja, mas todas contêm os mesmos elementos:
Epiclese. É quando o sacerdote coloca as mãos sobre sa dádivas e invoca o Espírito Santo. É um poderoso encontro com o céu, mais suntuosamente apreciado no Oriente.

A narrativa da instituição é o momento em que o Espírito e a Palavra transformam os elementos do pão e do vinho no corpo e sangue, alma e divindade de Jesus Cristo.

Agora o sacerdote relata o drama da Última Ceia, quando Jesus fez provisões para a renovação do sacrifício de sua aliança para todo o sempre.

O que o Êxodo 12 foi para a Liturgia da Páscoa, os evangelhos são para a oração eucarística - mas com uma grande diferença. As palavras da nova Páscoa "efetuam o que expressam".

Quando pronuncia as palavras da instituição - "Isto é meu corpo... Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança" - O sacerdote não narra apenas, ele fala na pessoa de Cristo, que é o principal celebrante da Missa.

Pelo sacramento da Ordem, um homem muda sua verdadeira existência; como sacerdote, torna-se outro Cristo Jesus ordenou os apóstolos e seus sucessores para celebrarem a Missa, quando disse: "Fazei isto... em memória de mim” (ICor 11,25). Observe que lhes ordenou: *fazei isto* e não "escrevei isto" ou "lede isto".

Memento. Usamos as palavras "memento" ou "memorial" para descrever a parte seguinte da oração eucarística, mas essas palavras não fazem muita justiça aos termos da língua original.

No AT, por exemplo, lemos com frequência que Deus "se lembrou de sua aliança". Ora, não é como se Ele pudesse esquecer sua aliança, mas, em determinadas ocasiões, em benefício de seu povo, Ele a renovou. Reapresentou-a. Redecretou-a. É isso que Ele faz, por intermédio do sacerdote, no memorial da Missa. Ele renova sua aliança.

Oferecimento. O "memorial" da Missa não é imaginário. Tem carne; é Jesus em sua humanidade glorificada, e Ele é nosso oferecimento. "Celebrando agora, ó Pai, a memória do vosso Filho, da sua paixão que nos salva... nós vos oferecemos em ação de graças este sacrifício de vida e santidade” (Oração eucarística III).

Intercessões. Então, com o próprio Jesus Cristo, rezamos ao Pai pelos vivos e pelos mortos, por toda Igreja e por todo o mundo.

Doxologia. O fim da oração eucarística é um momento emocionante. Nós o chamamos "doxologia", termo grego, para "palavra de glória". O sacerdote ergue o cálice e a hóstia, a que agora se refere como Cristo.
Este é Jesus e "Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre". Aqui, nosso "Amém" deve ser retumbante; é tradicionalmente chamado "o grande Amém".

No século IV, São Jerônimo relatou que, em Roma, quando o grande Amém era proclamado, todos os templos pagãos tremiam.

Assuntos de Família

Em seguida à oração eucarística rezamos o Pai-nosso, a oração que Jesus nos ensinou.

Nós a encontramos nas antigas liturgias e ela deve ter um sentido mais fecundo para nós no contexto da Missa - e, em especial, no contexto da Missa como céu na terra.

Renovamos nosso Batismo como filhos de Deus, que chamamos "Pai nosso".

Tendo levantado o coração para o alto, estamos agora no céu com ele. Ao celebrar a Missa, santificamos seu nome.

Ao unir nosso sacrifício com o eterno sacrifício de Jesus, vemos feita a vontade a vontade de Deus "assim na terra como no céu".

Temos diante de nós Jesus, o "pão nosso de cada dia" e este pão vai perdoar "nossas ofensas", porque a sagrada comunhão apaga todos os pecados veniais.

Conhecemos, portanto, a misericórdia e por isso mostraremos misericórdia, ao perdoar "os que nos ofenderam". E pela sagrada comunhão, obteremos nova força para vencer as tentações e o mal.

A Missa realiza perfeitamente o Pai-nosso, palavra por palavra.

Nunca é demais ressaltar a relação entre "o pão nosso de cada dia" e a hóstia eucarística diante de nós.

Em seu clássico ensaio a respeito do Pai-nosso, o biblista padre Raymond Brown demonstrou que esta era a admirável crença dos cristãos primitivos: "Há, então, boa razão para ligar o maná veterotestamentário e o pão eucarístico neotestamentário com a súplica... Desse modo, ao pedir ao Pai: 'O pão nosso de cada dia nos dai

hoje', a comunidade empregava palavras diretamente ligadas à Eucaristia. E por isso, nossa liturgia romana não está longe do sentido original da súplica ao fazer o pai-nosso introduzir a comunhão da Missa".

Assim começa o "rito da comunhão" e não devemos deixar de notar a força da palavra comunhão.

No tempo de Jesus, a palavra (*Koinonia*, em grego) era usada com mais frequência para definir um laço de família.

Com a comunhão, renovamos nossos laços com a família eterna, a Família que é Deus e com a família de Deus na terra, a Igreja.

Expressamos nossa comunhão com a Igreja no sinal da paz.

Nesse gesto antigo, cumprimos a ordem de Jesus para nos reconciliar com nosso irmão antes de nos aproximar do altar (veja Mt 5,24).

Nossa oração seguinte, o "Cordeiro de Deus" recorda o sacrifício pascal e a "misericórdia" e a "paz" da nova Páscoa.

O sacerdote, então, parte a hóstia e a eleva - "um cordeiro, que parecia imolado" (Ap 5,6) - e proclama as palavras de João Batista: "Eis o cordeiro de Deus" (Jo 1,36).

E só podemos responder nas palavras do centurião romano: "Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada; mas dizeis uma só palavra..." (Mt 8,8).

Em seguida, nós o recebemos em comunhão. Recebemos aquele que louvamos no Glória e proclamamos no Credo! Aquele diante de quem fizemos nosso juramento solene! Aquele que é a nova aliança esperada durante toda história humana!

Quando Cristo vier no fim dos tempos, ele não terá uma só gota de glória a mais do que neste momento, quando o consumimos todo.

Na Eucaristia recebemos o que seremos por toda a eternidade, quando formos levados ao céu para nos juntarmos à multidão celeste no banquete das núpcias do Cordeiro.

Na sagrada comunhão, já estamos lá. Isso não é metáfora. É a verdade metafísica nua e crua, calculada e exata que Jesus Cristo ensinou.

Vocês Foram Enviados ao Céu

Depois de tanta coisa, a Missa parece terminar de maneira inesperada - com uma bênção e "A Missa terminou. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe"

Parece estranho que a palavra "Missa" venha dessas apressadas palavras finais: *Ite, Missa est* (literalmente: "Ide, a prece foi enviada à Deus).

Mas os antigos entendiam que a Missa era um envio. Essa última linha não é tanto demissão quanto comissão.

Unimo-nos ao sacrifício de Cristo.

Saímos agora da Missa a fim de viver o mistério, o sacrifício que acabamos de celebrar por meio do esplendor da vida comum no lar e no mundo.

2 - A revelação de Deus

Capítulo 1 – “Voltei-me para olhar”

O Sentido em Meio à Estranheza

Scott diz que esses 4 primeiros capítulos foram a parte mais fácil. Afinal de contas, em sua maioria, os católicos tem pelo menos uma vaga percepção da Missa.

Estão familiarizados com as orações e os gestos, mesmo que os tenham suportado de maneira sonolenta.

Entretanto, com este capítulo, voltamo-nos para olhar (Ap 1,12) aquilo a que muitos católicos voltam as costas - as vezes por medo, outras vezes por frustração.

O livro do Apocalipse, o ultimo da Bíblia, parece mesmo um livro estranho: cheio de guerras assustadoras e fogos devoradores, rios de sangue e ruas pavimentadas de ouro.

Em todas as suas partes, o livro parece desafiar o bom senso e o bom gosto.

Vejamos só um exemplo famoso, a praga de gafanhotos relatada por João: "desta fumaça espalharam-se gafanhotos... [que] tinham o aspecto de cavalos equipados para o combate; nas suas cabeças havia como que coroas de ouro e suas faces eram como faces humanas. Tinham cabelos como que de mulheres e seus dentes eram como dentes de leão. Tinham couraças como de ferro e o ruído de suas asas

era o ruído de carros com muitos cavalos... Tem caudas como as dos escorpiões, armadas de ferrões; nas caudas reside o seu poder de causar dano aos homens durante cinco meses" (Ap 9,3.7-10).

Não sabemos se devemos rir ou gritar de medo. Com o devido respeito, queremos perguntar a São João: "Tudo bem, deixe-me ver se entendi direito: você viu gafanhotos de cabelos compridos, com dentes de leão e faces humanas... e eles usavam coroas de ouro e armaduras?”

A grande tentação é simplesmente nos eximir de ler o Apocalipse lembrando a Deus que temos compromissos urgentes aqui na terra.

De fato os detalhes do livro do Apocalipse são muitíssimo estranhos. Ao contrário, Scott nos convida a ir com ele em uma pesquisa, para que descubramos, como ele descobriu, que há um sentido em meio à estranheza.

A mancha que não se parece com nada

Scott diz que quando começou a estudar o livro do Apocalipse, era protestante, de expressão evangélica e teologia calvinista.

Como muitos outros evangélicos, achava esse livro fascinante. É Escritura, claro, e ele julgava regra de fé ser "tão somente a Escritura".

Além disso, o Apocalipse ocupa uma posição proeminente: O derradeiro livro da Bíblia - a "última palavra" de Deus, por assim dizer. Também parecia a Scott ser o livro mais misterioso e enigmático da Bíblia, e ele achava isso tentador demais para deixar passar.

Considerava o Apocalipse um enigma que Deus o desafiava a solucionar, um código que implorava para ser decifrado.

E Scott tinha companhia. Á medida que o segundo milênio se aproximava do fim, a interpretação do livro transformava-se em atividade particular entre seus irmãos evangélicos.

A cada ida à livraria, ele descobria novas e mais promissoras revelações a respeito da Revelação.

Isso nem sempre aconteceu com os intérpretes protestantes. O primeiro protestante genuíno, Lutero, achava o Apocalipse fantástico demais.

Durante algum tempo chegou a rejeitar seu lugar na Bíblia, porque, disse ele, "uma revelação deve ser reveladora".

Contudo, o Apocalipse é sempre revelador, visto que expõe os preconceitos, as ansiedades e a inclinação ideológica de cada intérprete em particular.

Este livro continua a ser uma espécie de mancha de Rorschah* para os cristãos. Os pregadores tentam primeiro discernir uma ordem no texto, o que costuma ser um esforço inútil, pois o livro não tem os princípios metodológicos de uma obra literária: um enredo ou argumento convencional.

Não encontrando ordem, eles tentam impô-la. Foi esse, mais ou menos, o padrão que Scott seguiu durante seus anos de seminarista e ministro protestante.

Em geral, acontece que um detalhe em particular prende a imaginação e se torna a chave interpretativa para a leitura do livro todo.

O "milênio" por exemplo - conceito que só aparece no cap. 20 do Apocalipse - começa deturpar tudo que o intérprete vê nos caps. 1-19 e 21-22.

O Vírus do Milênio

O milênio é hoje, a chave interpretativa predileta entre os evangélicos e os fundamentalistas.

O livro de enorme sucesso de Hal Lindsey, *The Late, Great Planet Earth*, publicado em 1970, lançou um gênero ao se tornar o segundo livro mais vendidos nos últimos 30 anos.

Lindsey afirmou que as profecias do Apocalipse eram uma previsão exata de acontecimentos futuros, um futuro que apenas despontava na década de 1970.

Ele achava que as estranhas imagens do Apocalipse correspondiam exatamente a pessoas, lugares e acontecimentos que na ocasião estavam nos noticiários.

A Rússia, por exemplo, era a besta; e Gog e Magog referiam-se à União Soviética. Lindsey previu que os soviéticos atacariam a Palestina, mas os judeus voltariam e os massacrariam para instituir um reino milenário em Jerusalém.

Lindsey não estava sozinho. De fato, durante alguns anos, Scott esteve firmemente com ele - embora com diferenças mínimas - entre os partidários "futuristas" dos intérpretes do Apocalipse.

Nesse partido há muita discordância acerca de quando terão lugar esses acontecimentos e de quais as bestas que correspondem a determinados líderes mundiais.

Os futuristas também discordam entre si quanto a se os cristãos entrará no reinado milenar de Cristo.

Alguns criaram novos conceitos, como o do "Arrebatamento" para descrever as intervenções milagrosas que predizem para o fim dos tempos.

No arrebatamento, dizem eles, Deus arrebatará sobre as nuvens seus escolhidos para viverem com ele (ITs 4,16-17).

Scott se abrigou nessas passagens durante anos, mas sem encontrar nenhuma satisfação verdadeira.

Repetidamente um pastor se fixava em um elemento - o número da besta, por exemplo - e toda sua interpretação do livro dependia da identificação desse número com alguém presente nos noticiários.

Porém, durante as décadas de 1970 e 1980, líderes mundiais subiam e caíam do poder, impérios desmoronavam e com todo líder caído, com todo império desmoronado, Scott via ruir outra teoria grandiosa.

Gradativamente, Scott começa a ver um motivo maior para sua desilusão.

Teria Deus realmente inspirado o livro do Apocalipse de João para ele ficar escondido no fim da Bíblia, estranho e inexplicável, durante vinte séculos - até cumprir-se o tempo e acontecer o cataclismo?

Não, o Apocalipse tem a finalidade de "revelar" e suas revelações precisam ser para todos os cristãos de todos os tempos, até mesmo para os leitores originais do século I.

Um Sopro do Passado

Apesar de heterogênio, os futuristas não esgotaram as perspectivas interpretativas a respeito do livro do Apocalipse.

Alguns (chamados "idealistas") achavam que o livro inteiro era apenas metáfora para as lutas da vida espiritual. Outros achavam que o livro delineava um plano para a história da Igreja.

Outros ainda argumentavam que o livro era simplesmente uma descrição codificada da situação política dos cristãos do século I.

O objetivo do Apocalipse, segundo essa opinião, era exortar os fiéis a permanecerem firmes na fé, e prometer a vingança divina contra os perseguidores da Igreja.

Scott até achou algum mérito nesses argumentos, principalmente porque se relacionavam com alguns versículos específicos, mas nenhum foi capaz de satisfazer seu desejo de compreender o desenrolar da narrativa de João.

Quanto mais estudava, mais Scott entendia detalhes selecionados, mas menos parecia entender a totalidade do livro.

Então, enquanto pesquisava outros assuntos, Scott depara com um tesouro escondido - isto é, escondido aos estudiosos das Escrituras em uma tradição que remonte há apenas 400 anos.

Scott começa a ler os Padres da Igreja, os autores e mestres cristãos dos 8 primeiros séculos e em especial, seus comentários acerca da Bíblia.

Scott diz que não parou de se chocar com sua ignorância, já que os Padres referiam-se frequentemente a uma coisa que ele desconhecia: a liturgia.

Entretanto, foi interessante descobrir que essa literatura antiga parecia incorporar muitos dos pequenos detalhes do Apocalipse - em um contexto no qual eles faziam sentido!

Então, quando Scott passou a ler os estudos exegéticos do Apocalipse pelos Padres, descobriu que muitos deles haviam feito ligação explícita entre Missa e o livro do Apocalipse.

De fato, para a maioria dos cristãos primitivos era ponto pacífico: separado da liturgia, o livro do Apocalipse era incompreensível.

Como Scott descreveu no cap. I, foi só quando começou a participar da Missa que muitas partes deste livro enigmático começaram de repente a se esclarecer. Scott começou a descobrir o sentido do altar do Apocalipse (Ap 8,3), seus sacerdotes paramentados (4,4), candelabros (1,12), perfume (5,8), maná (2,17), taças (cap. 16), o culto no domingo (1,10), a proeminência que dá a Santíssima Virgem Maria (12,1-6), o "Santo, Santo, Santo!"(4,8), O Glória(15,3-4), o sinal da cruz (14,1), a Aleluia (19,1.3.6), as leituras das Escrituras (caps. 2-3) e o "Cordeiro de Deus" (muitas e muitas vezes).

Não são interpretações da narrativa nem detalhes casuais; são a própria essência do Apocalipse.

Respostas dos Porquês

Então o Apocalipse não era simplesmente uma advertência velada a respeito da geopolítica da década de 1970, nem uma história codificada do Império Romano do séc. I ou um manual de instruções para o fim dos tempos.

Tratava-se, de certo modo, do próprio sacramento que começa a atrair este "cristão bíblico" para a plenitude da fé católica.

Contudo, surgiram novas perguntas. Se, nos textos das antigas liturgias, Scott topou com o "quê" do Apocalipse, restavam alguns imensos "porquês".

Por que essa estranha apresentação? Por que uma visão e não um texto litúrgico? Por que o Apocalipse foi atribuído à João, entre todos os discípulos possíveis? Por que foi escrito, quando foi escrito?

As respostas surgiram quando Scott começou a estudar o tempo do Apocalipse e a liturgia desse tempo.

Céu e Terra em miniatura

Muitos pequenos detalhes da visão de João se esclarecem quando procuramos entrar em contato com o Apocalipse da maneira como seu público original deve tê-lo feito.

Se fôssemos judeu-cristãos de fala grega do tempo de João e vivêssemos nas cidades da província romana da Ásia, é provável que conhecêssemos a topografia de Jerusalém por causa de nossas peregrinações regulares.

Jerusalém era exatamente importante para os leitores de João. Era a capital e o centro econômico do antigo Israel, além do centro cultural e acadêmico da nação.

Mas, acima de tudo, Jerusalém era o coração espiritual do povo israelita, como o Vaticano para os católicos.

Em Jerusalém, sentiríamos a mais profunda afeição pelo Templo, que era o centro da vida cultural e religiosa para os judeus de todo mundo.

Jerusalém não era tanto uma cidade com um Templo quanto o Templo com uma cidade construída em sua volta.

Para os judeus piedosos, mais que lugar de culto, o Templo representava a maquete de toda criação. Assim como o universo foi feito para ser o santuário de Deus, com Adão como sacerdote, o Templo deveria restaurar essa ordem, com sacerdotes de Israel oficiando diante do Santo dos Santos.

Como judeu-cristãos, reconheceríamos imediatamente o Templo na descrição que o Apocalipse faz do céu.

No templo, como no céu de João, os sete candelabros de ouro (Ap 1,12) e o altar de perfumes (8,3-5) ficavam diante do Santo dos Santos.

No Templo, quatro querubins esculpidos adornavam as paredes, como os quatro anjos vivos ministram diante do trono no céu de João.

Os vinte e quatro "anciãos" (em grego *presbyteroi*) são uma réplica dos vinte e quatro grupos de sacerdotes que serviam no Templo todos os anos.

O "mar límpido, semelhante ao cristal" (Ap 4,6) era a grande piscina de bronze polido do Templo que comportava 45 mil litros de água.

Como no Templo de Salomão, no centro, do templo do Apocalipse ficava a Arca da aliança. (Ap 11,19)

O apocalipse revelava o Templo - mas para os judeus devotos e os judeus convertidos ao cristianismo também revelava muito mais, pois o Templo e seus ornamentos indicavam realidades mais elevadas.

Como Moisés (veja Ex 25,9), o rei Davi recebeu o plano do templo do próprio Deus: "Tudo isto encontra-se num escrito redigido pela mão do Senhor, que me fez compreender todas as obras do plano" (I Cr 29,19).

O Templo deveria seguir o modelo da corte celeste: "Ordenaste-me construir um Templo em tua morada, à imitação da tenda santa que tinhas preparado desde a origem" (Sb 9,8).

Da imitação à Participação.

De acordo com as antigas crenças judaicas, o culto no Templo de Jerusalém espelhava o culto dos anjos no céu.

O sacerdócio levítico, a liturgia da aliança, os sacrifícios eram vagas representações de modelos celestes.

Ainda assim, o livro do Apocalipse tinha algo diferente, algo mais. Enquanto Israel rezava "*por imitação dos anjos*", a Igreja do Apocalipse adorava "*junto com os anjos*" (veja 19,10).

Enquanto somente os sacerdotes podiam entrar no lugar santo do Templo de Jerusalém, o Apocalipse mostrava uma nação de sacerdotes (Veja 5,10;20,6) que habitavam sempre na presença de Deus.

Já não haveria um arquétipo celeste e uma imitação terrena. Agora o Apocalipse revelava "um só culto", compartilhado por homens e anjos!

Das Cinzas.

Os biblistas discordam a respeito de quando o livro do Apocalipse foi escrito; as estimativas variam do fim dos anos 60 até o final dos anos 90 d.C.

Entretanto, quase todos concordam que a medição do Templo por João (Ap 11,1) indica uma data anterior a 70, pois depois desta data não havia mais Templo para medir.

De qualquer modo, o culto sacrifical da antiga aliança encontrou seu fim definitivo com a destruição do templo e de Jerusalém em 70 d.C. Para os judeus de todo o mundo esse foi um acontecimento cataclísmico - que prefigurava o juízo final do "templo cósmico" no fim dos tempos.

Depois de 70 d.C. a fumaça dos cordeiros dos sacrifícios de Israel não mais subiu. As legiões romanas reduziram a entulho enegrecido pelo fogo a cidade e o santuário que davam sentido à vida dos judeus da Palestina e do exterior.

O que João descreve em sua visão era nada menos que o fim do mundo antigo, da antiga Jerusalém, da antiga aliança e a criação de um mundo novo, uma nova Jerusalém, uma nova aliança. Com a ordem do mundo novo surgiu uma nova ordem de culto.

É difícil "*não*" ouvir ecos do evangelho de João: "Se destruir este templo, e em três dias eu o reerguerei" (Jo 2,19)... "vem a hora em que nem sobre esta montanha, nem em Jerusalém adorareis o Pai... na qual os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade" (Jo 4,21.23).

No Apocalipse, essas previsões se realizam quando o novo Templo se revela como o corpo místico de Cristo, a Igreja e quando a adoração "no Espírito" tem lugar na nova Jerusalém celeste.

Do mesmo modo, é fácil entender por que os cristãos primitivos consideravam o véu rasgado do Templo tão significativo do ponto de vista teológico e litúrgico.

O véu rasgou-se exatamente quando o corpo de Cristo foi decisivamente rasgado. Quando Jesus completou a oferenda terrena de seu corpo, Deus assegurou que o mundo soubesse que o véu fora removido do "Santuário".

Agora todos - reunidos na Igreja - podiam entrar em sua presença no dia do Senhor:

Deste modo, irmãos, temos total garantia de acesso ao santuário pelo sangue de Jesus. Temos aí um caminho novo e vivo, que ele inaugurou através do véu, isto é, através da sua humanidade... Velemos una pelos outros para nos estimular à caridade e às boas obras. Não abandonemos as nossas assembleias, mas animemo-nos, tanto mais que vedes o Dia aproximar-se (Hb 10,19-20.24-25).

"No Espírito no dia do Senhor", João viu algo que era mais completo do que qualquer narrativa ou argumento poderia transmitir. Ele viu que parte do mundo já estava transformada em um novo céu e uma nova terra.

Alguns séculos mais tarde, Scott (e agora nós!) começamos a nos voltar para olhar.

Capítulo 2 - Quem é quem no Céu

O Elenco de Milhares no Apocalipse

Exceto por uma praga de filmes de anticristos na década de 1970, Hollywood nem mesmo tentou filmar um Apocalipse, como fez com os evangelhos e o livro do Êxodo. Talvez algumas coisas sejam simplesmente estranhas, sangrentas e extravagantes até mesmo para Hollywood.

Ou talvez os diretores sintam-se dissuadidos pelo número de atores que o Apocalipse exigiria (sem mencionar o custo dos efeitos especiais!).

Em Os Dez Mandamentos, o diretor contentou-se com um elenco de milhares, mas o Apocalipse exigiria literamente centenas de milhares, pois talvez seja o livro mais populoso da Bíblia.

Quem são essas personagens que enchem os cenários da terra e do céu de João? Neste capítulo, vamos tentar conhecê-los um pouco melhor.

Primeiro, porém, Scott confessa: Trilhar esse caminho o assusta! Talvez o assunto que mais fascine e preocupe os estudiosos e pregadores do Apocalipse e os que a

ele se dedicam como passatempo seja a identificação das bestas, das criaturas, dos anjos e das pessoas do livro.

A identificação dessas personagens pelo leitor depende, em grande parte, de seu sistema de interpretação. O sistema futurista inspirou os intérpretes a identificar as bestas, em sucessão, com Napoleão, Bismark, Hitler e Stalin, entre outros.

A visão "passadista"- que enfatiza o cumprimento das profecias do Apocalipse no século I- tende a identificar as bestas, por exemplo, com um ou outro imperador romano, ou com a própria Roma, ou com Jerusalém.

Uma terceira perspectiva, às vezes chamada "idealista", considera o Apocalipse uma alegoria da guerra espiritual que todo crente tem de enfrentar.

Ainda outra visão, a "historicista", afirma que o Apocalipse traça o plano-mestre de Deus para a história, do início ao fim.

Que opinião segue Scott? Bem todas elas. Não há nenhuma razão que as impeça de serem todas verdadeiras, simultaneamente.

As riquezas das Escrituras são infinitas. Os cristãos primitivos ensinavam que o texto sagrado opera em quatro níveis e que todos eles, ao mesmo tempo, ensinam a verdade única de Deus - como uma sinfonia.

Se Scott prefere uma perspectiva às outras, essa é a passadista. Contudo, ele repete, não descarta as outras. O que une todas elas é o que nos liga todos à Cristo: A nova aliança, selada e renovada pela liturgia eucarística.

No Apocalipse, surge um padrão - de aliança, queda, julgamento e redenção - e esse padrão descreve realmente determinado período da história, mas também descreve cada período da história e a história toda, além do transcurso da vida para todos nós.

"Eu, João"

Scott já mencionou que há muita controvérsia a respeito da autoria do livro do Apocalipse por João.

Embora fascinante, para nosso estudo da Missa e do Apocalipse esse debate é apenas secundário.

Entretanto uma coisa está clara: o texto associa-se explicitamente à João (Ap 1,4.9;22,8). E, no NT (e para os padres da igreja), "João" significa o apóstolo João.

Na verdade, os próprios livros indicam que, se não compartilham um autor comum, eles pelo menos originam da mesma escola de pensamento, pois o Apocalipse e o Quarto Evangelho compartilham muitas preocupações teológicas.

Os dois livros revelam um conhecimento bastante preciso do Templo de Jerusalém e seus rituais; ambos parecem preocupados em apresentar Jesus como o "cordeiro", o sacrifício da nova Páscoa (veja Jo 1,29.36; Ap 5,6).

Além disso, o evangelho de João e o Apocalipse compartilham uma terminologia que, no NT é característica apenas deles.

Por exemplo, só o quarto evangelho e o Apocalipse referem-se a Jesus como "a Palavra de Deus" e só esses dois livros referem-se à adoração segundo a nova aliança "no espírito".

E só esses dois livros falam da salvação em termos de "água da vida".

Ainda assim, essa identificação do autor João com o apóstolo João é importante só por nos dar um discernimento da força da visão do Apocalipse.

No evangelho, por exemplo, João era identificado como "o discípulo que Jesus amava". João era o apóstolo que mais gozava da intimidade do Senhor, o discípulo que estava literalmente mais próximo de seu coração.

Na Última Ceia, João, reclinou-se no colo de Jesus. Contudo no Apocalipse quando vê Jesus em seu poder e glória com domínio universal e soberania divina, João cai como morto (Ap 1,17).

São detalhes importantes para nós que queremos ser discípulos "amados" hoje. Embora precisemos lutar por uma relação cada vez mais íntima com Jesus, não poderemos entabular a conversa enquanto não virmos Jesus como quem Ele é, em sua santidade insuperável.

A identidade de João é importante também em relação às preocupações terrenas do Apocalipse. A tradição identifica o apóstolo João como bispo de Éfeso, uma das sete Igrejas destinatárias do Apocalipse.

As igrejas identificam-se com cidades, todas as sete localizadas em um raio de 80 kms na Ásia menor, que provavelmente limitava a esfera da autoridade de João. Entendemos porque João, como bispo, foi escolhido para transmitir a mensagem pastoral que encontramos no Apocalipse, em especial nas cartas ás sete Igrejas (Ap 2;3).

"O Cordeiro"

O título e a imagem favoritos do Apocalipse para Jesus Cristo: o Cordeiro. Sim, ele é o príncipe (1,5); está no meio dos candelabros, paramentado como sumo sacerdote (1,13); é o "Primeiro e o Último" (1,17), o "santo" (3,7), "Senhor dos senhores e Rei dos reis" (17,14) - mas Jesus é, irresistivelmente, o cordeiro.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, o Cordeiro é: "*Cristo crucificado e ressuscitado, o único sumo sacerdote do verdadeiro santuário, o mesmo que oferece e é oferecido, que dá e que é dado*" (n.1137)

Quando vê pela primeira vez o Cordeiro, João está, na verdade, à procura de um leão. Ninguém tem o poder de abrir os selos do livro e revelar seu conteúdo, e João começa a chorar.

Então um ancião lhe diz: "Não chores! Eis, ele alcançou a vitória, o leão da tribo de Judá, o rebento de Davi, ele abrirá o livro e seus sete selos" (Ap 5,5).

João olha em volta para ver o leão de Judá mas, em vez disso, ele vê... um cordeiro. Para começar, cordeiros não são muito fortes, e este está de pé, como que "imolado" (Ap 5,6).

Não precisamos repetir tudo que analisamos no cap. dois. Deve ficar claro que Jesus, aqui, é um cordeiro sacrifical, como o cordeiro da Páscoa.

Então os anciãos (*presbyteroi*, sacerdotes) cantam que o sacrifício de Cristo permitiu-lhe romper os selos do livro, o Antigo Testamento. "Tu és digno de receber o livro e de romper-lhe os selos porque foste imolado, e redimiste para Deus, por teu sangue, homens" (5,9).

Em seguida, o céu e a terra glorificam Jesus como Deus: "Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro, louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos... E os anciãos prostraram-se e adoraram" (5, 13-14).

O Cordeiro é Jesus. O Cordeiro é também "filho de homem", paramentado como sumo sacerdote (1,13); o Cordeiro é vítima sacrifical; o Cordeiro é Deus.

"Uma Mulher vestida de Sol"

Apocalipse 12, a visão que João tem da mulher vestida de sol, retrata a essência do livro do Apocalipse. Com muitos níveis de sentido, mostra um acontecimento passado que prefigura um acontecimento do futuro distante.

Recapitula o AT ao mesmo tempo que completa o Novo. Revela o céu, mas em imagens da terra.

A visão de João começa com a abertura do templo de Deus no céu: "e a arca da aliança apareceu em seu templo" (Ap 11,19). Talvez não apreciemos plenamente o valor do choque desse versículo. A arca da aliança não tinha sido vista durante cinco séculos. No tempo do cativeiro babilônico, o profeta Jeremias havia escondido a arca em um lugar que "ficará desconhecido até que Deus haja consumado a reunião do seu povo" (2Mc 2,7).

Essa promessa se cumpre na visão de João. O Templo apareceu e "houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e forte tempestade de granizo". E então

"Um grande sinal apareceu no céu: Uma mulher vestida de sol, a lua debaixo de seus pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça; estava grávida" (Ap 12,1-2).

João não introduziu a arca só para desistir dela imediatamente. Scott crê (com os padres da Igreja) que quando João descreve a mulher ele descreve a arca - da nova aliança. E quem é essa mulher? É aquela que dá à luz o filho varão que deve apascentar todas as nações. O menino é Jesus, sua mãe é Maria.

O que tornava a arca original tão santa? Não o ouro que revestia o exterior, mas os dez mandamentos no interior - a lei que o dedo de Deus escreveu nas tábuas de pedra. O que mais havia no interior? Maná, o pão milagroso que alimentou o povo na caminhada pelo deserto; o bastão de Aarão que floresceu como sinal de sua função de sumo sacerdote (veja Nm 17).

O que torna a nova arca santa? A antiga arca continha a Palavra de Deus escrita em pedra; Maria trazia em seu seio a Palavra de Deus que se fez homem e habitou entre nós. A arca continha maná; Maria trazia o pão vivo descido do céu. A arca continha o bastão do sumo sacerdote Aarão; o seio de Maria continha o sacerdote eterno, Jesus Cristo. No templo celeste, a Palavra de Deus é Jesus e a arca onde ele habita é Maria, sua mãe.

Se o menino é Jesus, então a mulher é Maria. Essa interpretação foi aprovada pelos mais racionais dos Padres da Igreja, Santo Atanásio, Santo Epifânio e muitos outros. Contudo, "a mulher" também representa mais. Ela é a "filha de Sião", que criou o Messias de Israel. É também a Igreja sitiada por Satanás, mas preservada em segurança.

Como Scott disse antes, as riquezas das Escrituras são infinitas!

Outros biblistas argumentam que a mulher não é Maria pois, segundo a tradição católica, Maria não sofreu as dores físicas do parto. Entretanto, as dores da mulher não tem de ser dores físicas. São Paulo, por exemplo, descreveu como dores de parto sua agonia até Cristo ser formado em seus discípulos (veja Gl 4,19). Assim o que sofre a mulher pode ser descrito como sofrimento da alma - o que Maria conheceu perto da cruz, ao se tornar a mãe de todos os discípulos amados (veja Jo 19, 25-27).

Outros alegam que a mulher do Apocalipse não é Maria porque essa tem outros filhos e a Igreja ensina que Maria foi sempre virgem. Mas as Escrituras usam com frequência "prole" (em grego, *sperma*) para descrever descendentes espirituais. Os filhos de Maria, sua prole espiritual, são "os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus" (Ap 12,17). Somos a outra prole da mulher. Somos os filhos de Maria.

Assim, o Apocalipse também retrata Maria como a "nova Eva", mãe de todos os viventes. No Jardim do Édem, Deus prometeu por "hostilidade" entre satanás, a antiga serpente, e Eva - e entre a "descendência" de satanás e a dela (Gn 3,15).

Agora no Apocalipse, vemos o clímax dessa inimizade. A descendência da nova mulher, Maria, é o filho varão, Jesus Cristo, que vem derrotar a serpente (em hebraico, a mesma palavra, *nahash*, aplica-se ao dragão e a serpente).

Esse é o admirável ensinamento dos Padres, Doutores, santos e papas da Igreja, antigos e modernos. É o ensinamento do Catecismo da Igreja Católica (veja n.1138). Entretanto, Scott precisa mencionar que não é apoiado por muitos biblistas de hoje. Contudo o ônus da prova cabe aos que discordam.

Na carta encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum*, o papa São Pio X falou com eloquência pela Tradição:

-*Todos sabemos que essa mulher representa a Virgem Maria... Portanto, João viu a Santíssima Mãe de Deus já na eterna felicidade, mas em trabalho de um parto misterioso. Que parto é esse? Com certeza, era o nascimento de nós que, no exílio, ainda devemos ser gerados para a perfeita caridade de Deus e para a felicidade eterna*.

A Primeira Besta

Fracassando em seus ataques à mulher e seu filho, o dragão volta-se para combater a descendência dela, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus.

O dragão convoca a própria descendência, duas bestas amedrontadoras. Por incrível que pareça, entre todas as imagens de esperança e espantosas do Apocalipse, estes dois monstros horrendos parecem provocar o maior interesse. Produtores de filmes e evangelizadores televisivos demoram-se muito mais no 666 que no mar cristalino ou no leão de Judá.

Scott sente uma premência de nos convencer da realidade das bestas. Elas são símbolos, mas não são apenas símbolos. São seres espirituais reais, membros da "hierarquia inferior", pessoas demoníacas que controlam e corrompem o destino político das nações.

João descreve duas bestas horrendas. Mas Scott crê que as bestas que viu eram muito mais horríveis que sua descrição.

Em grande parte do Apocalipse - mas em especial nos cap. 4 e 5 - João descreve as realidades por trás da Missa. Agora, ele faz o mesmo com o pecado e o mal! Assim como nossas ações na liturgia estão unidas com coisas celestes invisíveis, nossos atos pecaminosos estão ligados à maldade infernal.

Na Missa, o que Deus quer fazer de nós? Um reino de sacerdotes que reinem por meio de suas oferendas sacrificais. Por outro lado, o que satanás quer realizar por

intermédio das bestas? Quer subverter o plano de Deus, corrompendo a autoridade governamental, o Estado.

Em seguida, ele revela o demônio da autoridade religiosa corrupta.

Primeiro as primeiras bestas: do mar emerge um monstro horrível, com dez chifres e sete cabeças, aterradora combinação de leopardo, urso e leão. Os chifres simbolizam poder; os diademas, realeza. Recebe poder e também a realeza do dragão. Entretanto, é errado identificar esta besta com a monarquia geral. Não, a besta representa a autoridade política corrupta de qualquer tipo.

É tentador, também, identificar a besta exclusivamente com Roma, ou com dinastia herodiana que Roma mantinha na Terra Santa. Com certeza, a Roma da época de João simboliza o tipo de governo representado pela besta.

Porém a própria besta não dá margem a uma identificação tão simples. Ela é, na verdade, uma combinação de todos os quatro animais monstruosos de uma visão do profeta veterotestamentário Daniel (veja Dn 7).

Scott segue os padres da Igreja, que entenderam que os animais de Daniel, indicavam quatro impérios pagãos: Babilônia, Medo-Persia, Grécia e Roma - todos os quais perseguiram o povo de Deus antes da vinda do Messias.

A besta de sete cabeças do Apocalipse representa, então, todo poder político corrupto. É um impulso humano considerar o poder do Estado o maior da terra e dizer, como a terra toda no Apocalipse: "quem combater contra ela?" Por medo desse poder - ou desejosas de participar da ação - as pessoas constantemente se comprometem e adoram o dragão e a besta.

Na história, o exemplo mais ostensivo da usurpação por uma instituição humana das prerrogativas de Deus é Roma com seus Cézares. Eles literalmente exigiam a adoração que pertence só a Deus. E combateram os santos, ao instigar perseguições sangrentas dos que não adoravam o imperador.

Entretanto, mais uma vez Scott precisa enfatizar que a besta não é só Roma, ou os fantoches de Roma, os herodianos. A besta refere-se também a todo governo corrupto, todo Estado que se opõe acima da ordem da aliança de Deus. Mais que isso, a besta representa a força espiritual corrupta por trás dessas instituições.

A Segunda Besta

Esta besta vem da terra e tem chifres como um cordeiro. A imagem do cordeiro é dissonante, já que a esta altura já nos acostumamos a associá-la com coisas sagradas.

Scott crê que o uso dela por meio de João é intencional, pois ele acha que essa besta tem a finalidade de sugerir o sacerdócio corrupto na Jerusalém do século I.

O primeiro indício é que esta besta sobe "da terra", que no grego original também poderia significar "do solo" ou "do campo", em oposição ao "do mar", que gera os animais dos pagãos (veja Dn 7).

Além disso, é provável que João desse testemunho da transigência da autoridade sacerdotal, ocorrida apenas alguns anos antes. Em um momento histórico dramático, a autoridade religiosa jurou fidelidade à autoridade governamental corrupta, em vez de jurá-la a Deus.

Jesus, o Cordeiro de Deus, Rei supremo e sumo sacerdote, ficou em pé diante de Pilatos e dos sumos sacerdotes dos judeus. Pilatos disse aos judeus: "Eis o vosso rei!" Eles se puseram a gritar: "À morte! À morte! Crucifica-o!" Pilatos replicou: "Devo eu crucificar o vosso rei?" Os sumos sacerdotes responderam: "Nós não temos outro rei, senão César" 9veja Jo 19,15).

Na verdade, foi o sumo sacerdote em pessoa, Caifás, quem primeiro falou do sacrifício de Jesus como "do interesse" do povo (veja Jo 11,47-52).

Assim, rejeitaram Cristo e elevaram César. Rejeitaram o Cordeiro e adoraram a besta. Com certeza, César era o governante e, como tal, merecia respeito (Veja Lc 20,21-25). Mas César queria mais que respeito. *Exigia adoração sacrifical, que os sumos sacerdotes lhe concederam ao entregar-lhe o Cordeiro de Deus*.

A besta se parece com um cordeiro em alguns aspectos superficiais. Vemos que tudo que faz é arremedo e zombaria da obra salvífica do Cordeiro. O Cordeiro está de pé como se tivesse sido imolado; a besta recebe um ferimento mortal, mas se recupera. Deus entroniza o Cordeiro; o dragão entroniza a besta. Os que adoram o Cordeiro recebem seu selo na fronte (Ap 7,2-4); os que adoram a besta usam a marca da besta.

O que nos leva à difícil pergunta: qual é a marca da besta?
João nos diz que é o nome da besta, ou o número de seu nome. O que é isso? João responde com uma charada: "É o momento de ter discernimento. Quem tiver inteligência, interprete o número da besta, pois é um número de homem. E o seu número é 666" (Ap 13,18).

Em um nível, talvez o número represente o imperador romano Nero, pois esse nome transliterado em hebraico tem, na verdade, o valor 666. Contudo, há muitas outras possibilidades, diferentes ou adicionais.

Considere que 666 era o número de talentos de ouro que o rei Salomão recebia anualmente das nações (veja I Rs 10). Considere também que Salomão foi o primeiro sacerdote-rei desde Melquisedec (veja Sl 110). Além disso, João diz que no discernimento do número da besta "está a sabedoria" (Ap 13,18 nota J), o que alguns intérpretes entenderam como outra referencia a Salomão, célebre por sua sabedoria.

Por fim, 666 pode ser interpretado como degradação do número sete, que, na tradição israelita, representava perfeição, santidade e aliança. O sétimo dia, por exemplo, foi declarado santo por Deus e destacado para descanso e adoração. O trabalho era feito em seis dias, entretanto, era santificado na adoração sacrifical representada pelo sétimo dia.

O número 666, então, representa um homem paralisado no sexto dia, servindo à besta, que se preocupa em comprar e vender (veja Ap 13,17) sem descanso para a adoração. Embora o trabalho seja santo, torna-se mau quando o homem se recusa a oferecê-lo a Deus.

Contudo, precisamos ser claros quanto a uma coisa. Essa interpretação não deve levar nenhum cristão a justificar o antissemitismo. O livro do Apocalipse demonstra de maneira completa dignidade de Israel - seu Templo, seus profetas, suas alianças.

O Apocalipse deve, antes, levar-nos a um maior apreço por nosso patrimônio em Israel - a uma consideração sensata de nossa responsabilidade diante de Deus. Vivemos conforme nossa aliança com Deus? Somos fiéis a nosso sacerdócio? O livro representa uma advertência a todos nós.

A mensagem incômoda é esta: combatemos forças espirituais, forças imensas, depravadas, malévolas. Se tivéssemos de combatê-las sozinho, seríamos derrotados. Mas eis a boa notícia: há um jeito de termos esperança de vencer. A solução tem de medir forças com o problema, poder espiritual com poder espiritual, beleza imensa com feiura imensa, santidade com depravação, amor com malevolência.

A solução é a MISSA, quando o céu vem salvar a terra sitiada.

Anjos

No combate não lutamos sozinhos. Lemos em Ap.12: "Miguel e seus anjos combateram contra o dragão” (12,7). Quando criou os anjos, Deus os fez livres e, assim, eles tiveram de passar por uma espécie de teste - exatamente como nossa vida na terra é um teste.

Ninguém sabe o que foi esse teste, mas alguns teólogos especulam que foi concedida aos anjos uma visão da Encarnação e lhes foi dito que tinham que servir à divindade encarnada, Jesus e sua mãe.

O orgulho de satanás rebelou-se contra o escândalo do Espírito assumir os laços da matéria, e ele disse: "Não servirei!"

Segundo os Padres da Igreja, ele conduziu um terço dos anjos nessa rebelião (veja Ap 12,4). Miguel e seus anjos os expulsaram do céu (veja o v. 8).

Em todo o Apocalipse, vemos que os anjos povoam densamente o céu. Adoram a Deus sem cessar (Ap 4,8). E zelam por nós.

Os caps. 2 e 3 deixam claro que cada Igreja específica tem um anjo da guarda. Isso deve nos tranquilizar, a nós que pertencemos a Igrejas específicas e que pedimos a ajuda do anjo de nossa Igreja específica.

Costuma-se entender que "os quatro animais" mencionados no cap. 4 são anjos, embora aos olhos humanos apareçam em forma animal. Esses animais correspondem aos bordados no véu diante do lugar santíssimo no Templo de Jerusalém.

Embora os anjos do céu se apresentem aos olhos humanos em forma corporal, os anjos, na verdade, não tem corpos. Seu nome significa "mensageiro", e os atributos físicos costumam simbolizar algum aspecto de sua natureza ou missão.

As asas indicam sua rapidez para se mover entre o céu e a terra. Os múltiplos olhos significam seu conhecimento e vigilância. Talvez a princípio, anjos de muitos olhos,e de seis asas pareçam assustadores, mas, se pensarmos neles em termos de sua rapidez e de sua vigilância, ficaremos tranquilos.

Há seres com os quais podemos contar quando o dragão ameaça nossa paz.

No Apocalipse, os anjos também aparecem como cavaleiros (Cap. 6) que procedem ao juízo de Deus sobre os ímpios (veja ZC 1,7-17). Grande parte da ação nestes caps. ligam-se aos acontecimentos que cercaram a queda de Jerusalém no ano 70 d.C.

Mas a passagem tem aplicações que ultrapassam o século I, enquanto a terra precisar de julgamento.

Os anjos do Apocalipse controlam os elementos, o vento e o mar, para fazer a vontade de Deus(cap.7). Os caps. 7-9 deixam claro que os anjos são guerreiros poderosos e que combatem constantemente do lado de Deus - que, se somos fiéis, é também o nosso lado.

Mártires, Virgens e Outras Pessoas

Mas há mais coisas no Apocalipse além de bestas perversas e anjos impressionantes. De fato, a maioria das personagens são apenas gente simples - centenas de milhares e até milhões, são homens e mulheres cristãos comuns.

Primeiro, vemos os cento e quarenta e quatro mil das doze tribos de Israel (doze mil de cada tribo), o resto que recebeu a proteção de Deus (seu "selo"), que fugiram para as montanhas durante a destruição de Jerusalém.

Em seguida, João descreve uma imensa multidão "de todas as nações” (Ap 7,9). Depois de milênios de religião inclusiva, hoje não sabemos apreciar o impacto sísmico desta visão de israelitas que adoram juntamente com pagãos e de humanos que adoram junto com os anjos.

Para as mentes dos primeiros leitores de João, essas eram categorias mutuamente exclusivas. Além do mais, no céu, todas essas multidões adoram no lugar santíssimo, onde ninguém, exceto o sumo sacerdote, podia entrar. O povo da nova aliança adora Deus face a face.

Quem mais está ali? No cap. 6 encontramos os mártires, os que foram mortos por causa do testemunho da fé. "Vi sob o altar as almas dos que tinham sido imolados por causa da palavra de Deus e do testemunho que tinham dado" (Ap 6,9).

Por que estão sob o altar? O que costumava ficar sob o altar do Templo terreno? Quando os sacerdotes veterotestamentários ofereciam sacrifícios animais, a sangue das vítimas formava poças sob o altar. Como povo sacerdotal eles e nós oferecemos a Deus nossas vidas na terra, o verdadeiro altar, como sacrifício.

O verdadeiro sacrifício, então, não é animal, é todo santo que dá testemunho (em grego, *martyria*) da fidelidade de Deus. Nossa oferenda - o sangue dos mártires - clama a Deus por justiça.

Como é revelador que, desde os tempos mais primitivos, a Igreja tenha colocado as relíquias dos mártires, seus ossos e suas cinzas, dentro dos altares.

Antes, mencionamos os anciãos (presbyteroi) entronizados na corte de Deus. Na verdade, no céu do Apocalipse, esses homens aparecem paramentados exatamente como sacerdotes de Israel vestidos para o serviço no Templo de Jerusalém.

No Apocalipse (14,4), também encontramos um grande número de homens consagrados à virgindade. É outra anomalia do mundo antigo, raramente em Israel ou em culturas pagãs, como é incomum no Ocidente cristão desde a Reforma protestante.

Contudo, João menciona o verdadeiro exército que esses celibatários formam, o que é mais provável que Deus pretenda (veja I Cor 6-7).

Assim na Terra Como No Céu

Não precisamos ir muito longe para identificar o elenco do Apocalipse. De fato, o sentido que Deus quer que vejamos está, com frequência, claramente narrado no texto ou claramente em falta em nossos corações.

Scott diz que quando relembra seus anos de estudo do Apocalipse como protestante, admira-se de que seus irmãos e ele às vezes viam, muito claramente, helicópteros soviéticos retratados na praga dos gafanhotos mutantes - e, contudo negavam com veemência que Maria fosse a mulher vestida de sol, que deu a luz o filho varão que salvou o mundo.

Ao ler o Apocalipse, precisamos sempre resistir à tentação de forçar o extravagante e ao mesmo tempo, negar o óbvio.

Scott repete: muitas vezes, o sentido mais profundo das Escrituras está muito perto do coração de cada um de nós, e a aplicação mais ampla, muito perto de casa.

Ora, onde na terra encontramos uma Igreja universal que adora de uma forma fiel à visão de João? Onde encontramos sacerdotes paramentados de pé diante de um altar? Onde encontramos homens consagrados ao celibato? Onde ouvimos os anjos serem invocados? Onde encontramos uma Igreja que guarda as relíquias dos santos dentro dos altares? Onde a arte exalta a mulher coroada de estrelas, com a lua debaixo dos pés, que esmaga a cabeça da serpente? Onde os fiéis suplicam a proteção do arcanjo São Miguel?

Onde mais, a não ser na Igreja Católica e, mais especificamente, na Missa?

Capítulo 3 - O Apocalipse Naquele Tempo

Os Combatentes do Apocalipse e a Arma Decisiva

A conflagração final. A batalha de Armagedon. A publicidade mais sensacional do Apocalipse, para as últimas gerações, origina-se de suas imagens de combate, pois sua guerra não é uma guerra qualquer, mas a guerra decisiva, e é realmente terrível: "espíritos de demônios... se dirigem aos reis do mundo inteiro, a fim de ajuntá-los para a batalha..." (Ap 16,14).

João descreve uma guerra mundial que é, ao mesmo tempo, uma guerra sobrenatural: "Houve então um combate no céu: Miguel e seus anjos combateram contra o dragão" (12,7).

Os anjos derramam as taças do furor de Deus e, amedrontados, exércitos poderosos batem em retirada. O número de baixas é alto e as tribulações estendem-se até o povo de Deus. As trevas parecem vencer.

Futuristas como Hal Lindsey afirmam que esses detalhes correspondem literalmente a uma batalha da qual o mundo se aproxima com rapidez na virada do milênio. No mesmo estado de espírito, alguns futuristas católicos discernem uma uniformidade de testemunho na visão de João, nas predições de Fátima e em acontecimentos que hoje são notícia.

Scott não descarta as interpretações futuristas das batalhas do Apocalipse. Talvez todos os detalhes apocalípticos terminem, de um jeito ou de outro, quando Deus encerrar esta época. Contudo, Scott não crê que a interpretação futurista deva ser nosso enfoque primordial quando lemos o livro do Apocalipse. Afinal de contas, as predições podem ser preocupação urgente para os que viverem na época da batalha final.

Mas isso nunca saberemos com certeza. Gerações de futuristas se foram antes de nós e morreram depois de desperdiçar anos preciosos com preocupações obsessivas sobre quem seria, afinal, a besta pressagista: Napoleão, Hitler, Stalin.

Governantes bestiais vêm e vão, cenários futuristas surgem e se dissipam como anéis de fumaça, do mesmo modo que o futuro do ano passado desaparece na história. Entretanto, os outros "sentidos" continuam conosco com uma premência constante, um chamado pessoal.

Símbolos Estrepitosos

O que os sentidos das Escrituras significam para nós? Desde os tempos mais primitivos, mestres cristãos dizem que a Bíblia tem um sentido literal e um sentido espiritual.

O sentido literal descreve uma pessoa, um lugar ou um acontecimento históricos. O sentido espiritual fala - por meio daquela mesma pessoa, daquele mesmo lugar ou acontecimento- para revelar uma verdade a respeito de Jesus Cristo, da vida moral ou do destino de nossas almas, ou de todos os três.

Entretanto, a tradição nos ensina que o sentido literal é fundamental. Contudo, identificar o sentido literal do livro do Apocalipse é empreendimento muito difícil, fadado a ser controverso.

Afinal de contas, os intérpretes dividem-se nitidamente quanto a se o livro descreve literalmente acontecimentos passados e futuros, pois o Apocalipse pode se referir, de maneira bastante concreta, a ambos.

Santo Agostinho falou dessas dificuldades em A cidade de Deus e Santo Tomás de Aquino ecoou sua perplexidade na Suma teológica: "Mas não é fácil saber o que são esses sinais, pois os sinais acerca dos quais lemos... referem-se não só à vinda de Cristo em incessantes visitas a sua Igreja".

Interpretar o livro do Apocalipse é ainda mais complicado porque, na visão de João, o sentido literal e o espiritual perecem se fundir. Embora o evangelho de João seja uma obra de arte sutil, seu Apocalipse recorre a símbolos atordoantes.

João fala de uma cidade, por exemplo, e nos diz que seus nomes ("Egito" e "Sodoma") são figurados; então, sem mais aviso, ele nos diz que cidade ela realmente é (veja Ap 11,8).

Mesmo quando monta um enigma com o nome de uma besta, ele nos diz claramente que é um enigma.

Agora não é hora de ser muito sutil, João parece dizer. E por que isso acontece? Porque ele vivia em tempo de guerra.

Quando é "Em Breve"?

No Apocalipse, João alude às grandes provações que os cristãos enfrentavam em sua época.

Como ele raramente cita nomes - e jamais nos fala de datas, exceto para dizer que era "o dia do Senhor" - os intérpretes apresentam uma longa lista de candidatos às tribulações do Apocalipse: a queda de Jerusalém e a destruição do Templo (70 d.C.); a sangrenta perseguição praticada pelo imperador Nero (64 d.C.); a perseguição posterior pelo imperador Domiciano (96 d.C.); a perseguição anterior dos cristãos pelos judeus (décadas de 50 e 60 d.C.).

Naturalmente, em certo sentido - um sentido espiritual - todas essas interpretações são verdadeiras, porque o Apocalipse realmente oferece apoio a todos os cristãos que passam por provações ou perseguições, de qualquer tipo.

Mas em sentido literal o Apocalipse trata primordialmente, Scott crê, da queda de Jerusalém.

Desde o começo, o Apocalipse tem um tom iminente: "Revelação de Jesus Cristo: Deus lha concedeu para mostrar a seus servos o que deve acontecer em breve" (Ap 1,1).

A mensagem repete-se por todo o livro: "Venho em breve" (veja 1,1.3;3,11;22,6-7.10.12.20). O próprio Jesus mencionou que voltaria em breve, antes até que se passasse uma geração depois de sua ressurreição "...dentre os que estão aqui, alguns não morrerão antes de ver o Filho do Homem vir como rei" (Mt 24,34).

Hoje, muitos de nós associamos o "em breve" à segunda vinda de Jesus no fim do mundo. E isso é certamente verdade; João e Jesus falavam do fim da história.

Entretanto, Scott crê que também falavam - e primordialmente - do fim de um mundo: a destruição do Templo de Jerusalém e com ela o fim do mundo da antiga aliança, com seus sacrifícios e rituais, suas barreiras aos pagãos e suas barreiras entre o céu e a terra.

Porém, a parusia (ou "vinda") de Jesus devia ser mais que um fim, devia ser um começo, uma *nova* Jerusalém, uma *nova* aliança, um *novo* céu e *uma* nova terra.

João e Jesus referem-se não só a uma parusia ou volta distante, mas à contínua parusia de Jesus, que realmente aconteceu na primeira geração cristã, como ainda acontece hoje.

Não devemos nos esquecer de que o sentido original do grego parusia é "presença" e a presença de Jesus é real e permanente no Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

Assim, quando João e Jesus disseram "em breve", creiam que o disseram bem literalmente, pois a Igreja é o reino que já começou na terra, o lugar da *parusia* em todas as Missas.

Prostitutas e Rumores de Guerra

João indica claramente que a "grande cidade" de Apocalipse 11 é Jerusalém. Ele escreveu: "Seus corpos ficarão na praça da grande cidade que se chama profeticamente Sodoma e Egito, lá onde o Senhor foi crucificado".

Em Ap 17,6, a prostituta "Embriagada com o sangue dos santos e o sangue das testemunhas de Jesus" repercute as investidas veterotestamentárias contra as infidelidades de Jerusalém.

Ezequiel(veja Ez 16,2-63; 23,2-49), Jeremias(Jr 2,20;3,3), Isaías(1,21) e outros depreciam a cidade como prostituta. Então, em Ap 20-21, vemos a nova Jerusalém descer do céu, preparada como uma esposa, depois que a cidade prostituta é destruída.

Observe o contraste: Duas cidades, uma prostituta, a outra esposa. Uma Jerusalém substitui a outra.

Foram as autoridades de Jerusalém que crucificaram Jesus. E Jerusalém era o principal local de perseguição dos cristãos da primeira geração (veja At 6,8-14;7,55-60;8,1-3).

Os principais perseguidores eram sacerdotes e fariseus como Saulo de Tarso. Os Atos dos Apóstolos descrevem a perseguição constante, em muitas cidades fora de Jerusalém; mas, em quase todos os casos, as perseguições se originam da oposição judaica (veja At 13,45;14,2.5.19;17,5-9.13;18,12-17;21,27-32).

Conto de Quatro Cidades
(Sodoma, Egito, Jericó, Babilônia)

Os detalhes da destruição descrita no Apocalipse correspondem exatamente à história da destruição de Jerusalém. Em Ap 17-19, João mostra uma cidade destruída pelo fogo; Jerusalém foi totalmente destruída pelo fogo.

Nos caps. 8 e 9, João descreve "o abismo" que, de acordo com a tradição judaica, jazia debaixo da pedra fundamental do Templo de Jerusalém.

Há ainda mais indícios de que Jerusalém seja a cidade descrita no Apocalipse, pois este segue de perto o livro veterotestamentário de Ezequiel e a única mensagem proeminente de Ezequiel é que a maldição da Aliança cairá sobre Jerusalém. Vemos essa maldição se cumprir no livro do Apocalipse.

Jerusalém é chamada "profeticamente Sodoma e Egito", diz João. O que esses lugares tinham em comum? Eram centros de oposição ao plano de Deus. Sodoma

atrapalhou o plano de aliança de Deus com Abraão; o Egito atrapalhou seu plano de aliança para Moisés e Israel.

Agora é a vez de Jerusalém se opor a Deus, pois seus líderes perseguem os apóstolos e a Igreja. Assim, como Sodoma e o Egito, Jerusalém tinha de cair, e o Apocalipse retrata essa queda com sete pragas que ecoam as pragas que Deus mandou ao Egito (veja Ap 16).

Na queda, ouvimos mais ecos veterotestamentários, pois a grande cidade cai devido aos toques de sete trombetas sopradas por sete anjos (Ap 8-9). Esta passagem do Apocalipse segue de perto a narrativa da queda de Jericó (veja Js 6,3-7).

As duas passagens começam com silêncio, prosseguem com os sete toques de trombeta e termina com um grito. Também Jericó atrapalhou o plano de Deus, ao procurar manter o povo escolhido fora da terra prometida. Por sua vez, Jerusalém, perseguidora de cristãos, tornou-se uma nova Jericó e por isso devia cair.

Muito mais adiante no Apocalipse, quando se reúnem "para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso" (Ap 16,14), os reis da terra reúnem-se na montanha de Megido, ou Armagedon.

Este local revive mais uma lembrança histórica dolorosa para Israel. Armagedon foi o lugar onde o grande rei davídico Josias, em meio a sua reforma santa de Jerusalém, foi morto em seu apogeu por desobedecer à instrução do profeta de Deus (veja 2Rs 23,28-30).

A derrota de Josias em Meguido enfraqueceu as defesas de Israel e deixou Jerusalém vulnerável à destruição poa Babilônia.

Uma guinada irônica para a geração de cristãos era que Jesus Cristo - como Josias, rei davídico e reformador morto em seu apogeu - perseverou na obediência e alcançou sucesso onde Josias fracassou e instituiu uma nova Jerusalém, testemunhada pela queda da antiga.

Tempos do Selo

Quando os exércitos do imperador romano Tito sitiaram a cidade no ano 70 d.C., Jerusalém realmente caiu. O cerco trouxe fome, peste e discórdia, que vemos na devastação forjada pelos quatro cavaleiros angelicais de Apocalipse 6 e pelos sete trombeteiros angelicais dos caps. 8 e 9.

De uma forma menos simbólica e mais horrivelmente realista, vemos essas calamidades relatadas também nos escritos do historiador judeu Flávio Josefo, que foi testemunha ocular.

Ele descreve Jerusalém tão devastada pela fome que as mães, loucas de fome, começaram a devorar seus bebes.

Contudo, durante toda discórdia da guerra judaica, nem um só cristão pereceu, porque a comunidade de fiéis fugiu para as montanhas do outro lado do Jordão, para um lugar chamado Pela.

Lemos em Apocalipse 7,1-4 que esses cristãos - cento e quarenta e quatro mil das doze tribos de Israel - foram preservados porque sua fronte tinha sido marcada com o selo.

Isso recorda a marca colocada na fronte do resto de Deus em Ezequiel (veja Ez 9,2-4), onde a palavra hebraica para "marca" é *tau*, transliterada como a letra grega "T".

Em 70 d.C., Deus salvou de modo semelhante o resto de Israel que foi marcado com *tau*, o sinal-da-cruz. Esta "marcação" com o *tau* parece ser uma referencia ao Batismo, pois os cento e quarenta e quatro mil trajam vestes brancas, a veste batismal tradicional; lavaram suas vestes "no sangue do Cordeiro" (o efeito purificador da morte do Cordeiro).

O Cordeiro os conduz "para as fontes das águas da vida" (veja Jo 3-4;7); e na Igreja primitiva, a palavra para "marcados com o selo" aplicava-se ao batismo (veja Rm 4-6; Ef 1,11-14; 2Cor 1,22).

Os cristãos foram marcados com o selo e contavam com aliados angelicais. O livro do Apocalipse deixa claro que embora todo fiel precise lutar com poderosas forças sobrenaturais, nenhum cristão jamais luta sozinho.

Até os fim dos tempos, Miguel e os anjos fiéis lutam ao lado da Igreja - esse, o Apocalipse nos mostra, é o lado que vence.

A Primeira Igreja de Cristo em Jerusalém

Uma parte fascinante do relato histórico, muitas vezes negligenciada, é que a primeira igreja cristã - erguida no monte Sião - sobreviveu ao cerco e à destruição.

Em 70 d.C. a décima legião romana ficou entre a igreja de Sião e os bairros incendiados de Jerusalém. Em 130 d.C., quando Adriano chegou para sufocar a segunda revolta judaica, Jerusalém ainda estava em ruínas, relata Santo Epifanio, "exceto por algumas casas e a pequena casa de Deus no lugar onde os discípulos iam para a sala superior".

De todos os lugares sagrados na cidade santa e ao redor dela, por que Deus preservou a sala superior? Segundo a tradição, foi nesse lugar que Jesus instituiu a Eucaristia e que o Espírito desceu em pentecostes.

Assim, foi ali que os cristãos foram alimentados para a fome iminente, marcados com o selo pelo Espírito para se salvarem da destruição que estava por vir.

Essa Igreja parece ter sido poupada da destruição *total* de Jerusalém de outro modo.

Semitas Espirituais

Mais uma vez temos de encarar a questão: o Apocalipse de João - e o próprio cristianismo - é antissemita ou antijudaico?

A análise que o Apocalipse faz da guerra judaica não é um tanto severa? João tripudiou sobre o povo escolhido, estão derrotados?

Nossa resposta a essas perguntas deve ser um sonoro não. Antissemitismo é estupidez espiritual e tira o sentido do Apocalipse, pois a visão de João não faz sentido a não ser que Israel seja o primogênito de todas as nações. Como nosso irmão mais velho, Israel era um exemplo para nós.

Uma visita à Roma mostra isto com nitidez. Ali está o Arco de Tito, o monumento erguido para celebrar a derrota dos judeus pelo general romano. Esculpidas na pedra estão cenas da batalha e de soldados carregando o espólio da destruição de Jerusalém. Ali, em meio ao saque, está o candelabro de sete braços.

As cenas do arco correspondem, de uma forma deprimente, à mensagem de Jesus no Apocalipse: "venho a ti e, se não se arrependeres, tirarei o teu candelabro de seu lugar” (Ap 2,5).

Recorde que o próprio Jesus está no meio dos candelabros (veja Ap 1,12-13); assim, remover o candelabro era remover a própria presença de Deus. Contudo aqui Deus não falava a Jerusalém, mas à Igreja de Éfeso, que perdera o fervor do amor por ele.

Deus advertiu os cristãos de Éfeso que se não mudassem seus modos, sofreriam o mesmo destino que o irmão mais velho, Israel.

A triste verdade é que Éfeso perdeu seu candelabro e o mesmo fizeram Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia - todas as Igrejas às quais o livro do Apocalipse se dirige.

Por sua vez, cada uma das cidades, outrora prósperos centros cristãos, sofreram a perda da fé. Hoje, todas são predominantemente mulçumanas e ali os católicos precisam de permissão especial até para celebrar Missa.

Pense nisso: Éfeso era a terra natal da Santíssima Virgem Maria, de São João, São Paulo, São Barnabé, Apolo - uma verdadeira galeria de personagens neotestamentárias famosas.

Contudo, Éfeso perdeu seu candelabro, como Jerusalém perdeu antes dela e outras Igrejas prósperas perderiam depois.

Não, a derrota de Israel não é motivo de celebração. Deve nos fazer tremer - porque isso não só pode acontecer com os cristãos; já aconteceu repetidas vezes e é provável que volte a acontecer.

Se o primogênito Israel fracassou, o mesmo acontecerá conosco, irmãos mais novos, sempre que formos orgulhosos e autoconfiantes.

Assim, Scott repete, o antissemitismo e o antijudaismo são espiritualmente destrutivos e estúpidos. Nas palavras do papa Pio XI: "Espiritualmente, somos semitas".

Você só será um bom católico quando se apaixonar pela religião e pelo povo de Israel.

Caminhe um Côvado em Suas Sandálias

Não obstante, a antiga Jerusalém devia dar lugar à nova Jerusalém: uma nova aliança, uma nova criação, novos céus e uma nova terra.

Depois de dois mil anos, nós cristãos estamos à vontade com essa noção, na verdade, à vontade demais. Mas, se nos imaginarmos no tempo do Ap. de João, veremos que só a ideia da queda de Jerusalém nos deixa aflitos.

Afinal de contas, Jerusalém era a cidade santa para os filhos de Israel; e em sua maioria, os primeiros cristãos eram judeus.

Tiveram de enfrentar corajosamente a destruição do Templo, o edifício mais belo da terra e o desaparecimento de um sacerdócio que remontava a mais de mil anos, instituído por Deus no monte Sinai. O próprio Jesus chorou com amor por Jerusalém, no momento em que os chefes da cidade planejavam sua execução. Para esses primeiros cristãos, a destruição de Jerusalém era causa de muita aflição.

Contudo, Jerusalém e o Templo estavam, na verdade, desaparecendo diante de seus olhos. A confiança dos cristãos precisava ser restabelecida. Eles pediam uma explicação. Estavam desesperados por uma revelação de Deus.

Por intermédio de João, Deus revelou seu julgamento da aliança sobre a antiga Jerusalém. A cidade provocou a ira de Deus por sua infidelidade, por crucificar o Filho de Deus e por perseguir a Igreja.

Sabendo disso, os cristãos viam o contexto de sua própria perseguição e entendiam por que já não deviam olhar para a antiga Jerusalém em busca de ajuda e salvação.

Agora precisavam olhar para a nova Jerusalém, que, diante dos olhos de João, descia do céu. Onde pousava? No monte Sião, onde Jesus comeu sua última Páscoa e instituiu a Eucaristia.

No monte Sião, onde o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos em Pentecostes. No monte Sião, onde até 70 d.C. os cristãos se reuniam para celebrar a Eucaristia - e onde o Cordeiro estava de pé com o resto fiel de Israel (Ap 14,1), marcado com o selo contra a destruição iminente. A nova Jerusalém veio à terra, naquele tempo como agora, no lugar onde os cristãos celebraram o banquete do Cordeiro.

O Cordeiro Matador

Na Missa, os cristãos primitivos encontravam forças em meio à perseguição. Do sacrifício único de Jesus Cristo vinha a ajuda e a salvação da Igreja.

Na Missa, os cristãos juntavam forças com os anjos e santos para adorar a Deus, como nos mostra o livro do Apocalipse.

Na Missa, a Igreja recebeu o "maná escondido" para sustento em tempos em tempos de provação (veja Ap 2,17). Na Missa, as orações dos santos da terra se elevaram como perfume para juntar-se às orações dos anjos do céu - *e foram essas orações que alteraram o curso das batalhas e o curso da história.*

É esse o plano de combate do Apocalipse. Foi assim que o cristianismo prevaleceu sobre inimigos aparentemente imbatíveis, em Jerusalém e em Roma.

Mesmo depois da queda de Jerusalém, outros adversários se levantaram para perseguir a Igreja de Deus. Em todas as épocas, a Igreja enfrenta perseguidores poderosos, com exércitos e armamentos cada vez mais fortes.

Contudo, armas, legiões e estratégicas, todas falham. Grandes generais acabam por cair feridos de morte. Mas, quando o Cordeiro entra na luta, *"Os reis da terra, os magnatas, os chefes militares, os ricos e os poderosos, todos, escravos e livres, esconderam-se nas montanhas. Eles diziam às montanhas a aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos longe da face do que está sentado no trono, e longe da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da sua ira, e quem poderá subsistir?" (*Ap 6, 15-17).

O exército do Cordeiro, as forças de Sião preservadas quando da destruição do Cordeiro são a Igreja. O exército do Cordeiro tira forças do banquete do céu.

Capítulo 4 - O Dia do Juízo

Sua Misericórdia é Assustadora

As gerações modernas de intérpretes fixaram-se nas guerras e bestas do Apocalipse, fascinantes porque assustadoras. Os leitores têm temores legítimos sobre a maneira como esse castigo severo se aplica durante sua vida.

Na verdade, alguns rejeitam os julgamentos do Apocalipse por considerá-los grotescos e escandalosos demais e até irreconciliáveis com a ideia de um Deus misericordioso.

Contudo, como sua misericórdia, a justiça de Deus aparece na Bíblia toda. É parte integrante de sua revelação. Negar a força do castigo divino é então, fazer de Deus menos que Deus e fazer de nós menos que seus filhos, pois todo pai precisa educar seus filhos, e o castigo paterno é misericórdia, uma expressão paternal de amor.

A fim de entender o castigo do Apocalipse - e sua aplicação a nossas vidas - precisamos primeiro entender o laço da aliança que nos une a Deus Pai.

Uma aliança é um laço sagrado de família. Vemos que Deus - por sua aliança com Adão, Noé, Abraão, Moisés, David e Jesus - aos poucos estendeu esse relacionamento familiar a cada vez mais pessoas.

Toda aliança dava origem a uma lei; mas esses não eram atos arbitrários de poder; eram expressões de sabedoria e amor paternos.

Afinal de contas, todo lar saudável tem diretrizes claras para comportamentos aceitáveis e inaceitáveis. Mais que isso, porém, a lei de Deus nos permitiu amar, crescer em nossa imitação da "família divina", da Santíssima Trindade, pois, Pai, Filho e Espírito Santo vivem eternamente em paz e comunhão perfeitas.

Se a aliança de Deus nos faz sua família, então o pecado significa mais que uma lei desobedecida. Significa vidas destruídas e um lar desfeito. O pecado surge de nossa recusa a manter a aliança, nossa recusa a amar a Deus tanto quanto Ele nos ama.

Pelo pecado, abandonamos nossa posição de filhos de Deus. O pecado mata a vida divina em nós.

O julgamento, então, não é um processo legalista e impessoal. É uma questão de amor, e algo que escolhemos por nós mesmos.

Nem o castigo é ato de vingança. As "maldições" divinas não são expressões de ódio, mas de amor e educação paterna. Como o unguento medicinal, provocam dor a fim de curar. Impõem sofrimento terapêutico, reconstituinte e redentor. A ira de Deus é expressão de seu amor por seus filhos desobedientes.

Deus é amor (IJo, 4,8), mas seu amor é fogo abrasador (Hb 12,29), que os pecadores obstinados acham insuportável. A paternidade de Deus não diminui a severidade de sua ira nem rebaixa o padrão de sua justiça.

Ao contrário, o pai amoroso exige mais dos filhos do que os juízes exigem dos acusados. O bom pai, porém, também mostra misericórdia maior.

Posso Ter uma Testemunha?

Para entender o livro do Apocalipse, precisamos desse entendimento da aliança. E não há como interpretar mal a situação. A visão de João não é apenas litúrgica, ou apenas régia, ou apenas militar.

É tudo isso, mas é também jurídica. O cenário é o de um tribunal. Para os cidadãos das democracias modernas, essa combinação talvez pareça caótica, mas devemos lembrar que, no antigo Israel, o rei era comandante supremo do exército, juiz-presidente dos tribunais e, idealmente, também sumo-sacerdote.

Como rei divino, Jesus desempenhava todos esses papéis de maneira incomparável. Assim, quando vê o céu, João entra simultaneamente no Templo, na sala do trono, no campo de batalha e no tribunal.

Como todo tribunal, o Apocalipse apresenta o depoimento de testemunhas juramentadas: "Nisto, o anjo... levantou a mão direita para o céu e jurou, por aquele que vive pelos séculos dos séculos" (Ap 10,5-6).

Mais adiante, no cap. 11, o tribunal convoca Moisés e Elias. Sem mencioná-los pelo nome, João sugere sua identidade ao falar dos poderes que esses homens manifestaram no Antigo Testamento; No caso de Elias, o poder de fechar o céu e de provocar pragas.

Essas duas testemunhas (Ap 11,3) representam toda lei (Moisés)e todos os profetas (Elias). Com sua presença, eles comprovam que o povo de Israel conhecia muito bem as obrigações da aliança com Deus e as consequências da infidelidade.

Outras testemunhas dão a própria vida. Em grego, "testemunha" é *martus* e dessa palavra vem "mártir". Assim, no cap.6, encontramos "as almas dos que tinham sido imolados por causa da palavra de Deus e do testemunho que tinham dado" (v.9).

Essas testemunhas clamam ao juiz pela rápida execução da sentença: "Até quando, Soberano santo e verdadeiro, tardarás a fazer justiça, vingando nosso sangue contra os habitantes da terra?" (Ap 6,9-10).

Como eles gritam do altar, sabemos que seu testemunho é verdadeiro e será ouvido. Mas contra quem elas testemunham? Para responder a essa pergunta precisamos considerar qual cidade era a fonte e o centro de perseguição da primeira Igreja - e essa cidade era Jerusalém.

Incomodado Pela Dúvida

Parece que Jerusalém é acusada. Deus aparece como juiz (20,11) auxiliado por anjos sentados em vinte tronos (20,4). Em todo o Apocalipse, anjos executam a sentença, também quando apressam a destruição de Jerusalém junto com os habitantes e o Templo.

João retrata esse acontecimento comparando-o a uma terrível Páscoa. Sete anjos derramam as taças da ira de Deus, o que resulta em sete pragas.

O esvaziamento das taças (é uma ação litúrgica, uma libação derramada sobre a terra, como o vinho era derramado sobre o altar do antigo Israel).

Essa imagem torna-se mais impressionante à luz da realização da Páscoa na Eucaristia. As pragas tem lugar nos caps. 15-17 em um ambiente litúrgico: os anjos aparecem com harpas, paramentados como sacerdotes no Templo celeste e cantam o cântico de Moisés e o Cântico de Cordeiro (cap. 15).

Essa liturgia significa morte para os inimigos de Deus, mas salvação para sua Igreja. Assim, os anjos exclamam: "Já que eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, é também sangue que lhes destes a beber, Eles o merecem!" (Ap 16,6).

A Páscoa, a Eucaristia e a liturgia celeste são, então, espadas de dois gumes. Embora tragam vida aos fieis, as taças da aliança significam morte certa para os que rejeitam a aliança.

Como na antiga aliança, na nova Deus dá ao homem a escolha entre a vida e a morte, entre a bênção e maldição (veja Dt 30,19). Escolher a aliança é escolher a vida eterna na família de Deus. Rejeitar a nova aliança no sangue de Cristo é escolher a própria morte.

Jerusalém fez essa escolha, na Páscoa de 30 d.C. Na ocasião dessa Páscoa, Jesus profetizou o fim do mundo em termos aterradores e disse: "Em verdade, eu vos digo: esta geração não passará sem que tudo isto aconteça" (Mt 24,34).

Para os antigos, uma geração (em grego *genea*) era de quarenta anos. E quarenta anos depois, em 70 d.C., um mundo acabou quando Jerusalém caiu.

Frutos Proibidos: As Vinhas da Ira

Por que um Deus misericordioso castigaria desse jeito? Por que atribuímos essa ira ao Cordeiro divino, a própria imagem da indulgencia? Porque a ira de Deus é misericórdia.

Mas, para entender esse paradoxo, precisamos primeiro examinar a psicologia do pecado, com alguma ajuda de São Paulo.

O uso que Paulo faz da palavra "cólera" (sinônimo de "ira") na Epístola aos Romanos é esclarecedor: *"Com efeito, a cólera de Deus se revela do alto do céu contra toda impiedade e toda injustiça dos homens que mantém a verdade cativa da injustiça: pois o que se pode conhecer de Deus é para eles manifesto: Deus lho manifestou... eles são pois inescusáveis, visto que, conhecendo a Deus, não lhe renderam nem a glória, nem a ação de graças que são devidas a Deus; pelo contrário, eles se transviaram em seus vãos pensamentos e o seu coração insensato se tornou presa das trevas*".

Isso resume bem o "caso" contra Jerusalém apresentado no tribunal celeste: Deus deu a Israel sua revelação, na verdade a plenitude de sua revelação em Jesus Cristo; porém o povo não lhe rendeu glória nem lhe deu graças; na verdade; suprimiram a verdade, ao matar Jesus e perseguir sua Igreja.

Assim, "a cólera de Deus se revela" contra Jerusalém.

O que aconteceu então? Lemos em Romanos: "Por isso Deus os entregou, pela concupiscência dos seus corações, à impureza na qual eles mesmos aviltam os próprios corpos" (Rm 1,24).

Espere um pouco: Deus os entrega a seus vícios? Deixa-os continuar a pecar?

Viciado em uma Fraqueza.

Bem, sim, e essa é uma terrível manifestação da glória de Deus. Talvez pensemos que os prazeres do pecado sejam preferíveis ao sofrimento e à calamidade, mas eles não são.

Temos de reconhecer o pecado como ação que destrói nosso laço de família com Deus e nos afasta da vida e da liberdade. Como isso acontece?

Primeiro, temos a obrigação de resistir à tentação. Se fracassamos e pecamos, temos a obrigação de nos arrepender imediatamente, se não nos arrependemos, então Deus nos deixa conseguir o que queremos: permite que experimentemos as consequências naturais de nossos pecados, os prazeres ilícitos.

Se ainda não nos arrependemos - por meio da abnegação e de atos de penitencia - Deus nos permite continuar no pecado, desse modo formando um hábito, um vício, que escurece nosso intelecto e enfraquece nossa vontade.

Quando nos viciamos em um pecado, nossos valores viram de ponta-cabeça. O mal se torna nosso "bem" mais indispensável, nosso anseio mais profundo; o bem representa um "mal" porque ameaça impedir-nos de satisfazer desejos ilícitos.

A essa altura, o arrependimento é quase impossível, pois ele é, por definição, o afastamento do mal em direção ao bem; mas, a essa altura, o pecador redefiniu completamente o bem e o mal.

Isaías disse a respeito desses pecadores: "Ai dos que chamam de bem o mal e de mal, o bem” (Is 5,20).

Quando adotamos o pecado desta maneira e rejeitamos nossa aliança com Deus, só uma calamidade nos salva. Às vezes, a coisa mais misericordiosa que Deus faz a um beberrão, por exemplo, é permitir que destrua o carro ou seja abandonado pela esposa - qualquer coisa que o force a aceitar a responsabilidade pelos seus atos.

O que acontece, no entanto, quando toda uma nação cai em pecado sério e habitual? O mesmo princípio entra em ação.

Deus intervém e permite depressão econômica, conquista estrangeira ou catástrofe natural. Com bastante frequência, nações provocam esses desastres por seus pecados.

Mas de qualquer modo, esses são os mais misericordiosos chamados a despertar.

Às vezes, o desastre significa que o mundo que os pecadores conheciam precisa desaparecer. Mas, como Jesus disse: "E que proveito terá o homem em ganhar o mundo inteiro, se o paga com a própria vida?" (Mc 8,36).

É melhor dizer adeus a um mundo de pecado do que perder sem esperança de arrependimento.

Quando as pessoas leem o Apocalipse, assustam-se com terremotos, gafanhotos, fomes e escorpiões. Mas Deus só permite essas coisas porque nos ama.

O mundo é bom - não se engane quanto a isso - mas o mundo não é Deus. Se permitimos que o mundo e seus prazeres nos governem como um deus, a melhor coisa que o Deus *verdadeiro* pode fazer é começar a tirar as pedras que formam o alicerce de nosso mundo.

Ordem no Tribunal

No entanto, um mundo melhor aguarda os justos e os sinceramente arrependidos. Levar uma vida boa não é viver livre de problemas, mas sim viver livre de preocupações desnecessárias.

Catástrofes acontecem aos cristãos, do mesmo modo que coisas boas parecem acontecer aos ímpios. Porém, para um cristão praticante, até os desastres são bons, pois servem para nos purificar de nosso apego a este mundo.

Talvez só quando vamos à falência paramos de nos preocupar com dinheiro. Só quando somos abandonados pelos amigos paramos de tentar impressioná-los.

Quando o dinheiro acaba, voltamos à única coisa que ninguém tira: nosso Deus. Quando nossos amigos nos viram as costas, voltamo-nos, finalmente, para o Amigo constante - aquele que não conseguimos impressionar porque ele nos conhece por inteiro.

Como o Apocalipse revela, o juiz sabe tudo sobre nós. O julgamento não é só para Jerusalém. "Ainda outro livro foi aberto: o livro da vida, e os mortos foram julgados segundo suas obras, de acordo com o que estava escrito nos livros" (20,12).

Um dia, você e eu, diz Scott, seremos contados "entre os mortos" e seremos julgados por nossas obras. Alhures no Apocalipse, vemos que os santos entram no céu e "suas obras os acompanham" (14,13) Nossas obras são parte integrante de nossa salvação; na verdade, serão a essência de nosso julgamento.

Além do mais, não temos de esperar até morrer para ser julgados. Ficamos diante do trono do julgamento sempre que nos aproximamos do céu, como fazemos em todas as Missas.

Também então imploramos a perfeita misericórdia, que é a justiça perfeita, de nosso Pai celeste. Também então recebemos a taça - para nossa salvação ou nosso castigo.

Devemos recordar o julgamento do Apocalipse sempre que ouvimos as palavras da instituição, que são as palavras de Jesus: "Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança".

3 - O Apocalipse na Missa

Capítulo 1 - Erguer o Véu - Como ver o invisível

Os cristãos ucranianos adoram contar como seus antepassados "descobriram" a liturgia. Em 988, quando se converteu ao Evangelho, o príncipe Vladimir de Kiev enviou emissários à Constantinopla, a capital da cristandade oriental.

Ali, eles participaram da liturgia bizantina na catedral da Sagrada Sabedoria, a igreja mais majestosa do Oriente.

Depois de passar pela experiência do canto litúrgico, do incenso, dos ícones - mas, acima de tudo, da Presença - os emissários enviaram esta mensagem ao príncipe: "Não sabíamos se estávamos no céu ou na terra. Nunca vimos tanta beleza... Não sabemos descrevê-la, mas disto temos certeza: ali, Deus habita entre a humanidade".

A Presença. Em grego, a palavra é *parusia* e transmite um dos temas principais do livro do Apocalipse.

Nos últimos séculos os intérpretes tem usado a palavra quase exclusivamente para descrever a segunda vinda de Jesus no fim dos tempos, e essa é a definição que se encontra na maioria dos dicionários.

Contudo, não é o sentido principal. O sentido primordial de parusia é uma presença real, pessoal, viva, permanente e ativa. No último vers. do Evangelho de Mateus, Jesus promete: "eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos tempos".

Apesar de nossas redefinições, o livro do Apocalipse define essa forte sensação da iminente parusia de Jesus - sua vinda que tem lugar agora mesmo. O Apocalipse nos mostra que ele está aqui em plenitude - com sua realeza, em julgamento, em guerra, no sacrifício sacerdotal, em corpo e sangue, alma e divindade - onde quer que os cristãos celebrem a Eucaristia.

"A liturgia é a parusia contemplada antes do tempo, o já que entra em nosso 'ainda não'", escreveu o cardeal (agora nosso papa emérito) Joseph Ratzinger.

Quando Jesus vier novamente no fim dos tempos, ele não terá uma só gota de glória a mais do que tem neste momento, nos altares e nos sacrários de nossas igrejas. Deus habita entre a humanidade agora mesmo, pois a Missa é o céu na terra.

Oficialmente

Scott quer deixar bem claro que esta ideia - a ideia por trás deste livro - não é novidade e, com certeza não é dele. É tão velha quanto a Igreja e a Igreja nunca a abandonou, embora ela tenha se perdido no tropel das controvérsias dogmáticas dos últimos séculos.

Nem se pode descartar essa conversa como sendo os desejos piedosos de um punhado de santos e estudiosos, pois a ideia da Missa como "céu na terra" é agora o ensinamento explícito da fé católica.

Ela se encontra em vários lugares, por exemplo, na declaração mais fundamental da crença católica, o *Catecismo da Igreja Católica*:

Na realização de tão grande obra, por meio da qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua esposa diletíssima, que o invoca como seu Senhor e por ele presta culto ao eterno Pai... (culto) que participa da liturgia celeste (n. 1089).

Nossa liturgia participa da liturgia celeste! Está no *Catecismo*! E tem mais:

A liturgia é "ação" do "Cristo todo"... Os que desde agora a celebram, para além dos sinais, já estão na liturgia celeste... (n.1136).

Na Missa, já estamos no céu! Não é Scott, nem um punhado de teólogos mortos, quem diz isso. O *Catecismo* diz. O *Catecismo* também cita a passagem do Vaticano II que influenciou Scott fortemente nos meses que antecederam sua conversão à fé católica:

Na liturgia terrestre, antegozando participamos (já) da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, na qualidade de peregrinos, caminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro; com toda milícia do exército celestial cantamos um hino de glória ao Senhor... (n. 1090).

Milícias, hinos e cidades santas. Ora, isso começa a parecer o livro do Apocalipse, não é mesmo? Bem, deixemos o *Catecismo* esclarecer:

A Revelação "daquilo que deve acontecer em breve", o Apocalipse, é comunicada pelos cânticos da Liturgia celeste... A igreja da terra canta também esses cânticos, na fé e na provação... (n. 2642).

Tudo isso o *Catecismo* declara de maneira prosaica, como se dispensasse explicações. Contudo, essa percepção mudou a vida de Scott. E a de seus amigos e colegas também - e ai de quem Scott encontrar com disposição para ouvi-lo.

Esta ideia de que a Missa é "o céu na terra" chega como realmente uma boa nova.

Senhor Jesus, Vem Na Glória

Se queremos ver a liturgia como os emissários do príncipe Vladimir a viram, precisamos aprender a ver o Apocalipse como a Igreja o vê.

Se queremos entender o sentido do Apocalipse, temos de aprender a lê-lo com uma imaginação sacramental. Quando examinamos essas questões mais uma vez, agora com novos olhos de fé, veremos o sentido em meio à estranheza do livro do Apocalipse, a glória escondida no que é mundano, na Missa do próximo domingo.

Olhe de novo e descubra que o fio de ouro da liturgia é o que junta as pérolas apocalípticas da visão de João:
- Missa dominical: 1,10
- Sumo sacerdote: 1,13
- Altar: 8,3-4; 11,1; 14,18
- Sacerdotes (*presbyteroi*): 4,4; 11,15; 14,3; 19,4
- Paramentos: 1,13; 4,4; 6,11; 7,9; 15,6; 19,13-14
- Celibato consagrado: 14,4
- Candelabros: 1,12; 2,5
- Penitencia caps. 2 e 3
- Incenso(perfume): 5,8; 8,3-5
- O livro: 5,1
- A hóstia eucarística; 2,17
- Taças (cálices): 15,7; 16; 21,9
- O sinal da cruz (*tau*): 7,3; 14,1; 22,4
- O Glória: 15,3-4
- O Aleluia: 19,1.3.4.6
- Corações ao alto: 11,12
- O "Santo, Santo, Santo": 4,8
- O Amém: 19,4; 22,20
- O "Cordeiro de Deus": 5,6 e em todo livro
- A proeminência da Virgem Maria: 12, 1-6.13-17
- Intercessão dos anjos e santos: 5,8; 6,9-10; 8,3-4
- Devoção a São Miguel arcanjo: 12,7
- Antífona: 4,8-11; 5, 9-14; 7, 1-12; 18, 1-8
- Leituras das Escrituras: 2-3; 5; 8, 2-11
- O sacerdócio dos fiéis: 1,6; 20,6
- Catolicidade ou universalidade: 7,9
- Contemplação silenciosa: 8,1
- O banquete das núpcias do cordeiro: 19,9.17

Considerados juntos, esses elementos abrangem grande parte do Apocalipse - e a maior parte da Missa. É mais fácil os leitores modernos deixarem de perceber outros elementos litúrgicos do Apocalipse.

Por exemplo, hoje pouca gente sabe que trombetas e harpas eram instrumentos comuns para a música litúrgica na época de João, como os órgãos são hoje para o Ocidente.

E, em toda a visão de João, os anjos e Jesus pronunciam bênçãos usando fórmulas litúrgicas: "Feliz aquele que...". Se você voltar a ler o Apocalipse de ponta a ponta, também vai perceber que todas as grandes intervenções históricas - pragas, guerras etc. - seguem de perto atos litúrgicos: hinos, doxologias, libações, perfumes espalhados.

Contudo, a Missa não está apenas em pequenos detalhes escolhidos. Está também no esquema grandioso. Vemos por exemplo, que o Apocalipse, como a Missa, se divide nitidamente ao meio.

Os onze primeiros capítulos tratam da proclamação das cartas às sete Igrejas e da abertura do livro. Essa ênfase em "leituras" faz com que essa primeira parte seja quase igual à liturgia da Palavra.

De maneira significativa, os três primeiros capítulos do Apocalipse indicam uma espécie de rito penitencial; nas sete cartas às Igrejas, Jesus usa o verbo "arrepender-se" oito vezes.

Para Scott, isso recorda as palavras da antiga *Didaqué*, o manual litúrgico do séc. I: "...depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro".

Até o início de João presume que o livro será lido em voz alta por um membro da assembleia litúrgica: "Feliz o que lê e os que escutam as palavras da profecia" (Ap1,3).

A segunda metade do Apocalipse começa no cap. II com a abertura do Templo de Deus no céu e culmina com o derramamento das sete taças e o banquete das núpcias do Cordeiro. Com a abertura do céu, as taças e o banquete, a segunda parte apresenta uma imagem impressionante da liturgia eucarística.

Turíbulos Extrassensoriais?

No Apocalipse, João descreve cenas celestes em termos terrenos precisos e temos todo o direito de perguntar *por quê*.

Por que descrever o culto espiritual - que, com certeza, não envolve harpas nem turíbulos - com impressões sensoriais tão intensas? Por que não usar figuras matemáticas, como fizeram outros místicos antigos, para os leitores entendessem a natureza verdadeiramente esotérica, transcendente e imaterial do culto celeste?

Scott desconfia que Deus revelou o culto celeste com exemplos terrenos para que os seres humanos - que, pela primeira vez, foram convidados a participar do culto celeste - soubessem como agir.

Scott não quer dizer que a Igreja não fez nada e ficou a espera de que o Apocalipse caísse do céu para que os cristãos aprendessem a cultuar.

Não, os apóstolos e seus sucessores celebravam a liturgia desde Pentecostes, pelo menos. Contudo, o Apocalipse também não é apenas o eco de uma liturgia já instituída, a projeção no céu do que acontece na terra.

O Apocalipse é um *desvelamento*; é esse o sentido literal da palavra grega *apokalypsis*. O livro é reflexão visionária que revela uma norma.

Com a destruição de Jerusalém, a Igreja deixou definitivamente para trás um belo templo, uma cidade santa e um sacerdócio venerável.

Sim, os cristãos adotaram uma nova aliança que, de certo modo, *concluía* a antiga, mas, de certo modo também *incluía*.

O que deviam trazer consigo do culto antigo para o novo? O que deviam deixar para trás? O Apocalipse orientou-os.

Algumas coisas haviam sido claramente substituídas na nova revelação. Israel marcava sua aliança com a circuncisão dos filhos varões no oitavo dia, a Igreja selava a nova aliança com o Batismo.

Israel celebrava o sábado como dia de descanso e culto; a Igreja celebrava o dia do Senhor, o domingo, o dia da ressurreição.

Israel recordava a antiga Páscoa uma vez por ano; a Igreja reencenava a Páscoa definitiva de Jesus Cristo em sua celebração Eucarística.

Porém, Jesus não pretendeu acabar com tudo que estava na antiga aliança; por isso Ele instituiu uma Igreja. Ele veio para intensificar, internacionalizar e incorporar o culto de Israel.

Assim, a encarnação investiu grande parte da pompa da antiga aliança com mais qualidade. Por exemplo, já não haveria um santuário central na terra. O Apocalipse mostra Cristo Rei entronizado no céu, onde atua como sumo sacerdote no lugar santíssimo.

Mas isso significa que a Igreja não pode ter edifícios, sacerdotes, castiçais, cálices ou paramentos? Não. A resposta clara do Apocalipse é que podemos ter tudo isso - tudo isso e o céu também.

A Aura de Sião

Mas todos sabiam onde encontrar Jerusalém. Onde encontrariam o céu? Aparentemente, não muito longe da antiga Jerusalém.

A Epístola aos Hebreus diz: "Mas vós vos aproximastes da *montanha de Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste, e das miríades de anjos em reunião festiva, e da assembleia dos primogênitos, cujos nomes estão inscritos nos céus, e*

de Deus, juiz de todos, dos espíritos dos justos que chegaram a perfeição, e de Jesus, mediador de uma aliança nova, e do sangue da aspersão que fala mais forte que o sangue de Abel" (Hb 12, 21-24).

Esse pequeno parágrafo resume nitidamente todo o Apocalipse: A comunhão dos anjos e santos, a festa, o julgamento e o sangue de Cristo.

Mas onde isso nos deixa? Exatamente onde o Apocalipse nos deixou: "E eu vi: O Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião, e com ele os cento e quarenta e quatro mil que trazem inscritos em suas frontes o nome dele e o nome de seu Pai" (Ap 14,1).

Parecem que todos os nossos caminhos levam à cidade do rei David, o monte Sião. Na antiga Aliança, Deus abençoou abundantemente Sião: "Pois o Senhor escolheu Sião; Ele a quis como residência" (Sl 132,13). "Quanto a mim, sagrei o meu rei em Sião, minha montanha santa" (Sl 2,6).

Em Sião Deus estabeleceu a casa real de David e esse reino duraria para sempre. Ali, o próprio Deus habitaria para sempre entre seu povo.

Lembre-se que foi também em Sião que Jesus instituiu a Eucaristia e o Espírito Santo desceu em Pentecostes. Assim, a "Montanha santa" foi ainda mais favorecida na segunda revelação. A última ceia e Pentecostes foram os dois acontecimentos que selaram a nova Aliança.

Observe também que o resto de Israel, os cento e quarenta e quatro mil de Apocalipse 14, aparece no monte Sião - embora em Apocalipse 7 ele apareça na Jerusalém celeste. É uma discrepância estranha.

Onde ele estava, realmente: em Sião ou no céu? Volte a Hebreus 12, para encontrar a resposta: "Vós vos aproximastes da *montanha de Sião*, a Jerusalém celeste", pois os acontecimentos que ali tiveram lugar trouxeram a união entre o céu e a terra.

A Igreja construída no local desses acontecimentos subsistiu, mas só como sinal. Para os cristãos da Judéia, o local da sala superior era a "igrejinha de Deus", dedicada ao rei David e a São Tiago, o primeiro bispo de Jerusalém.

Era uma "igreja doméstica", onde os fiéis se reuniam para partir o pão e rezar. Entretanto, mais do que isso, Sião era o símbolo vivo da nova aliança e, assim, foi preservada para sempre no livro do Apocalipse. Sião é o símbolo de nosso ponto de contato terreno com o céu.

Hoje, embora estejamos a milhares de quilômetros daquele pequeno monte em Israel, lá estamos como Jesus, na sala superior, e estamos lá com Jesus no céu, sempre que vamos à Missa.

A Velha Escola

As liturgias antigas estavam impregnadas da linguagem do céu e da terra.

A liturgia de São Tiago declara: "Fomos considerados dignos de entrar no lugar do tabernáculo de vossa glória, de ultrapassar o véu e contemplar o Santo dos Santos".

A liturgia dos santos Addai e Mari acrescenta: "Como este lugar está impressionante hoje! Pois esta não é senão a casa de Deus e a porta do céu; porque vós fostes vistos face a face, ó Senhor".

São Cirilo de Jerusalém (séc. V) oferece a profunda meditação na frase: "Corações ao alto!" "Pois, verdadeiramente", diz ele, "nessa hora mais impressionante, devemos elevar nossos corações a Deus e não os manter aqui em baixo, pensando na terra e em coisas terrenas. O sacerdote manda que todos nessa hora ponham de lado todos os cuidados desta vida, ou as preocupações domésticas, e mantenham os corações no céu com o Deus misericordioso".

Na verdade, precisamos ser como São João de Patmos, quando ouviu a voz do céu dizer: "subi para cá (veja Ap 11,12). É por isso que significa "Corações ao alto!".

Significa abrir nossos corações para o céu que está diante de nós, exatamente como fez São João. Corações ao alto então, para adorar no Espírito. Pois, na liturgia, diz o *Liber Gradum*do séc. IV, "o corpo é um templo escondido e o coração é um altar escondido para o ministério do Espírito".

Primeiro, porém, precisamos ativamente buscar a recordação. São Cirilo continua: "Mas que aqui não venha ninguém que diga com a boca: 'Nosso coração está em Deus', mas esteja preocupado com os cuidados desta vida. Deus deve estar sempre em nossa lembrança. Mas se isso é impossível em razão da fraqueza humana, devemos pelo menos esforçar-nos nessa hora".

Dito simplesmente, devemos atender à frase da liturgia bizantina: "Sabedoria! Esteja atenta!".

Eis que Ele bate à Porta

Sim, esteja atento! Porque o Apocalipse desvela mais que "informações". É um convite pessoal, destinado a você e a mim, de toda a eternidade.

A revelação de Jesus Cristo tem um impacto *imediato* e *irresistível* em nossas vidas. *Somos* a esposa de Cristo desvelado, *somos* sua Igreja.

E Jesus quer que todos nós iniciemos com Ele a relação mais íntima que se possa imaginar. Ele usa imagens nupciais para demonstrar o quanto nos ama, quão perto quer que fiquemos - e como deseja que nossa união seja permanente.

Eis que Deus faz novas todas as coisas. O livro do Apocalipse não é tão estranho quanto parece e a Missa é mais esplêndida do que jamais sonhamos. O Apocalipse é tão familiar quanto a vida que levamos; e até a Missa mais sem brilho está, de repente, cravejada de ouro e pedras preciosas.

Você e Eu, diz Scott, precisamos abrir os olhos e redescobrir esse segredo da Igreja há muito perdido, a chave dos primeiros cristãos para entender os mistérios da Missa, a única chave verdadeira dos mistérios do Apocalipse: *"É dessa liturgia eterna que o Espírito e a Igreja nos fazem participar quando celebramos o mistério da salvação nos sacramentos*" (CIC 1139).

Vamos para o céu não só quando morremos, ou quando vamos à Roma, ou quando fazemos uma peregrinação à Terra santa. *Vamos para o céu quando vamos à Missa*. Não é apenas um símbolo, nem metáfora, nem parábola, nem figura de linguagem. É real.

No séc. IV, Santo Atanásio escreveu: "Queridos irmãos, não vimos a uma festa temporal, mas a uma festa celestial, eterna. Não a expomos em sombras; aproximemo-nos dela na realidade".

O céu na terra - isso é realidade! É onde você esteve e onde ceou domingo passado! O que estava pensando naquele momento?

Reflita no que o Senhor queria que você pensasse. Reflita em seus convites do livro do Apocalipse: "O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas. Ao vencedor, darei do *maná escondido*" (2,17). O que é o maná escondido?

Lembre-se da promessa que Jesus fez quando falou do "maná", no evangelho de João: "Os vossos pais, no deserto, comeram o maná e morreram. O pão que desce do céu é de tal sorte que aquele que dele comer não morrerá. Eu sou o Pão vivo que desce do céu" (Jo 6,49-51).

O maná foi o pão de cada dia do povo de Deus durante a peregrinação no deserto. Agora, Jesus oferece algo maior, e ele é bastante específico quanto ao convite: "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa *e cearei com ele*, e ele comigo (Ap 3, 20).

Assim, Jesus tem em mente uma refeição; quer partilhar conosco o maná escondido. É ele o maná escondido. Em Ap 4,1 vemos também, que este é mais que um jantar íntimo para dois.

Jesus estava à porta e bateu e agora a porta está aberta. João é arrebatado pelo "Espírito" e vê sacerdotes, mártires e anjos reunidos ao redor do trono do céu. Com João, descobrimos que o banquete do céu é uma ceia familiar.

Agora, com olhos da fé - e "no Espírito" - vamos começar a perceber que o Apocalipse nos convida para um banquete celeste, para um abraço de amor, para Sião, para o julgamento, para o combate.

Para A MISSA.

Capítulo 2 - Culto é Luta

O que Você Escolhe: Lutar ou Fugir?

"O gênero humano", disse o poeta T.S.Eliot, "não suporta muita realidade". Não precisamos ir muito longe, diz Scott, para encontrar provas dessa afirmação.

Hoje, as pessoas fogem da vida real, uma a uma, retirando-se para suas distrações particulares. As rotas de fuga vão das drogas e do álcool aos romances de ficção e jogos de realidade virtual.

O que a realidade tem que a humanidade acha tão insuportável? A enormidade do mal, sua aparente onipresença e seu poder, e nossa evidente incapacidade de fugir dele - na verdade, nossa incapacidade de evitar *perpetrar* o mal. O inferno, ao que parece está em toda parte - em imitação barata da onipresença de Deus - ameaçando nos consumir, nos sufocar.

Essa é a realidade que não suportamos.

Contudo, é a dura e terrível realidade que João descreveu, sem hesitar, no Apocalipse. As bestas de João assomam monstruosas, além da mais medonha visualização de Hollywood, estalando as mandíbulas para a presa mais inocentes e vulneráveis: uma mulher grávida, um bebê.

Desprezam a natureza e a graça, a Igreja e o Estado. Varrem um terço das estrelas do céu. São o poder por trás do trono das nações e dos impérios.

Fortalecem-se com a imoralidade das pessoas que seduzem; embriagam-se com o "vinho" da prostituição, da ganância e do poder abusivo de suas vítimas.

Lutar ou Fugir?

Ao enfrentar essa oposição, precisamos escolher: lutar ou fugir.
É um instinto humano básico. Além disso, depois de uma avaliação superficial de nossos recursos aparentes, e dos recursos aparentes do inimigo, "fugir" parece ser a escolha razoável.

Entretanto, segundo os mestres espirituais, a fuga não é opção real. Em sua clássica obra *O Combate Espiritual*, Dom Lorenzo Scupoli escreveu: "Esta guerra é inevitável e é preciso lutar ou morrer. A obstinação do inimigo é tão ameaçadora que a paz e a arbitragem são completamente impossíveis".

Em suma: fugimos do mal, mas não conseguimos nos esconder.

Além disso, não subimos ao céu se fugimos do combate. Deus nos destinou - a nós, a Igreja - a ser a esposa do Cordeiro. Contudo, não governamos sem antes vencer as forças que se opõem a nós, aos poderes que são pretendentes ao nosso trono.

O que vamos fazer? Devemos olhar a nossa volta, depois de erguer o véu da simples visão humana. João revela a notícia mais estimulante para os cristãos em

combate. Dois terços dos anjos estão do nosso lado, lutando com constância enquanto dormimos.
São Miguel Arcanjo, o mais feroz guerreiro do céu, é nosso aliado incansável e imbatível.

Todos os santos do céu clamam constantemente a Deus por nossa defesa. E no fim - o mais estimulante de tudo - nós venceremos!

João vê o combate da perspectiva da eternidade; assim, ele revela o fim tão brilhantemente quanto descreve as perdas.
As batalhas devastam tão encarnicadamente que os rios ficam vermelhos com sangue e corpos apodrecem amontoados nas ruas.

Porém os vitoriosos entram em uma cidade com rios que correm com água da vida e com um sol que nunca se põe.

Ouça novamente o padre Scupoli: "se a fúria dos inimigos é grande e seu número esmagador, o amor que Deus tem por você é infinitamente maior. O anjo que o protege e os santos que intercedem por você são mais numerosos".

{off: Recomendo muito a leitura do belíssimo livro *O Cobate Espiritual* do padre Scupoli! Foi até mesmo um dos livros favoritos de São Francisco de Sales. Nele vemos de uma maneira profunda e instigante o "mundo espiritual e suas lutas".}

Páginas Sociais.

Contamos com a ajuda do céu. Quem quer uma garantia maior? Contudo, muitas vezes queremos.

Muitos cristãos ficam preocupados ao perceber que Jesus, de algum modo, "demora" para vir socorrê-los. Isso parece especialmente verdade quando veem a decadência da sociedade.

O mundo, às vezes, parece estar firmemente nas mãos de forças malignas e, apesar das orações dos cristãos, o mal permanece e até prospera.

Ainda assim, o Apocalipse mostra que são os santos e anjos que dirigem a história com suas orações. Mais que Brasília, mais que as Nações Unidas, mais que a bolsa de valores, mais que qualquer lugar que você cite, diz Scott, o poder pertence aos santos do Altíssimo reunidos ao redor do Cordeiro.

O sangue dos mártires clama a Deus por vingança (Ap 6,9-10)e ele lhes faz justiça agora como no alvorecer da história, quando o sangue de Abel clamou pela ira do Cordeiro contra "os magnatas... os ricos e os poderosos" (6,15-16).

Mas o poder dos santos é de uma ordem diferente da ideia que o mundo tem de poder, e a ira do Cordeiro difere significamente da vingança humana. Isso parece dispensar explicações, mas é digno de nossa mais profunda contemplação, pois muitos cristãos professam crer em uma espécie de poder celestial que, analisando mais de perto, se revela o poder mundano em maior escala.

Reflita, por um momento, nos judeus contemporâneos de Jesus, que tinham uma expectativa mundana do Messias: ele instituiria o Reino de Deus por meios militares e políticos - conquistaria Roma, subjugaria os pagãos etc.

Sabemos que tais esperanças foram frustradas. Em vez de marchar sobre Jerusalém com seus exércitos, Jesus promoveu uma campanha de misericórdia e amor, manifestados pelas refeições com coletores de impostos e outros pecadores.

E todos aprendemos a lição certo? Parece que não. Porque, hoje, muitos cristãos ainda esperam a mesma vingança messiânica que os judeus do séc. I aguardavam.

Apesar de ter vindo pacificamente a primeira vez, dizem eles, Cristo voltará com uma santa vingança no fim, e esmagará seus inimigos com força poderosa.

Você Chama A Isto Ira?

Mas e se a segunda vinda de Jesus se revelar muito parecida com a primeira? Será que muitos cristãos ficariam desapontados?

Talvez, porém Scott acha que não devemos ficar, pois, embora o Apocalipse narre uma boa quantidade de fomes, pragas e pestes, ainda assim o capítulo 6 retrata o castigo dos magnatas e poderosos como a "ira do Cordeiro".

Por que João usa a imagem do Cordeiro aqui? Que tipo de terror um cordeiro realmente inspira? Por que ele não falou da ira do Leão de Judá?

Do mesmo modo, por que os que "não amaram a própria vida a ponto de temer a morte" conseguiram "vencer" depois da primeira vinda de Cristo? Ou por que os lados opostos se mostram tão desiguais: dois dragões e uma besta terrestre atacam a mulher grávida quando ela dá a luz o bebê Messias?

Certo, lá está São Miguel Arcanjo, mas o melhor que ele faz é chutar o dragão para fora do céu - de modo que agora o diabo está livre para perseguir a mulher no deserto e depois combater o resto de sua descendência.

Em suma, as condições estão estabelecidas - de maneira desfavorável!

E a cena final (cap. 19), quando Cristo vem vingar "o sangue de seus servos" (v 2)? Ali vemos alguém chamado "Fiel e Verdadeiro" que monta um cavalo branco, acompanhado por exércitos vestidos de linho branco (é essa a melhor armadura?), que luta só com uma espada - que sai "de sua boca"! Por que não está em sua mão direita? Por que não brande a espada? Claro, ela é a espada do Espírito, a Palavra de Deus, que ele prega - e não uma arma militar de destruição em massa.

Então ele captura a besta e o falso profeta e os lança vivos no lago de fogo abrasado com enxofre. Note que ele não os mata primeiro, não os retalha, nem exulta sobre seus cadáveres.

Em seguida, o destino dos ímpios é descrito nos dois capítulos seguintes simplesmente em termos de sua exclusão da nova Jerusalém. Que espécie de retribuição é essa? Por que Jesus é ainda um Cordeiro, até o fim? E por que um banquete de núpcias, em vez de uma festa de vitória?

Scott sugere que as expectativas de muitos cristãos a respeito da segunda vinda de Cristo passem por uma retificação. Do contrário, vamos nos sentir desapontados - como se sentiram os judeus contemporâneos de Jesus no séc. I.

Talvez precisemos repensar a imagem comum de Deus reprimindo sua ira - "Espere só, você vai ver como fico irado e vingativo de verdade" - examinando-a com mais cuidado, à luz de sua paternidade perfeita.

Isso não elimina a ira divina; simplesmente adapta-a à imagem consistente de Deus que Jesus proporciona.

Como Scott já disse, analisar o julgamento de Deus em termos de paternidade divina não abaixa o padrão de justiça nem diminui a severidade do julgamento; em geral, os pais exigem mais dos filhos e filhas que os juízes dos acusados.

Então, qual deve ser nossa imagem da segunda vinda de Jesus?

Para Scott, ela é eucarística e se realiza quando a Missa traz o céu para a terra. Do mesmo modo que o sacerdote terreno fica diante do pão e do vinho e diz: "Este é o meu corpo", e assim transforma as espécies, também o sumo sacerdote Cristo fica diante do cosmo e pronuncia as mesmas palavras.

Estamos na terra, enquanto as espécies estão no altar. Estamos aqui para sermos transformados: para morrer para nós mesmos, viver para os outros e amar como Deus.

É o que acontece no altar da terra, exatamente como acontece nos altares de nossas igrejas.

Como o fogo desceu do céu para consumir os sacrifícios no altar de Salomão, assim também o fogo desceu no primeiro Pentecostes.

O fogo é o mesmo, é o Espírito Santo, que permite sermos oferecidos como sacrifícios vivos no altar da terra. É isso que faz sentido na segunda metade do Apocalipse.

O Caminho Nupcial Da História

Faz sentido, também, nos acontecimentos de nossa vida cotidiana. À luz do fogo divino, vemos as notícias diárias não como sons sem sentido e sem nexo, mas como uma narrativa da qual já conhecemos o fim.

Todas as coisas da história - na história universal e em nossa história pessoal - concorrem para o bem dos que amam a Deus (veja Rm 8,28), pois Cristo é Senhor da história, seu início (veja Jo1,1) e seu fim (veja Cor 4,5).

Cristo está firme no comando e quer que reinemos com ele como sua esposa. Assim, precisamos lutar para obter nosso trono, mas nossa luta dificilmente é horrível.

Podemos até considerá-la em termos românticos. A história é o relato da corte que Cristo faz a sua Igreja, aos poucos nos atraindo para nosso banquete de núpcias, o banquete do Cordeiro.

Ele nos olha como Adão olhou para Eva e diz "Eis, desta vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne!" (Gn 2,23). A Igreja é, ao mesmo tempo, sua esposa e seu corpo, pois no matrimonio os dois se tornam *uma só* carne (veja Mt 19,5).

Assim, Cristo olha para nós e diz: "Este é *o meu* corpo".

Deus pretende que toda a história - quer determinados acontecimentos pareçam maus para o "nosso lado" - nos conduza à eterna comunhão de nosso banquete de núpcias.

Não devemos subestimar o desejo de Cristo de que compareçamos à festa. Lembre-se que ele é uma esposo a espera da esposa. Assim, as palavras apaixonadas que disse aos apóstolos também são verdadeiras para nós: "Eu desejei tanto comer esta Páscoa convosco antes de padecer!" (Lc 22,15).

Nem devemos subestimar o poder de Jesus para nos conduzir à festa. Afinal de contas, ele é Deus onipotente, onisciente.

A comunhão eterna com a Igreja é o que ele quer e é, com certeza, o que ele alcança agora mesmo. A comunhão amorosa com sua Igreja é a razão pela qual criou o mundo.

Assim, todos os acontecimentos de todos os tempos devem nos levar, de maneira inexorável, ao acontecimento que vemos de forma mística nos últimos capítulos do livro do Apocalipse.

A Resistência ao Descanso

O inferno, então, parece levar a melhor no mundo, mas não leva. Em certo sentido, a Igreja está no comando.

Nossas orações e, em especial, o sacrifício da Santa Missa são a força que impulsiona a história em direção a seu objeto. De fato, no sacrifício da Missa, a história alcança seu objetivo, porque ali Cristo e a Igreja celebram e consumam sua união.

Como devemos então entender nosso combate constante? Se, em certo sentido, a história já alcançou seu objetivo, por que devemos lutar?

Porque nem todo mundo veio à festa, mesmo que nós e Scott tenhamos vindo. Assim, precisamos continuar a resgatar o tempo, a restaurar todas as coisas em Cristo.

Lembre-se que quando vamos a Missa levamos conosco o trabalho profissional, a vida familiar, os sofrimentos e o lazer, e todas essas coisas se tornam sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo, durante a celebração da Eucaristia.

Scott diz que Deus deseja que nós desempenhemos um papel indispensável na história da salvação. "O Espírito e a esposa dizem: 'Vem!'“ (Ap 22,17). Note que não é só o Espírito que faz o chamado à humanidade, mas o *Espírito e a esposa*.

A esposa é a Igreja - somos eu e você, diz Scott.

Entretanto, nosso inimigo, a besta, não consagra nada. Trabalha incansavelmente e, às vezes, nos intimida com sua diligência; mas seus esforços são infecundos. Ela é 666, a criatura atolada no sexto dia, em trabalho perpétuo, mas sem nunca chegar ao sétimo dia, de descanso e adoração.

Desse modo, a luta continua e fomos alistados para o serviço ativo. Precisamos, porém, começar a luta bem perto de casa. Nossos inimigos mais perigosos são os que encontramos em nossa alma: orgulho, inveja, preguiça, gula, avareza, ira e luxúria.

Antes de avançar nos inimigos que estão na sociedade em geral, precisamos identificar nossos hábitos pecaminosos e começar a erradicá-los. Ao mesmo tempo, precisamos crescer na sabedoria e na virtude que nos fazem mais como Cristo.

Só progrediremos se viermos a nos conhecer como realmente somos, isto é, como pareceremos para Deus todo-poderoso.

Quando se viu diante do Cordeiro de Deus, João avaliou corretamente a situação e se prostrou humildemente. Precisamos ver a verdade com a mesma clareza. Assim, precisamos ver as coisas na mesma luz divina.

Contudo, como podemos ver, se estamos envoltos em trevas? A única maneira é entrarmos no mesmo lugar limpo e bem iluminado onde João teve sua visão: Adoração no Espírito, no dia do Senhor - que é, ao mesmo tempo, a cidade celeste onde "não haverá mais noite” (Ap 22,5).

Somente na nova Jerusalém nos veremos como somos, pois lá enfrentaremos o julgamento; lá leremos o que está escrito no livro da vida. É o céu, mas não precisamos morrer para ir até lá.

A nova Jerusalém é o monte Sião, é a Igreja da sala superior e nos alcança na Santa Missa.

Não Podemos Nos levantar Porque Caímos

Queremos nos conhecer. Por isso precisamos usar bem as partes da Missa que são reservadas à introspecção: O ato penitencial, por exemplo, com o "Senhor, tende piedade" e o "confesso".

Isso exige *recolhimento*, uma tranquilidade interior que nos permita examinar nossos pensamentos, palavras e atos. Se queremos ficar recolhidos, ajuda chegar à Igreja bem antes da Missa e começar nossa oração.

O recolhimento interior possibilita nos concentrarmos na realidade da Missa, não importa o que aconteça à nossa volta: bebês que choram, música ruim ou homilias medíocres.

A fim de nos preparar para a Missa, devemos também tirar frequente proveito do sacramento da Reconciliação, confessando nossos pecados depois de um profundo exame de consciência.

Lembre-se do conselho da *Didaqué*, o guia litúrgico mais antigo da Igreja: devemos nos confessar antes de receber a Eucaristia para que nosso sacrifício seja puro.

Embora a Igreja só *exija* que nos confessemos uma vez por ano, o irresistível ensinamento dos santos e papas é que nos confessemos "frequentemente". Que frequência é essa? Varia de acordo com as circunstâncias e os conselhos do padre confessor.

Entretanto, devemos seguir o bom exemplo dos santos, que sabemos, confessavam-se ao menos uma vez por semana, e os mestres espirituais de mais confiança aconselham o mínimo de uma vez por mês.

Se somos sinceros diante de Deus, nos veremos, em nossos corações, nos prestando humildemente, como fez João.

Rezaremos com sinceridade perfeita a oração antes da comunhão: "Senhor, eu não sou digno de que entreis...".

Aqui está Muito Cheio

O que vemos quando ficamos na luz? Vemos que somos pecadores e somos fracos; mas também vemos muito mais.

Vemos que nesta guerra somos, de longe, o lado mais forte. Na Missa, invocamos os anjos e adoramos ao lado deles, como fez João - como seus iguais diante de Deus! Pedimos a ajuda deles.

Ouça com atenção o prefácio da Missa, imediatamente antes de entoar o "Santo, Santo, Santo": "Eis, pois, diante de vós todos os anjos que vos servem e glorificam sem cessar, contemplando a vossa glória. Com eles, também nós, e, por nossa voz, tudo o que criastes, celebramos o vosso nome, cantando a uma só voz".

Algumas liturgias orientais ousam numerar os anjos: "milhares e milhares e dez mil vezes dez milhares de hostes de anjos e arcanjos". Nesse contexto a palavra "hostes" indica poder militar - como "legiões" ou "divisões". Parece que a Missa é uma invasão da Normandia no domínio espiritual.

Também invocamos os santos, e os reconhecemos pelo nome.

Na *Oração Eucarística I* do cânon romano, o sacerdote lê uma longa lista de apóstolos, papas, mártires e outros santos - vinte e quatro, para corresponder exatamente aos *presbyteroi* que estão ao redor do trono de Deus no Apocalipse.

Na guerra espiritual, os santos são aliados poderosos. Lembre-se de que, no Apocalipse, a vingança de Deus segue de perto as orações dos mártires sob seu altar.

Em algumas liturgias orientais - por exemplo, na antiga liturgia de São Marcos - as comunidades repetem as orações dos mártires: "*Esmagai sob nossos pés Satanás e toda sua perversa influência. Humilhai agora, como em todos os tempos, os inimigos da Vossa Igreja. Revelai o orgulho deles. Mostrai-lhes depressa sua fraqueza. Arruinai as maldosas intrigas que eles planejam contra nós. Levantai, ó Senhor, e fazei com que vossos inimigos se dispersem e que todos os que odeiam vosso santo nome sejam postos em fuga"*.

Sem dúvida, temos força e poder do nosso lado. Dizemos isso no "Santo, Santo, Santo" que cantamos, junto com os anjos, em todas as Missas das quais participamos.

Devemos nos assegurar de dar a esse cântico tudo que temos. Você já viu um forte exército marchar em formação? Os soldados se movem com precisão unificada e cantam com prazer e confiança.

É assim que devemos proceder na liturgia: com confiança, com alegria. Não negamos a força do inimigo; apenas glorificamos o fato de Deus ser mais forte, e Deus é nossa força!

Faça os Demônios Saírem Correndo

Não basta, claro, conhecer a nós mesmos e aos anjos. Precisamos conhecer a Deus cada vez mais, e essa é uma atividade interminável (e eternamente compensadora).

Quanto mais aprendemos a respeito dele, mais percebemos que não sabemos e, sem a graça, não podemos saber.

Ao vir conhecer a Deus, saberemos que forças e recursos usar na batalha. Assim, devemos nos preparar para a Missa durante toda a vida, pela constante formação doutrinária e espiritual.

Nenhum soldado entra em combate sem treinamento. Também nós não devemos pensar que conquistaremos demônios se formos fracos em nossa fé.

Precisamos passar pelos rigores do treinamento básico, levar uma vida tolerante e disciplinada de oração e estudar a fé todos os dias, ler a Bíblia, ouvir música e assistir a programas católicos, ler livros católicos (em especial o *Catecismo da Igreja Católica*). Tudo isso é tarefa para uma vida inteira.

Nosso estudo doutrinal investe de poder cada palavra e gesto da liturgia. Fazemos o sinal-da-cruz, s*abendo* que ele é o estandarte que levamos à batalha - e diante desse estandarte os demônios tremem.

Mergulhamos os dedos na água benta *sabendo*, nas palavras de Santa Tereza Dávila, que essa água faz os demônios fugirem.

Recitamos cada verso do Glória e do Credo como se nossas vidas dependessem dele, pois dependem mesmo.

E o que "acontece" no campo de batalha quando recebemos na sagrada comunhão Jesus Cristo, Rei dos reis e Senhor dos senhores?

Os santos nos dizem que expulsamos o inimigo naquele momento e depois ficamos em vigília *com a atenção de Jesus*.

Um monge do séc. V, do monte Sinai, atestou que "quando entra em nós, esse fogo expulsa imediatamente os maus espíritos de nosso coração e perdoa os pecados que cometemos antes... E se depois disso, ficamos na entrada de nosso coração e mantemos estrita vigilância sobre o intelecto, quando temos nova permissão de receber esses mistérios, o corpo divino ilumina ainda mais nosso intelecto e o faz brilhar como uma estrela".

Assim, o brilho da Missa vai para casa conosco como o dia perpétuo da Jerusalém celeste. À medida que crescemos na graça, nossa Missa se torna uma luz que arde também dentro de nós, em meio a nosso trabalho e nossa vida familiar.

Isso é segurança em tempo de guerra, pois o exército mais fraco dificilmente ataca à luz do dia.

E o diabo sabe: quando a luz de Cristo está de um lado da batalha, a escuridão do inferno é o lado mais fraco.

O Dia D

Contudo, a batalha continua a ser batalha. Mesmo se nossa vitória estiver assegurada, a luta em si não será necessariamente fácil, e isso é verdade em especial na Missa.

Conhecendo o poder da graça, o diabo nos atacará com mais violência, diz o antigo mestre, "por ocasião das grandes festas e durante a liturgia divina - especialmente quando pretendemos receber a sagrada comunhão".

Qual é nosso combate em particular durante a Missa? Talvez seja precaver-se contra o desprezo pela mulher com um perfume forte demais, ou pelo homem que canta, desafinado, a letra errada.

Talvez seja conter nosso julgamento do paroquiano que vai embora antes do fim da Missa. Talvez seja nos voltar para o outro lado quando começamos a imaginar até onde vai realmente aquele decote. Talvez seja sorrir, compreensivos, para a mãe com o bebê que não para de chorar.

Essas são as batalhas árduas. Talvez não sejam tão românticas quanto sabres que colidem em um deserto longínquo ou marchas no meio de gás lacrimogêneo para protestar contra a injustiça.

Mas porque estão ocultas com tanta perfeição, porque são tão *interiores*, elas exigem um heroísmo maior. Ninguém, a não ser Deus e seus anjos, vai notar que esta semana você não criticou mentalmente a homilia do vigário.

Ninguém, a não ser Deus e seus anjos, vai notar que você se absteve de julgar a família que não estava vestida decentemente.

Portanto, você não ganha medalha; em vez disso, vence uma batalha.

Choque de Realidade - Suporte-o

A realidade "desvelada" do Apocalipse de João é tão terrível quanto é consoladora. Contudo, a boa nova é que, com ajuda celeste, nós a suportamos.

Somos filhos do Rei do universo; mas vivemos em meio a perigo constante, cercados por tenebrosas forças espirituais que querem destruir nossa alma, nossa coroa e nosso direito nato.

Porém, se quisermos, a vitória é nossa. Nossa tradição está certa em associar a Missa com a *Todah*, antigo sacrifício de ação de graças de Israel.

A *Todah* era uma expressão de confiança total: oração para se livrar dos inimigos, oração para se livrar da morte eminente - e, ao mesmo tempo, a *Todah* dava graças porque Deus responderia às orações.

Recorde, também, a previsão dos rabinos de que a *Todah* era o único sacrifício que não desapareceria na época messiânica. Assim, rezamos com confiança em todas

as Missas: "livrai-nos do mal"; e, desse modo, damos graças a Deus por nossa libertação.

Na sagrada comunhão, recebemos o pão que vai nos sustentar, até mesmo durante o mais longo dos cercos. Na Missa, quando ficamos ao lado de nossos aliados celestes, o diabo é impotente.

Diante do altar, aproximamo-nos do céu, a única fonte de graça infinita que muda nossos corações pecaminosos. No banquete das núpcias do Cordeiro, nós mesmos somos entronizados para, por meio de nossas orações, reinar sobre a história.

Neste tempo milenário, muita gente virá até você proclamando que o fim do mundo está próximo e que o último conflito além-mar é, com certeza, a batalha do Armagedom.

Não se assuste. Diga-lhes que sim, o fim está próximo; sim, a Apocalipse é agora. Mas a Igreja *sempre* ensinou que o fim está próximo - tão próximo quanto a Igreja paroquial.

E é uma coisa *para* a qual você deve correr, não *da* qual deve fugir.

Em qualquer batalha em que estejamos impacientes para entrar com armas terrenas, devemos primeiro entrar com armas do espírito.

Você que justiça para o povo oprimido em toda a terra? Quer alívio para os mártires de além-mar? Não corra até a prefeitura.

Se quer trazer o Reino, deve primeiro adorar bem, com a maior frequência possível, onde quer que o santuário do Rei se faça presente por meio da Missa.

Capítulo 3 - A Ideia de Paróquia

O Apocalipse como Retrato de Família

O céu é uma reunião de família com todos os filhos de Deus; e isso é verdade também, do céu na terra: a Santa Missa.

Voltemos àquela passagem impressionante de Hebreus: "Mas vós não vos aproximastes da montanha de Sião... a Jerusalém celeste... e da assembleia dos primogênitos, cujos nomes estão inscritos nos céus” (Hb 12,22-23).

Na Missa, o céu toca a terra e inclui a família do próprio Deus.

No Apocalipse, João apenas intensifica a imagem. Ele descreve nossa comunhão com Cristo nos mais extraordinários termos íntimos, como "o banquete das núpcias do Cordeiro" (Ap 19,9).

História da Família

Todavia, para entender esse laço de família, muitos de nós teremos de por de lado nossas modernas ideias ocidentais a respeito da família.

Vivemos em uma época em que as famílias são bastante móveis; pouca gente morre na cidade onde nasceu. Vivemos em uma época de famílias pequenas; menos crianças de hoje contam com tios e tias e inúmeros primos, como as gerações anteriores.

Quando os modernos dizem "família", em geral entendemos o núcleo familiar: a mãe, o pai e um ou dois filhos.

Entretanto, para apreciar a visão de João, temos de vislumbrar um mundo muito diferente, no qual a grande família ampliada definia o universo de determinado indivíduo.

A família - a tribo, o clã - era a identidade primordial do homem e da mulher e determinava onde eles viveriam, como trabalhariam e com quem poderiam se casar. Com frequência as pessoas traziam um sinal distinto da identidade familiar, como um anel de sinete ou um marca distintiva no corpo.

No mundo antigo, uma nação era, em grande parte, uma rede dessas famílias, como Israel, que abrangia as doze tribos designadas com os nomes dos filhos de Jacó.

O que unificava cada família era o laço da *aliança*, a ideias de cultura mais ampla do que constituía as relações humanas, os direitos, os deveres e as lealdades.

Quando uma família acolhia novos membros, pelo casamento ou por alguma outra aliança, os dois lados - os novos membros e a tribo estabelecida - selavam o laço da aliança com um juramento solene, partilhando uma refeição comum ou oferecendo um sacrifício.

O relacionamento de Deus com Israel definia-se por uma aliança, e Jesus descreveu sua relação com a Igreja nos mesmos termos. Na última ceia, ele abençoou a taça da *nova aliança* em seu sangue (veja Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20; ICor11,25).

O livro do Apocalipse deixa claro que essa nova aliança é o mais próximo e mais íntimo dos laços de família. A visão de João conclui com o banquete das núpcias do Cordeiro e sua esposa, a Igreja.

Com esse acontecimento, nós cristãos selamos e renovamos nossa relação de família com o próprio Deus.

Em nossos corpos trazemos a marca da tribo de Deus.

Chamamos o próprio Deus de nosso verdadeiro Irmão, nosso Pai, nosso Esposo.

O Deus que é Família

No Apocalipse, os fiéis trazem na fronte a marca dessa família sobrenatural. Durante séculos, os cristãos primitivos lembravam a si mesmos essa realidade traçando o sinal-da-cruz em suas frontes.

Repetimos a mesma coisa, hoje, quando fazemos o sinal-da-cruz; marcamos nossos corpos, "em nome de" nossa família divina: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Assim, no Apocalipse e também na Missa, a família de Deus - como qualquer família tradicional no antigo Israel - encontra sua identidade no nome da família e em seu sinal.

Contudo, eis a revelação mais notável: nossa família não tem só *o nome* de Deus - nossa família *é* Deus.

O cristianismo é a única religião cujo Deus único é uma família. Seu nome mais apropriado é Pai, Filho e Espírito Santo.

Disse o papa João Paulo II: "Em seu mais profundo mistério, Deus não é uma solidão, mas uma família, pois ele tem em si paternidade, filiação e a essência da família que é o amor".

Para Scott, essa é uma verdade de importância fundamental. Note que ele não disse que Deus é *como* uma família, mas que ele *é* uma família.

Por quê? Porque Deus possui, desde a eternidade, os atributos essenciais da família - paternidade, filiação e amor - e só ele os possui em perfeição.

Talvez seja mais correto, então, dizer que os Hahns (ou qualquer outro lar) são como uma família, pois nossa família teme esses atributos, mas só imperfeitamente.

Deus é uma família e nós somos Dele. Ao instituir a nova aliança, Cristo fundou uma Igreja - seu corpo místico - como extensão de sua encarnação. Ao assumir a carne, Cristo a divinizou e estendeu a vida da Trindade a toda humanidade, pela Igreja.

Incorporados ao Corpo de Cristo, somos "filhos no Filho". Somos filhos na eterna família de Deus. Compartilhamos a vida da Trindade.

A Igreja Católica não é nada menos que a família universal de Deus.

Afinidade Pela Trindade

Como católicos, renovamos nosso laço da família a aliança no banquete das núpcias do Cordeiro - ação que é, ao mesmo tempo refeição compartilhada, sacrifício e juramento (sacramento).

O Apocalipse desvelou a Eucaristia como uma festa nupcial na qual o eterno Filho de Deus inicia a mais íntima união com sua esposa, a Igreja. É essa "comunhão" que nos une a Cristo, que faz de nós filhos no Filho.

Na preparação para esta comunhão - nossa nova aliança, nosso matrimônio místico - precisamos, como esposas, deixar para trás nossas vidas antigas.

Como esposas, renunciar o nosso antigo nome por um novo. Seremos para sempre *identificados* com Outro: nosso Amado, Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O matrimônio exige que os esposos façam um ato de abnegação completo e total, como o de Cristo na cruz.

Mas somos fracos e pecadores e achamos insuportável a simples sugestão de tal sacrifício.

Eis a boa nova. Cristo se torna um de nós, para oferecer sua humanidade como sacrifício perfeito.

Na Missa, unimos nosso sacrifício ao dele, e essa união faz nosso sacrifício perfeito.

Sem sentir nenhuma Dor

A Missa é o perfeito e "definitivo" sacrifício do Calvário, apresentado no altar do céu por toda eternidade. Não é um "espetáculo repetido".

Há só um sacrifício; ele é perpétuo e eterno e, assim, jamais precisa ser repetido. No entanto, a Missa é *nossa participação* nesse sacrifício único e na vida eterna da Trindade no céu, onde o Cordeiro "que parece imolado" está de pé eternamente.

Como isso acontece? Como Deus oferece sacrifício? A *quem* Deus oferece sacrifício?

Na divindade, no céu, este amor vivificante continua de modo indolor mas eterno. O Pai derrama a plenitude de si mesmo; não retém nada de sua divindade.

Gera eternamente o Filho. O Pai é acima de tudo, amante Doador de vida e o Filho é sua imagem perfeita. Assim, o que mais é o Filho além de amante que dá a vida?

E ela dinamicamente espelha o Pai desde toda a eternidade e derrama a vida que recebeu do Pai; devolve a vida ao Pai como expressão perfeita de ação de graças e amor.

A vida e o amor que o Filho recebeu do pai e devolve ao Pai *é* o Espírito Santo.

Por que falar nisso agora? Porque é isso que acontece na Missa!

Os cristãos primitivos admiram-se tanto com esse fato que se inclinam a cantar a respeito dele, como neste hino sírio do século VI: "Exaltados estão os mistérios deste templo no qual o céu e a terra simbolizam a Trindade exaltíssima e a revelação de nosso Salvador".

A Missa faz presente, no tempo, o que o Filho faz desde toda a eternidade: Amar o Pai como o Pai ama o Filho e devolver o dom que recebeu do Pai.

Uma Grande Mudança

Esse dom é a vida que estamos destinados a compartilhar; mas antes precisamos sofrer significativa mudança.

Como somos agora, não temos capacidade de dar tanto ou receber tanto; a chama infinita do amor divino nos consumiria. Sozinhos, porém, não somos capazes de mudar.

É por isso que Deus nos dá sua vida nos sacramentos. A graça compensa a fraqueza da natureza humana. Com sua ajuda, fazemos o que não faríamos sozinhos, a saber, amar perfeitamente e sacrificar totalmente.

O que faz desde a eternidade, o Deus Filho começa a fazer agora na humanidade. Ele não muda, em absoluto; pois Deus é imutável, eterno, sem princípio nem fim. Quem muda não é Deus, mas a humanidade.

Deus assumiu nossa humanidade, de modo que todo gesto, todo pensamento dele - do momento em que foi concebido até o momento em que morreu na cruz - tudo que ele fez na terra foi um ato do Filho por amor ao Pai. O que ele é desde a eternidade, ele se manifestou em sua humanidade.

Assim, o amor perfeito agora tem lugar no tempo porque Deus assumiu nossa natureza humana e usa-a para expressar o amor vivificante do Filho pelo Pai. Por sua vida e morte, Jesus divinizou a humanidade. Uniu-a ao que é divino.

E toda vez que recebemos a Eucaristia nós recebemos essa humanidade fortalecida, divinizada e glorificada do amor divino do Filho pelo Pai. Só com essa grande efusão da graça podemos sofrer a mudança exigida para entrar na vida da Trindade.

A Eucaristia nos muda.

Agora, somos capazes de fazer todas as mesmas coisas que fizemos antes - mas tornando-as divinas em Cristo: tornando cada um de nossos gestos, pensamentos e sentimentos uma expressão de amor pelo Pai, uma ação do Filho dentro de nós.

Problemas Tribais

Entrar pelo casamento em qualquer família significa grandes mudanças. Entrar pelo casamento na família de Deus significa transformação completa.

Que diferença faz? Toda a diferença do mundo e mais alguma.

Com essa mudança - nas palavras de um Padre siríaco do séc. IV, Afraate - o homem se torna o templo de Deus, como Deus é o templo do homem.

Adoramos, como diz o Apocalipse, "no Espírito". Habitamos na Trindade. Agora, também moramos na casa de Deus, a Igreja, que foi construída sobre a rocha (veja Mt 7,24-27;16,19).

Agora, somos chamados por seu nome (veja Ef 4, 3-6). Agora, participamos da mesa do Senhor (veja 1Cor 10,21). Agora, compartilhamos sua carne e seu sangue (veja Jo 6,53-56). Agora, sua mãe é nossa mãe (veja Jo 19, 26-27).

Agora, entendemos por que chamamos os sacerdotes "padre" e o papa de nosso "Santo Padre" - porque eles são outros Cristos, e Cristo é a imagem perfeita do Pai. Agora, entendemos por que chamamos as religiosas "irmã" e "madre" - porque, para nós, elas são imagens da Virgem Maria e da Mãe Igreja.

Agora, mais claramente que antes, entendemos por que os santos no céu importa-se tanto com nosso bem estar. *Somos sua família*!

Jamais devemos nos esquecer dos cristãos que se foram antes de nós. Em nossa oração e nossos estudos, precisamos reconhecer sua companhia e sua ajuda.

Pelo exemplo dos santos, precisamos aprender a nos importar igualmente com os que ficam ao nosso lado durante a Missa toda semana. *Porque eles são nossa família em Cristo* - e nossa santidade comum começa agora.

Pense nisto: se todos perseverarmos juntos, diz Scott, nós e ele partilharemos para sempre um lugar com Cristo - *com os paroquianos ao lado dos quais cultuamos hoje*.

Isso o incomoda? Talvez, nós tenhamos, de repente, se lembrado dos paroquianos que mais o irritam (Scott diz que sabe, pois se lembrou!).

O céu é realmente o céu, se todos os nossos vizinhos estão lá? O céu é o paraíso, mesmo que o padre Fulano de Tal também o alcance?

Esse é o *único* tipo de céu em que devemos pensar. Lembre-se, somos uma família do tipo antigo: um clã, uma tribo.

Estamos todos juntos nisso, o que não significa que vamos sempre *sentir* afeição pelas pessoas que vemos na Missa. Significa que precisamos amá-los, suportar suas fraquezas e servi-los - porque também eles foram identificados com Cristo.

Sem amá-los não amamos Cristo. Amar pessoas difíceis nos purifica. Talvez só no céu nosso amor se aperfeiçoe de maneira tal que realmente possamos também *gostar* dessas pessoas.

Santo Agostinho falou de um homem que, na terra, tinha problemas crônicos de gases; no céu, sua flatulência se transformou em música perfeita.

Divulgue-a

A comunhão dos santos não é apenas uma doutrina. É uma realidade vivida, só percebida quando levamos vidas de fé constante.

Mas é mais real que o chão em que pisamos. É uma realidade permanente, mesmo que essa permanência não se manifeste continuamente em nossa paróquia.

Precisamos, neste exato momento, abrir nossos olhos de fé. O céu é aqui. Nós o vimos desvelado.

A comunhão dos santos está à nossa volta, com os anjos, no monte Sião, sempre que vamos à Missa.

Capítulo 4 - O Rito dá Forças

A Diferença que a Missa faz

Ir à Missa é ir para o céu, onde "Deus... enxugará toda lágrima" (Ap 21,3-4). Porém, o céu é ainda mais que isso.

O céu é onde nos colocamos sob julgamento, onde nos vemos na clara luz matinal do dia eterno e onde o justo juiz lê nossas obras no livro da vida. Nossas obras nos acompanham quando vamos para o céu. Nossas obras nos acompanham quando vamos à Missa.

Ir à Missa é renovar nossa aliança com Deus, como em uma festa de núpcias - pois a Missa é o banquete das núpcias do Cordeiro. Como em um casamento, fazemos votos, comprometemo-nos, assumimos uma nova identidade. Mudamos para sempre.

Ir à Missa é receber a plenitude da graça, a própria vida da Trindade. Nenhum poder no céu ou na terra nos dá mais do que recebemos na Missa, pois recebemos Deus em nós mesmos.

Jamais devemos subestimar essas realidades. Na Missa, Deus nos dá sua própria vida. Isso não é apenas uma metáfora, um símbolo ou uma antecipação.

Precisamos ir à Missa com olhos e ouvidos, mente e coração abertos à *verdade* que está diante de nós, a verdade que se eleva como incenso. A vida de Deus é uma dádiva que precisamos receber apropriadamente e com gratidão.

Ele nos dá graça como nos dá fogo e luz. Fogo e luz, mal usados, podem nos queimar ou cegar. De modo semelhante, a graça recebida indignamente sujeita-nos a julgamento e a consequências muito mais terríveis.

Em toda Missa, Deus renova sua aliança com cada um de nós, colocando diante de nós a vida e a morte, a bênção e a maldição.

Precisamos escolher a bênção para nós e rejeitar a maldição, e precisamos fazer isso desde o início.

Fazendo Estardalhaço

A partir do momento em que entra na Igreja, você se coloca sob juramento. Ao mergulhar o dedo na água benta, você renova a aliança que se iniciou com seu Batismo.

Talvez você tenha sido batizado quando bebê; seus pais tomaram a decisão por você. Mas agora, com esse simples movimento, você toma a decisão por si mesmo.

Toca com a água benta a fronte, o coração, os ombros e os persigna com o "nome" com que foi batizado.

Relacionada com esse movimento, está sua aceitação do credo, que seus pais aceitaram em seu nome no seu Batismo. Relacionada com esse movimento está sua rejeição a satanás e todas as suas pompas e obras.

Ao fazer isso, você comprova, dá testemunho, como o faria no tribunal. No tribunal, a testemunha põe em jogo sua pessoa, sua reputação e seu futuro. Se não disser a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, sabe que sofrerá sérias consequências.

Também você está sob juramento. Não se esqueça: a palavra latina *sacramentum* significa, literalmente, "juramento".

Quando faz o sinal-da-cruz, você renova o sacramento do Batismo, desse modo renovando sua obrigação de corresponder aos direitos e deveres da nova aliança. "Amarás o Senhor teu Deus, com todo teu coração, com todo teu ser, com todas as suas forças"; "amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Você jura, de modo especial, dizer a verdade durante esta Missa, pois este é o tribunal do céu: aqui, Deus abre o livro da vida; aqui, você ocupa o banco das testemunhas.

Muitas e muitas vezes durante a Missa você diz "Amém", a palavra aramaica que transmite consentimento e conformidade: Sim! Assim seja! De verdade!

Amém é mais que resposta, é compromisso pessoal. Quando diz "Amém", você compromete sua vida, portanto é melhor ser sincero.

Assim, na Missa, você não é mero expectador. É participante. É *sua* a aliança que você vai renovar.

É *sua* a aliança que Jesus em pessoa vai renovar aqui e agora.

Refeição de Juramento

Sempre que fazia uma aliança, Deus também entregava um programa para sua renovação. Uma aliança não era apenas um acontecimento passado; era constante, perpetuamente presente, continuamente posta de nove em prática.

Gerações se passaram desde a alcançado Sinai; mas sempre que os filhos de Israel renovavam essa aliança, sempre que celebravam a Páscoa, era como se a aliança fosse feita *naquele dia*.

A Missa é nossa perpétua renovação da nova Aliança. A Missa é um juramento solene que fazemos diante de inúmeras testemunhas, como no tribunal do livro do Apocalipse.

"*Por isso, com todos os anjos e santos cantamos...*" Quando o céu toca a terra, recebemos o privilégio de rezar ao lado dos anjos. Mas também recebemos o dever de viver de acordo com nossas orações. Esses mesmos anjos vão nos considerar responsáveis por todas as palavras que rezamos.

E não só pelo que rezamos, mas pelo que ouvimos, pois é a Palavra de Deus que ouvimos proclamada e não as promessas de algum político a quem podemos dar ou recusar nosso voto.

Ouvimos a Palavra de Deus e não algum noticiário que pode ou não merecer nossa confiança. Nos tribunais terrenos, as testemunhas apenas juram *sobre* a Bíblia; na Missa, juramos *para* a Bíblia. Ouvimos a Palavra de Deus; estaremos preso a ela.

"*Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica*". Vivemos pelo ensinamento desta Igreja, sem restrição e sem exceção?

Os estudos mostram que mais de 90% dos católicos dos Estados Unidos, por exemplo, rejeitam o preceito da Igreja quanto ao controle de natalidade Contudo, presumimos que esses mesmos católicos colocam-se sob juramento todo domingo e recitam o Credo.

Quais são as consequências desse enorme falso testemunho?

"*Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam*". Nós, que suplicamos a misericórdia divina, colocamos essa condição em sua misericórdia: que primeiro perdoaremos os que nos ofenderam.

Contudo, quase todos carregamos conosco alguns ressentimentos, até mesmo para dentro da Igreja.

"*A paz do Senhor esteja convosco. O amor de Cristo nos uniu*". Estendemos simbolicamente a paz para nosso próximo. Mas quantas vezes se passam entre o fim da Missa e o primeiro acesso de raiva?

"O Corpo de Cristo. Amém". Com que atenção recebemos o Pão da Vida, o Cristo da fé e da história? Se saudássemos um rei terreno com a mesma atenção, como seríamos julgados?

Ouvir a Palavra de Deus. Receber o Pão da Vida. São mistérios profundos; são dádivas inacreditáveis; contudo, são também compromissos poderosos.

Na Missa, recebemos a vida divina, o poder divino, mais forte que as maiores forças da terra. Pense na eletricidade, que ilumina seu lar para seu coração. Pense no fogo, que aquece sua família ou consome um quarteirão da cidade.

São apenas vagas sombras do poder sobrenatural de Deus que criou o fogo e formou a terra do nada. Se ensinamos nossos filhos a tratar a eletricidade e o fogo com respeito, com muito mais respeito devemos tratar os mistérios do céu, que nos saciam na sagrada comunhão!

Verdade - ou Consequências

Não temos desculpas para o julgamento que provocamos quando não vivemos conforme nosso testemunho.

Ouça o testemunho de São Paulo: "Por isso, quem comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente tornar-se-á culpado para com o corpo e o sangue do Senhor" (ICor 11,27).

Culpado para com o corpo e o sangue do Senhor! Não é uma coisa sem importância. Para assegurar um sacrifício puro, os cristãos primitivos confessavam os pecados - em público!

Hoje, o sacramento da confissão é particular e não tão penoso. Tiramos o máximo proveito dele?

"Eis porque há entre vós tantos doentes e aleijados, e vários morreram (ICor 11,30).

Não ousamos rejeitar isso como obsoleto ou supersticioso. Paulo falava a sério e a Igreja, mesmo hoje, preserva essa ideia em sua liturgia.

A má comunhão traz o castigo sobre nossas cabeças. Antes de receber a comunhão, o sacerdote diz: "Que... não seja para mim causa de juízo e condenação, mas... sirva de sustento e remédio para nossas vidas".

Receber a comunhão é, então, receber o céu - ou provocar o mais severo castigo para si. Em algumas épocas e em alguns lugares, o peso desse julgamento manteve os cristãos afastados da comunhão por anos a fio.

Porém essa não é a solução de Paulo. Em vez de ficar afastado, ele recomenda o arrependimento: "Examine-se cada um a si mesmo, antes de comer deste pão e beber deste cálice" (ICor 11, 28).

É um exame no qual ninguém passa. Somos todos pecadores. Ninguém é digno de se aproximar de Deus onipotente - sem falar em iniciar a comunhão com ele. Até São João, o discípulo amado e modelo de pureza e virtude, caiu por terra cheio de espanto quando viu seu melhor amigo, Jesus Cristo, na glória.

Como respondemos interiormente quando, o sacerdote eleva a hóstia e diz: "Este é o Cordeiro de Deus..."?

Não há nenhuma dúvida: precisamos travar as batalhas espirituais que nos dão recolhimento, atenção e contrição durante a Missa.

Verdadeiro Amor, Sempre

Queremos a bênção da aliança e não a maldição. Quanto mais nos preparamos para a Missa, mais graça recebemos da Missa. E lembre-se: a graça disponível na Missa é infinita - é toda a graça do céu. O único limite é nossa capacidade de recebê-la.

Essa bênção é puro poder, embora não como o mundo entende o poder. Graça significa liberdade, embora não como o mundo entende a liberdade.

A união com Cristo fez Simão Pedro mais forte que o imperador romano Nero, embora Nero ordenasse a morte de Pedro. Pedro recebeu o céu; Nero governava o mundo, mas foi consumido por suas perversões, que ficaram ainda mais depravadas e o levaram ao suicídio em 68 d.C.

A graça compensa todas as fraquezas de nossa natureza humana. Com a ajuda de Deus, faremos o que jamais faríamos sozinhos: amar perfeitamente, sacrificar completamente, sacrificar a vida como Cristo fez.

Não nos apegaremos a nada da terra, preferindo, em vez disso subir ao céu.

Os mártires do Apocalipse são os que falam do altar. São sacramentos do sacrifício eucarístico de Cristo. Em suas vidas, manifestaram a verdadeira natureza do amor: abnegação sacrifical.

Podemos viver esse martírio onde quer que estejamos. Não precisamos viajar para países opressores anticristãos a fim de serem mártires.

Só precisamos fazer as mesmas coisas que sempre fizemos - mas agora fazendo de cada um daqueles gestos, atos, pensamentos e sentimentos uma expressão de amor pelo Pai, imitação do Filho dentro de nós.

É isso que significa viver a Missa.

Fazer Prodígios

É o que significa ser missionário e mártir, restaurar todas as coisas em Cristo.

Significa fazer o jantar para Cristo e, por intermédio dele, para o Pai e para os filhos dele, que são os seus.

Significa ir trabalhar e desempenhar uma tarefa com amizade pelos colegas e não apenas para obter um salário melhor o ano que vem ou conseguir uma promoção, mas sim para ganhar uma herança eterna.

Lembre-se de novo das palavras do Vaticano II: "*Assim todas as suas obras, preces e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso do*

corpo e da alma... tornam-se hóstias espirituais agradáveis à Deus, por Jesus Cristo, hóstias que são piedosamente oferecidas ao Pai com a oblação do Senhor na celebração da eucaristia".

Toda nossa vida prende-se à Missa e se torna nossa participação na Missa. Quando o céu desce à terra, levantamos nossa terra para encontrá-lo no meio do caminho.

É esse o esplendor do que é comum: o mundo prosaico torna-se nossa Missa. É assim que realizamos o Reino de Deus. Quando começamos a ver que o céu nos espera na Missa, já começamos a levar nosso lar para o céu.

E já começamos a trazer o céu conosco para casa. Passamos a ser mártires, testemunhas de Jesus Cristo, de quem conhecemos intimamente a parusia, a presença.

O Banquete Está Pronto

Fomos feitos como criaturas na terra, mas fomos feitos para nada menos que o céu.

Fomos feitos no tempo, como Adão e Eva, contudo não para ficar em um paraíso terrestre, mas para ser levados à vida eterna do próprio Deus.

O céu foi desvelado para nós, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, *agora*.

A comunhão para a qual Deus nos criou é *agora*.

O céu toca a terra e espera você, *agora*.

Jesus Cristo em pessoa lhe diz: "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, *entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo*" (Ap 3, 20).

A porta se abre *agora* para o banquete das núpcias do Cordeiro.

Notas Explicativas

Capítulo 1 – No Céu Agora Mesmo

"Passaram-me para trás!!!"

Essa relação que Scott faz entre a liturgia e a Sagrada Escritura é um dos pontos chaves de seu livro, não só pelo fato dele demonstrar que a Missa, o Santo Sacrifício, é a chave para o entendimento do Apocalipse, mas porque tudo que compõe a Revelação (e a liturgia é um dos locais onde a Tradição está presente) não pode ser dissociado, ou será entendido de maneira equivocada (*se* for entendido!).

Isso vai bem no sentido da explicação que Sávio e Djalma deram no tópico sobre a "Sola Scriptura".

Além disso, ele nos ajuda a perceber a realidade espiritual que se esconde sob os atos mais simples da liturgia.

Nos ensina que isso é algo objetivo, independente de nossa "experiência" (critério tão em voga nestes tempos de pentecostalismo). Não importa se nossa experiência na Missa foi tudo menos "celestial".

De fato, pode ter sido uma hora desconfortável, interrompida pelo choro de bebês, cantos ou monótonos ou vindos de uma espécie de "Show da Xuxa", divagações, homilias sem pé nem cabeça e vizinhos vestidos como se fossem a um jogo de futebol.

Mesmo assim, vamos realmente ao Céu quando vamos à Missa, independente da qualidade da música ou do fervor da homilia. Claro que para a maioria, que vai ao rito paulino, isso é um pouco mais difícil, já que esse rito é problemático desde seu nascimento, mas, mesmo nele, não é uma questão de se "ver o lado brilhante" ou ter caridade com o Padre e a equipe de liturgia, trata-se de algo que é objetivamente verdade, a Missa é o Céu na terra.

Uma parte importante no relato de Hahn é a sua postura de alma, sua atitude intelectual.

Como famoso teólogo calvinista ele, ao se deparar com algo tão estranho e intrigante, passa a questionar o que vê, mas ao começar a obter respostas, com a honestidade intelectual de quem vê a Luz (pois quem não tem tal honestidade, age com malícia, reconhecendo a Verdade, mas procurando subterfúgios para não aderir a ela), conta:

"Porém agora não faço perguntas como acusador ou curioso, mas como filho que se aproxima do pai, pedindo o impossível, pedindo para segurar na palma da mão uma estrela luminosa e distante."

Capítulo 2 – A História do Sacrifício

A Respeito do Cordeiro

Aqui nesse ponto do livro, podemos fazer uma pequena explicação sobre o sacrifício, baseada em obre do Pe. Emanuel (um espiritual francês do século XIX).

O que vem a ser sacrifício? Sacrifício é um ato de religião que consiste em destruir, ao menos de certa maneira, uma coisa para a honra de Deus, pois não existe um sinal mais conveniente para exprimir o soberano domínio Dele sobre as criaturas. O sacrifício é o ato mais excelente no culto divino.

O sacrifício difere da simples oblação, que consiste em oferecer a Deus qualquer coisa que lhe pertença.

Ensina o Pe. Emanuel:

"Em rigor a oblação pode ser feita a um homem, visto que Deus mesmo concedeu ao homem o domínio das coisas exteriores. Pelo contrário, o sacrifício, que atinge a coisa oferecida no

íntimo do seu ser, não se pode dedicar a não ser ao Criador e Soberano de todas as coisas."

O sacrifício exterior é o sinal do sacrifício interior, da imolação de si própria que toda criatura inteligente e livre deve ao Criador, como sinal de Sua soberania e perfeição infinita.

Diz ainda o Pe. Emanuel:

"Os anjos oferecem perpetuamente a Deus este sacrifício, ou antes diz Santo Agostinho, toda Jerusalém celeste não é outra coisa senão um único e perpétuo sacrifício, oferecido a Deus por Jesus Cristo. No homem, este ato inteiramente espiritual, exige ser expresso por um sinal. Daí provém o sacrifício propriamente dito, que é uma imolação duma coisa qualquer em honra do verdadeiro Deus."

O sacrifício é a linguagem misteriosa com a qual o homem "fala" com Deus. Mesmo sem o pecado, o sacrifício seria uma exigência da majestade divina, só que esse sacrifício seria apenas de louvor, como o do altar dos perfumes, colocado diante da cortina do Santo dos Santos no Templo de Jerusalém, onde os sacerdotes queimavam incensos. Ele exprimia louvor e adoração, era incruento.

Magnetismo animal

Ao mesmo tempo que Deus estabeleceu a Lei do Sacrifício, também estabeleceu as condições para que tal ato lhe fosse agradável. Santo Agostinho enumera essas condições:

1) É preciso um sacerdote que ofereça a vítima, um sacerdote que seja santo e justo; pois o sacerdote é um mediador entre Deus e os homens, e, se não fosse santo e justo, não poderia reconciliar os homens com Deus. Esse sacerdote não podia ter defeito corporal, era submetido a abluções para ser separado dos homens comuns e tinha de casar com uma virgem e de guardar a castidade na semana em que exercia suas funções no Templo.

2) É preciso que a vítima seja tomada das mãos daqueles pelos quais é oferecida, numa palavra, que ela lhes pertença, que os represente; que eles tenham direito sobre ela, que possa ocupar o lugar deles.

3) É preciso que a vítima seja tomada sem mancha e sem defeito; de outro modo não poderia servir para purificar, para reparar tudo o que há de manchado e defeituoso naqueles por quem é oferecida.

O interessante é que tais requisitos, como um fundo de verdade derivado da religião primitiva (adâmica), também estavam presentes em muitos cultos pagãos.

Entre os romanos, a vítima era apresentada aos sacerdotes, que a examinavam cuidadosamente. Eles a queriam branca como a neve. Uma vez escolhida, ela recebia uma grinalda. Diz Luciano: “Os sacrificadores coroam o animal, depois de tê-lo longamente examinado e reconhecido como perfeito, nada querendo imolar que não seja digno da divindade; depois conduziam a vítima ao altar”.

Explica o Pe. Emanuel:

“São dignas de nota estas últimas palavras. Era preciso que a vítima lá chegasse de bom grado! Ela era amarrada; daí provem o nome de vítima (de “*vincta*”). Todavia não se usava de

coação para levá-la. ‘As vítimas’, diz Cícero, eram conduzidas, não arrastadas: ‘*ducebantur, non trahebantur victimae*’. Observou-se, diz Macróbio, que os sacrificadores devolviam a hóstia, ‘quando ela fazia uma grande resistência ao altar; se, pelo contrário, ela se apresentava sem constrangimento, eles a julgavam agradável à divindade’”.

Trazida ao lugar do sacrifício, era preciso que a vítima representasse aqueles que a ofereciam e, desse modo, eles impunham-lhes as mãos como um símbolo do fato dela carregar o pecado de todos. Esse rito, prescrito em Levítico I, 4 também era (e é onde ainda se praticam sacrifícios) comum entre os pagãos.

Esses ritos teriam todo seu simbolismo revelado no Sacrifício da Cruz, mas antes de se falar dele, devemos entender mais alguns pontos.

Os judeus tinham três tipos de sacrifício cruento: o **holocausto**, inteiramente consumido em honra a Deus; o **expiatório**, no qual uma parte era consumida e outra comida pelos sacerdotes; e o **pacífico**, do qual uma parte se queimava, uma era comida pelos sacerdotes e outra comida pelos que tinham oferecido a vítima.

Ensina o Pe. Emanuel:

“Os holocaustos e as hóstias pacíficas eram sempre acompanhadas de oferendas e libações; ou seja, com a vítima ofereciam-se flor de farinha, sal, óleo, incenso e vinho. O óleo era derramado sobre a farinha, que formava assim uma pasta temperada com sal; o sacerdote queimava um punhado dela sobre o altar com o incenso. Quanto ao vinho, o historiador Flávio Josefo nos informa que ele era derramado em torno do altar. Eram como os prelúdios do sacrifício. A ideia mestra disso era a necessidade de oferecer a Deus uma refeição completa, onde entrasse o pão e o vinho”.

Os pagãos, novamente, tinham cerimônias semelhantes. Os romanos começavam por derramar o vinho entre os chifres da vítima, era a libação. São Paulo alude a esse costume (Fil. II, 17). Depois eles espalhavam igualmente sobre a cabeça da vítima migalhas duma pasta salgada, denominada “mola”. Plínio diz a respeito: “O sal goza dum grande favor nos sacrifícios, pois nenhum se consuma sem a aspersão duma parte salgada”. Antes deles dissera a Sagrada Escritura: “Toda vítima seja temperada com sal!” (Lev. II, 13). Esta última cerimônia chamava-se imolação e como logo em seguida havia a degolação da vítima, essa própria degolação passou a ser chamada imolação.

Com a vítima imolada, o sangue era derramado em honra de Deus e esse era mais um rito praticamente universal. Algumas vezes, nos sacrifícios solenes havia a aspersão do povo com o sangue. Aquilo que era consumido pelo fogo julgava-se agradar a Deus em odor de suavidade. Quanto ao resto da vítima, cabia, quer somente aos sacerdotes quer a esses e aos que aos quer tinham oferecido a vítima, como já foi dito. No último caso, entre os judeus, os sacerdotes guardavam para si o peito e a espádua direita.

Comenta o Pe. Emanuel:

“Estas duas partes serviam para umas cerimônias misteriosas, que se chamavam elevação e

agitação. A primeira consistia em elevar a hóstia para oferecê-la a Deus; a segunda em deslocar sucessivamente a vítima no sentido dos quatro pontos cardeais, o que equivalia a traçar uma cruz. Para elevação se queria obter o olhar favorável de Deus sobre a vítima, e, pela agitação, espalhar, por assim dizer, a sua virtude expiadora pelos quatro cantos do mundo. Quando Moisés ofereceu ao Senhor os levitas como vítimas, eles foram submetidos à cerimônia da agitação, que consistiu, sem dúvida, em fazê-los executar, em volta do Tabernáculo, certos movimentos em forma de cruz...".

Contudo, tudo isso era uma mera simbologia. Somos todos pecadores e não se pode encontra entre os homens um sacerdote conveniente, todas as vítimas são indignas. Diz São Paulo: "É impossível que o sangue dos cabritos e dos touros apague os pecados" (Heb X, 4).

Foi então na plenitude dos tempos que o próprio Filho de Deus, feito homem, apresentou-se como vítima, uma só vez, para a remissão dos pecados. Ensina Santo Agostinho:

"Qual é o sacerdote que se possa igualar, em santidade, ao Filho Unigênito de Deus, o qual não tinha nenhuma necessidade de expiar, pelo sacrifício, os seus próprios pecados, quer o original, quer os atuais? Que vítima mais adequada poderia Deus receber da mão dos homens? Que mais apropriado a imolar-se do que um corpo mortal?

Que coisa mais pura para purificar os homens de suas manchas do que um corpo concebido por uma virgem e dela nascido, a salvo de qualquer alcance da concupiscência?

Enfim, que oferenda mais agradável, mais digna de aceitação do que o próprio corpo de nosso sacerdote, Jesus feito vítima do nosso sacrifício?".

Assim, todas as condições do sacrifício estão reunidas e a vítima é, ao mesmo tempo, o sacerdote. Esse é o Sacrifício perfeito. Escreve ainda Santo Agostinho:

"Pode-se considerar um sacrifício sob quatro pontos de vista: daquele a quem é oferecido, daquele que oferece, da coisa oferecida, daqueles por quem é oferecida. Ora, no sacrifício pacífico pelo qual Ele nos reconcilia com Deus, Jesus, nosso único e Verdadeiro Mediador, permanece uma mesma coisa com Seu Pai, ao Qual Ele o oferece; reúne em Si mesmo aqueles por quem o oferece; enfim, é ao mesmo tempo, tanto o sacerdote que oferece como vítima que é oferecida."

Estado elevado ao altar: Cap. II
Jerusalém como capital régia

Com a construção do Templo de Jerusalém, por volta de 960 a.C, Israel passou a oferecer os sacrifícios cotidianos ao Deus todo poderoso em ambiente majestoso.

Todos os dias, os sacerdotes sacrificavam dois cordeiros, um de manhã e um à noite, para expiar os pecados da nação.

Esses eram os sacrifícios essenciais; mas, durante todo o dia, a fumaça subia de muitas outras oferendas particulares.

Bodes, touros, rolas, pombos e carneiros eram oferecidos sobre o altar de bronze erguido ao ar livre na entrada do átrio interno do Templo.

O "lugar santo" do Templo ficava depois desse altar e o "Santo dos Santos" - a habitação de Senhor- era ainda mais atrás.

O "altar do incenso" ficava bem diante do Santo dos Santos.

Somente os sacerdotes podiam entrar no átrio interno do Templo.

Somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos e, mesmo ele, só rapidamente e apenas uma vez por ano, no Dia do Grande Perdão, *Yom Kippur*, pois até o sumo sacerdote era pecador e, assim, indigno de permanecer na presença de Deus.

O Templo de Jerusalém reuniu todas as variedades de sacrifício que existiam antes.

Construído no local onde Melquisedec ofereceu Pão e Vinho, Abraão, seu filho e onde Deus fez o juramento de salvar todas as nações, o templo servia de lugar permanente de oferendas, a principal das quais era idêntica àquele antiquíssimo sacrifício de Abel: o Cordeiro.

O grande dia do sacrifício continuou a ser festa da Páscoa, quando até dois milhões e meio de pessoas peregrinavam a Jerusalém, provenientes dos extremos longínquos do mundo conhecido.

Josefo relata que na Páscoa de 70 d.C. - apenas alguns meses antes que os romanos destruíssem o Templo e cerca de quarenta anos depois da ascensão de Jesus - os sacerdotes ofereceram mais de um quarto de milhão de cordeiros no altar do templo - 255,600, para ser exato.

(**Estado elevado ao altar: Cap. II**
Jerusalém como capital régia)

Para acompanhar este tópico, sugiro a leitura e meditação do capítulo 53 de Isaías.

Ritos da vítima

O sacrifício de Melquisedec tem relação direta com o sacrifício de Jesus e, em consequência, com a Missa.

Desde o pecado, houve sempre sacrifícios cruentos. O pecado trouxe consigo não só a morte como castigo, mas também como reparação.

Diz o Pe. Emanuel:

"Contudo, em tempos remotos, notamos a oblação incruenta de Melquisedec, que traz em suas mãos sacerdotais o pão e o vinho. O estudo mais aprofundado da Antiguidade chegou a comentar esta passagem misteriosa do Gêneses, dando-nos a conhecer que este gênero de oblação era o mais usado entre os povos primitivos. Dados à vida pastoril, eles ofereciam a Deus, de preferência, bolos de flor de farinha, com leite, óleo e vinho. Os sacrifícios cruentos eram relativamente mais raros. Havia nisso, como diz Bossuet, alguns vestígios da primeira inocência e da doçura na qual tínhamos sido formados."

Com o correr do tempo, prevaleceram os sacrifícios cruentos, já que o próprio preço que ele exige representa melhor nossa dependência para com Deus.

Deus nos tirou do nada e constantemente nos conserva no ser; estamos como que suspensos sobre o nada pelo tênue fio que nos prende ao Senhor. A criatura existe na medida exata em que deriva do Ser supremo, sua razão de existir é uma dependência ontológica. Nada melhor, portanto, que o sacrifício cruento, o ato máximo, para representar tal dependência (como já foi explicado no começo do tópico).

Não obstante, já observamos que quase todos os sacrifícios cruentos eram acompanhados por uma oblação de flor de farinha e vinho. O próprio cordeiro pascal era comido com pães ázimos. **O pão e o vinho acompanhavam qualquer vítima.**

Comenta, então, o Pe. Emanuel:

"Havia nisto uma figura do sacrifício da lei nova, que devia ser oferecido por Nosso Senhor, segundo o rito de Melquisedec. Com efeito, temos uma vítima, o próprio Nosso Senhor; temos também o pão e o vinho. Só que o Espírito Santo vem fundir numa só coisa, por assim dizer, estes dois elementos do sacrifício, colocando a vítima adorável, por uma mudança de substancia, debaixo das aparências de pão e vinho.

Assim estes não são mais, como antigamente, simplesmente justapostos à vítima, mas mudados nela, e a recobrem com as suas aparências. Encobrindo-a deste modo, eles a fazem aparecer verdadeiramente como vítima, pelo fato de assinalarem a separação do corpo e do sangue. E todavia, eles lhe conferem o caráter de oblação incruenta, para cumprir as figuras e as profecias."

O Salvador não quis que o seu Sacrifício sangrento, de onde nasceu a Igreja, permanecesse entre nós apenas como uma lembrança longínqua, a ser atingida pela fé. Foi vontade sua perpetuar esse Sacrifício ao longo do tempo, tornando-o presente a cada instante que passa a história do mundo.

Assim como o Verbo nos poderia ter salvado sem a Encarnação redentora, e entretanto quis salvar-nos pelo contato da sua Carne e aspersão do seu Sangue, assim decretou continuar a pôr a sua Carne em contato com a nossa e aspergir-nos com seu Sangue de **modo sacramental no Sacrifício da Missa**.

O motivo de tal vontade não foi, de certo, a ineficácia e imperfeição do Sacrifício da Cruz. Perfeito e acabado em si, logo definitivo, resta-lhe todavia a ser aplicada a virtude,

pessoalmente, a cada homem que aparece no mundo. Nesse sentido podia São Paulo falar no que faltava à Paixão de Cristo e que ele mesmo completava pelo Corpo de Cristo que é a Igreja (Col. I, 24).

Ora, nada falta à Paixão de Cristo a não ser a nossa participação individual. Resta, portanto, esta aplicar-se a cada criatura humana, em todos os tempos e lugares (Mediator Dei, n. 72-73). Resta ainda que o culto perfeito, uma vez rendido ao Altíssimo, no Calvário, perdure no tempo, pois que ele é devido todos os dias a todos os homens.

Nosso Senhor com o "Está consumado" diz que o seu sacrifício estava consumado e este sacrifício não salva ninguém, mas redime o gênero humano.

A redenção, ou salvação objetiva, abre novamente as portas do céu para o gênero humano. Mas a salvação subjetiva, ou simplesmente salvação, depende de nossa participação no sacrifício supremo.

Para assegurar, pois, a presença perpétua de seu único e definitivo Sacrifício sangrento, o Senhor, na véspera de padecer, instituiu o Sacrifício não-sangrento, a Missa.

No Cenáculo, o rito era representação antecipada da imolação da Cruz, depois, passou a ser **representação comemorativa** dela.

Como outrora Melquisedec, rei de Salém (futura Jerusalém) e sacerdote do Altíssimo (Gên. XIV, 18), ofereceu pão e vinho, assim Cristo, sacerdote segundo a ordem de Melquisedec (Sl.CIX, 4; Heb V, 6; VII, 11-32), ofereceu ao Senhor pão e vinho, símbolo de seu Corpo e de seu Sangue.

"Quem mais sacerdote do sumo Deus que Nosso Senhor Jesus Cristo, ele que ofereceu um sacrifício a Deus Pai, aquele mesmo que havia oferecido Melquisedec: pão e vinho, quer dizer o seu Corpo e o seu Sangue?" (São Cipriano, Epist. 63, n. 4).

Tendo instituído o rito, o Divino Mestre acrescentou: "Fazei isto em memória de mim".

Capítulo 3 - A Missa dos primeiros cristãos

Nesse momento em que o livro de Hahn começa a tratar da Missa, poderemos fazer um estudo mais aprofundado dela em paralelo aos resumos de Ana.

Os Apóstolos tinham recebido do Senhor, na véspera de sua Paixão, o poder e o mandamento de celebrar o Sacrifício da Nova Aliança. Deveriam para isso refazer, em memória dele, ISTO que Ele mesmo tinha feito naquele dia, oferecer sob as espécies do pão e do vinho transubstanciados no Seu Corpo e no Seu Sangue em virtude de Suas palavras, a Vítima propiciatória imolada na Cruz de uma maneira sangrenta.

Os mais antigos documentos, nos mostram quão os Apóstolos e seus sucessores observaram fielmente esta ordem.

Pela própria natureza das coisas e com a autoridade recebida do próprio Cristo ou do Espírito de Pentecostes, os Apóstolos deviam completar a simples repetição dos gestos da Quinta Feira Santa com um conjunto de ritos. Iam eles tornar solenes sua "comemoração" e fazer dela uma verdadeira cerimônia religiosa.

Esta cerimônia não tinha por fim somente manter um sentimento interior de fidelidade à uma lembrança cujo mérito variasse segundo as disposições subjetivas do celebrante e dos participantes. Ela iria ter os efeitos objetivos de um ATO, efeitos esses realizados em virtude da própria instituição de Jesus Cristo, que quis estar presente sob as espécies sacramentais. Uma única condição: que o padre humano se faça instrumento exato do Sacerdócio único e soberano, conformando-se por sua fé e por sua intenção à Vontade Daquele que é Senhor de seus dons:

"Fazei isto"

Houve assim, na origem, em todas as igrejas locais do Oriente e do Ocidente, uma liturgia mais ou menos uniforme, que vem atestado por alusões dos mais antigos Padres da Igreja: Doutrina dos Doze Apóstolos (Didachê), primeira Epístola de Clemente aos Coríntios, Epístola de Barnabé, cartas de Santo Inácio, de São Justino, Santo Irineu, etc.

Esta liturgia, ainda um tanto indeterminada nos pormenores, deixando lugar a certas improvisações, iria, no correr dos três primeiros séculos, se cristalizar pouco a pouco em algumas liturgias-típicas que deveriam se fixar numa determinada forma em conformidade ao gênio particular de cada povo.

Antes de continuar, devemos lembrar que os Apóstolos pregaram o Evangelho num espaço político-geográfico definido, o Império Romano (com a exceção de São Tomé que foi para Índia). Mais tarde o Império foi dividido, em Império do Oriente e Império do Ocidente.

Sendo assim, as liturgias se cristalizaram ora no que era o Império oriental, ora no que era o ocidental e daí é que vem a denominação de "rito(s) oriental(is)" e "rito(s) ocidental(is)".

Alguns conceitos
Um pequeno lembrete de conceitos:

Missa: sacrifício incruento do corpo e sangue de Jesus Cristo oferecido sobre os nossos altares, debaixo das espécies de pão e de vinho, em memória do sacrifício da cruz.

Liturgia: culto público (no sentido de ser em nome de toda a Igreja).

Rito: ordem prescrita para a liturgia, o conjunto das funções no culto público.

Um exemplo de liturgia é a Missa, assim como o Ofício Divino.

Popularmente, podemos usar tais termos como sinônimos.

Capítulo 4 – Saboreie e Veja (e Ouça e Toque) o Evangelho

A liturgia forma hábitos

Dando continuidade ao estudo do desenvolvimento e importância da liturgia eucarística, em especial no rito romano, temos de chamar atenção para certas noções.

Em primeiro lugar, desenvolvendo o conceito de rito já apresentado, vemos que as diversas formas do culto cristão remontam ao próprio Cristo, consubstanciando-se em costumes sancionados pela autoridade eclesiástica.

O desenvolvimento da liturgia (até o Vaticano II) sempre foi orgânico, nunca fabricado. Mesmo no nascimento, as formas litúrgicas cristãs não constituíram algo tão inédito. Da mesma forma que a Igreja primitiva se separou progressivamente da Sinagoga, as liturgias das jovens comunidades católicas se separaram pouco a pouco do ritual judaico. Por isso, notamos a relação da celebração eucarística com as refeições judaicas (principalmente a do sabá e a da Páscoa) e das partes mais antigas do Ofício Divino com a prece sinagogal.

Por causa da fé no Ressuscitado é que a ruptura com a Sinagoga ocorre; no domínio dos ritos, contudo, as diferenças com os judeus não a avançam tanto. É assim que após o dia de Pentecostes os novos batizados continuam a participar do culto no Templo (Atos II, 46) e São Paulo convida quatro judeus nazarenos a cumprir seu voto no Templo de Jerusalém e fazer o sacrifício prescrito (Atos XXI, 23 – 26).

O que havia realmente de novidade no culto cristão, o memorial do Senhor em companhia do que se passou durante a Ceia, estava ligado, no seu nascimento, ao rito judeu da fração do pão, realizado pelo próprio Jesus.

Esse quadro da Igreja paleocristã vale para a Igreja primitiva. Durante os primeiros três ou quatro séculos a liturgia se desenvolveu por todo canto mais ou menos da mesma maneira.

2 - A revelação de Deus

Capítulo 2 - Quem é quem no Céu

O Elenco de Milhares no Apocalipse

Interessante na análise de Scott é a visão orgânica da Bíblia em si, como um todo, e dela com a Tradição (a liturgia é um dos locais onde encontramos a Tradição). Bem diferente dos atuais exegetas, que analisam tudo como blocos independentes, sob um pseudo cientificismo.

Só Para Ilustrar!
Espere um pouco e verás uma maravilha!!

O significado do *Tau*

O **TAU**, além de ser um símbolo Bíblico é a última letra do alfabeto hebraico e a 19ª do grego, derivado dos Fenícios e correspondente ao "T" em Português.

O papa Inocêncio III dá o significado do Tau como um sinal da verdadeira fé em Jesus Cristo pela sua semelhança com a Cruz. Em Ezequiel 9,4 Vemos: *"Percorre o centro de Jerusalém, e marca com uma Cruz (Tau) na fronte os que gemem e suspiram devido a tantas abominações que na cidade se cometem."*

São Francisco de Assis era devoto da Santa Cruz de Cristo por isso adotou o Tau e recomendava o seu uso. Os três nós que encontramos no cordão do Tau significam três votos:

Castidade, obediência e pobreza.

Outros Significados:

Lembrança da Redenção, da Cruz, do Amor.
Sinal de penitência e conversão interior.
Sinal de dor pelos pecados do mundo.
Rumo a uma espiritualidade sadia.
Recordação do nosso batismo.
Filhos de Deus.
Sinal dos que sofrem.
Sinal de Salvação.

Paz e Luz